



# MEMÓRIAS DA ABJICA

30 ANOS DE HISTÓRIA



© ABJICA – Associação dos Bolsistas JICA  
(Japan International Cooperation Agency) – São Paulo  
<http://www.abjica.org.br/>  
março de 2014

ORGANIZADORES

Patricia de La Sala  
Edwin Hideki Hasegawa  
Érica Midori Tanji  
Flávio Nakaoka  
Leni Meire Pereira Ribeiro Lima  
Luís Alberto Bucci  
Nanci Venâncio  
Paulo Ferreira  
Renato Guimarães Pereira

REVISÃO DE TEXTO

Carmen Kawano

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Leni Meire Pereira Ribeiro Lima  
Regiane Stella Guzzon

COLABORAÇÃO ESPECIAL

Felipe Sartori Sigollo  
Massahaki Shimada

TRATAMENTO DE IMAGENS

Paulo Andreetto de Muzio

A849m ABJICA – Associação dos Bolsistas Jica  
(Japan International Cooperation Agency) – São Paulo  
Memórias da ABJICA: 30 anos de história. Patrícia de La Sala [et al] org.  
São Paulo: Instituto Florestal, 2014  
174p.: 23 x 27 cm

Disponível em <http://www.abjica.org.br>

ISBN: 978-85-64808-03-4

1. Intercâmbio – Bolsistas. 2. Cooperação Técnica. 3. JICA. I. Autor II. Título

CDU: 37.014.242

Catálogo na fonte: Silvia Helena Marques CRB 2.586

Os textos e fotos que compõem esta obra  
foram cedidos pelos autores

# MEMÓRIAS DA ABJICA

30 ANOS DE HISTÓRIA

*Agradecemos aos autores dos textos pela  
participação e apoio ao projeto e a todos  
que direta ou indiretamente contribuíram  
para a realização desta obra*

## GERALDO ALCKMIN

**GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**P**arabéns para a Abjica por 30 anos de serviços dedicados à causa pública, à melhoria da qualidade de vida da população e à aproximação do relacionamento entre Brasil e Japão.

A Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) tem participado de importantes práticas governamentais no Estado de São Paulo, em especial aquelas ligadas ao meio ambiente e ao saneamento, como a recuperação da represa Billings e de seu entorno, dentro do Pró-Billings; o Programa de Redução de Perdas, diminuindo esses índices no caminho entre os mananciais e o abastecimento de água; e o Onda Limpa, feito no litoral de nosso Estado, beneficiando 3 milhões de pessoas com melhorias na coleta e no tratamento de esgotos.

Os beneficiados com os cursos de aperfeiçoamento da entidade envolvem profissionais que fazem parte de diversas secretarias estaduais e que, graças à JICA, puderam aprimorar seus conhecimentos em prol do serviço público e, acima de tudo, das pessoas.

Esta publicação resgata uma boa parte dessa produtiva história, cujos frutos são colhidos pelos paulistas no presente e apontam para novos e bem-vindos aprendizados futuros.

Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin



## NORITERU FUKUSHIMA

**CÔNSUL GERAL DO JAPÃO**

**CONSULADO GERAL DO JAPÃO EM SÃO PAULO**



É com imensa satisfação que parablenizo a ABJICA - Associação dos Bolsistas JICA - São Paulo - pelos seus 30 anos de fundação.

A ABJICA foi fundada em 1984 pelos ex-bolsistas da JICA. Atualmente com mais de 1500 bolsistas membros que representam áreas de atuação profissional distintas, envolvendo atividades científicas e culturais, a ABJICA vem dando apoio aos novos bolsistas e disseminando a cooperação técnica e cultural em território brasileiro. Desta forma, tem contribuído intensamente no desenvolvimento deste país. Como exemplo dos resultados desta cooperação, temos o atual presidente da ABJICA, Sr. Guenji Yamazoe, que trabalhou nas Secretarias da Agricultura e do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, e o ex-presidente da ABJICA, Sr. Seigo Tsuzuki, que após concluir a bolsa de estudos no Japão como médico, exerceu a função de Ministro da Saúde no Governo do então presidente Sarney.

Dentre as principais atividades de destaque da atual ABJICA, temos o *follow up* aos bolsistas recém-retornados do Japão. Através de eventos como seminários e palestras a ABJICA em conjunto com especialistas japoneses, tem estimulado o debate e o intercâmbio entre estes especialistas e os técnicos brasileiros, na difusão dos conhecimentos, aprimoramento tecnológico e publicação de monografias, entre outras atividades. Abordando temas de interesse

relevante no contexto internacional, a ABJICA tem contribuído para o avanço das relações entre o Japão e o Brasil.

Também podemos destacar o recente aumento no interesse do Brasil nas áreas de prevenção de desastres naturais, ambiente e segurança, entre outras, onde a JICA vem atuando intensamente. Principalmente na cooperação na área de prevenção de desastres naturais, vale destacar a cooperação entre a cidade de Mairinque, no Estado de São Paulo, e sua cidade irmã no Japão, a cidade de Mitsuke, na Província de Niigata. No âmbito desta cooperação, foi realizado um *workshop* internacional de conscientização para prevenção de desastres naturais, o que contribuiu muito para a informação dos participantes sobre como a prevenção levou a salvar muitas vidas no desastre natural ocorrido no leste do Japão, em 2011.

Desta maneira, a atuação da ABJICA em território brasileiro reforça os laços de amizade e cooperação entre o Japão e o Brasil. O governo japonês agradece a ABJICA pela inestimável atuação de todos os membros da associação nestes 30 anos de história, pelo qual me orgulho em formular minhas palavras de agradecimento e congratulações. Desejando um crescente desenvolvimento e fortalecimento ainda maior das relações de amizade entre os dois países, finalizo minhas palavras desejando a todos muito sucesso e felicidade. Muito obrigado!

祝辞

在サンパウロ日本国総領事館

総領事 福嶋 教輝

Associação dos Bolsistas da JICA (ABJICA) que comemora 30 anos de fundação com o coração.

ABJICA é formada em 1984 por ex-bolsistas da JICA. Atualmente com mais de 1500 membros que representam áreas de atuação profissional distintas, envolvendo atividades científicas e culturais, a ABJICA vem dando apoio aos novos bolsistas e disseminando a cooperação técnica e cultural em território brasileiro. Como exemplo dos resultados desta cooperação, temos o atual presidente da ABJICA, Sr. Guenji Yamazoe, que trabalhou nas Secretarias da Agricultura e do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, e o ex-presidente da ABJICA, Sr. Seigo Tsuzuki, que após concluir a bolsa de estudos no Japão como médico, exerceu a função de Ministro da Saúde no Governo do então presidente Sarney.

Dentre as principais atividades de destaque da atual ABJICA, temos o *follow up* aos bolsistas recém-retornados do Japão. Através de eventos como seminários e palestras a ABJICA em conjunto com especialistas japoneses, tem estimulado o debate e o intercâmbio entre estes especialistas e os técnicos brasileiros, na difusão dos conhecimentos, aprimoramento tecnológico e publicação de monografias, entre outras atividades. Abordando temas de interesse

relevante no contexto internacional, a ABJICA tem contribuído para o avanço das relações entre o Japão e o Brasil.

JICAと共に積極的な活動をされております。特に最近では防災分野での活動がめざましく、サンパウロ州マイリンケ市とその姉妹都市である新潟県見附市との間の防災関係協力事業や東日本大震災において多くの人命を救うに至った防災教育に関する国際ワークショップの開催などにも多大な貢献をされております。

ABJICAの活動はJICA研修を通じて育まれた日伯両国間の絆をより長く、より強くするものであり、日本政府としましても、その30年にわたる歴史に対して敬意と感謝の気持ちを表します。今後ABJICAの益々の発展と会員の皆様のご健勝を祈念致しまして祝辞とさせていただきます。

このたびは誠におめでとうございます。

## SATOSHI MUROSAWA

REPRESENTANTE CHEFE DA JICA NO BRASIL  
AGÊNCIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DO JAPÃO (JICA)



Comemoração do 30º (trigésimo) aniversário da Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo (ABJICA).

É com grande satisfação que dirijo esta mensagem em homenagem ao 30º aniversário de fundação da ABJICA. Igualmente, minhas sinceras congratulações pela edição do livro memorial dos 30 anos de profícuas atividades da ABJICA.

Anualmente, a JICA recebe aproximadamente 26 mil bolsistas vindos de cerca de 150 países. Esses bolsistas, que adquirem conhecimentos e tecnologias japonesas, contribuem efetivamente no desenvolvimento social e econômico do país de origem. Por meio das atividades das associações de bolsistas da JICA, as relações com o Japão e a JICA são desenvolvidas sem rupturas, em cada um desses países.

A ABJICA foi fundada em abril de 1984, e é a maior associação de ex-bolsistas da JICA no Brasil, com mais de 1500 ex-bolsistas membros cadastrados, podendo-se dizer que é uma das associações mais ativas dentre as numerosas associações de ex-bolsistas da JICA existentes no mundo. Ao longo do ano, a ABJICA realiza encontros, seminários, *workshops*, etc., com temas e em áreas de maior interesse em cada circunstância, e vem obtendo ótimas avaliações, não somente pelos estudiosos e pesquisadores, mas de todo

público em geral. E também os membros da ABJICA participam ativamente em eventos, tais como intercâmbio cultural entre Japão e Brasil, dedicando-se na promoção da integração nipo-brasileira.

Dentre os associados da ABJICA, especificamente aqueles que já fizeram parte dos conselhos e das diretorias, muitos desempenham posição de destaque na sociedade, em cargo de responsabilidade e com vida diária atribulada. Mesmo assim, a ABJICA alcançou resultados produtivos durante estes 30 anos, e, sem dúvida, isto é a consequência do entusiasmo, do esforço e do espírito voluntário de todos os associados. Em nome da JICA, apresento os meus mais profundos sentimentos de respeito.

A JICA considera todos os bolsistas como o seu tesouro e também como um ativo valioso, e deseja continuar a parceria, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil e para a relação de amizade e prosperidade entre Japão e Brasil. Neste sentido, a JICA espera que a ABJICA continue como a força motriz das atividades dos ex-bolsistas no Brasil. Nós nos comprometemos a apoiar as atividades da ABJICA.

Ao final, desejo saúde a todos e o progresso contínuo da ABJICA.

Muito Obrigado.

### メッセージ

独立行政法人 国際協力機構 (JICA)  
ブラジル事務所長 室澤智史

サンパウロ帰国研修員同窓会 (ABJICA) 30周年記念を祝して

サンパウロ帰国研修員同窓会 (ABJICA) が創立30周年を迎えられまして、誠におめでとうございます。また、この期に寄せて30周年記念誌をまとめられるとのこと、心からお祝い申し上げます。

さて、現在、JICAは年間約2万6千人の研修員を世界の約150の国・地域から受け入れており、日本で技術・知識を修得したこれらの研修員は母国の社会・経済開発に大きく貢献しています。また、各国にはJICA帰国研修員同窓会が設立され、日本、JICAとの関係が途切れることなく続いています。

ABJICAは1984年4月に設立され、現在、1,500人を超える帰国研修員が登録しているブラジル最大の同窓会です。また、数ある世界のJICA帰国研修員同窓会の中でも最も活発に活動している同窓会のひとつと言えるでしょう。年間を通じて、その時々に関心の高い分野やテーマでシンポジウム、セミナー、ワークショップ等開催され、学者や研究者のみならず、一般市民からも高い評価を得ています。また、日本とブラジルの文化交流等のイベントにも積極的に参加され、日本・ブラジル間の交流促進に努めておられます。ABJICA 会員の皆様、特にこれまで役員を務

められた皆様は、それぞれ社会の重要な地位を占められ、責任ある立場で活躍されており、多忙な日々を送られている方々ばかりですが、30年の長きにわたりABJICAが活発な活動を続けて来られたのは、一重に皆様の熱意と努力、そしてボランティア精神の賜物であり、JICAを代表して心より敬意を表します。

JICAは帰国研修員の皆様をJICAの貴重なアセット、JICAの宝であると位置付けており、今後ともパートナーとしてブラジルの社会・経済発展、日本とブラジルの友好親善と一緒に貢献していきたいと思っています。ABJICAはその先頭に立って、ブラジル帰国研修員の活動を牽引してもらいたいと思っています。JICAにおきましても、これまでと同様にABJICAの活動をご支援して参りたいと考えております。

最後に、ABJICAの益々のご発展をお祈り申し上げ、私のメッセージとさせていただきます。

**APRESENTAÇÃO**

O caráter interinstitucional e multidisciplinar da ABJICA 14

**HOMENAGENS**

Hirokazu Sasaki 18

Hiro Lia Okayama (*In Memoriam*) 20

**DEPOIMENTOS DOS EX-PRESIDENTES DA ABJICA**

Alberto Tomita 24

José Ignácio Sequeira de Almeida 26

Seigo Tsuzuki 29

Toshi-ichi Tachibana 30

Harumi Arashiro Goya 33

**BOLSISTAS EM DESTAQUE**

Agostinho Tadashi Ogura, Pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), Ex-Diretor do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden) 38

Álvaro Batista Camilo, Ex-Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo e Vereador pela Câmara Municipal de São Paulo 41

Hiroyuki Minami, Vereador pela Câmara Municipal de São Bernardo do Campo 45

Kokei Uehara, Professor Emérito da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e Conselheiro da ABJICA 46

Lucy Sayuri Ito, Assessora Chefe – Projeto para o Fortalecimento do Sistema de Saúde por Meio do Desenvolvimento de Recursos Humanos (Proforsa), Ministério da Saúde, Moçambique 48

Paulo Ferreira, Ex-Secretário Adjunto do Meio Ambiente e Conselheiro da ABJICA; Ex-Coordenador de Projetos, Superintendente e Diretor Técnico e de Meio Ambiente da Sabesp; Ex-Diretor de Controle da Poluição da Cetesb; Professor Adjunto da Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie 51

Ramon Flavio Gomes Rodrigues, Secretário Executivo da Secretaria dos Recursos Hídricos do Estado do Ceará 53

**PROJETOS INSTITUCIONAIS**

A criação do Laboratório de Dioxinas e Furanos, Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB) 58

Laboratório de Hidrologia Florestal Eng. Agr. Walter Emmerich, Instituto Florestal 60

Programa de Intercâmbio - Instituto Butantan 64

Sabesp e JICA: uma cooperação para a melhoria do saneamento do Estado de São Paulo, Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) 68

**PROJETOS DA ABJICA**

Estoque de Carbono na Biomassa do Arboreto Comemorativo dos 500 Anos do Brasil, Instituto Florestal 74

Bosque da Diversidade, Instituto Florestal e Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) 88

Osteoporose em Odontologia, Atividades da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (Fousp) & Graduate School of Medicine, Dentistry and Pharmaceutical Sciences of Okayama University 90

**DEPOIMENTO DE BOLSISTAS**

1975 Maria Nobuye Narimatsu 94

1976 Tiyo Sakurai 95

1980 Kikuo Tamada 97

1980 Valdemar Jorge 100

1980 Maria de Lourdes Sumiko Sueyoshi 102

1981 Mário Katsuragawa 103

1982 Caio Eduardo Ferreira Amaral 105

1983 Augusto Tulmann Neto 106

1984 José Shin-Ichiro Taniguchi 108

1988 Mauro Akerman 112

1989 Nozomu Makishima 113

1990 Genessi Franzoni 114

1990 Marco Palermo 116

1990 Dorcas Domingues 118

1990 Maria Luiza Costa Pascale 120

1990 Sunao Sato 122

1991 Alvaro Bottini dos Santos 124

1994 Marise Moura Dabul 126

- 2001 Silene Cristina Baptistelli 128  
2005 Felipe Francisco de Souza 130  
2006 Wilson Jorge dos Santos 132  
2007 Leni Meire Pereira Ribeiro Lima 134  
2007 Nanci Venancio 136  
2007 Renato Guimarães Pereira 138  
2008 Isis Akemi Morimoto 139  
2008 Maurício Kanno 144  
2008 Alexandre Jun Zerbini Ueda 147  
2009 Bruno Ieiri Ito 150  
2009 Nadir Tomi Kidoguchi 152  
2009 Lilian Miho Sakuno 153  
2010 Henry Yuzo Arimura 154  
2010 Maurício Massao Soares Matsumoto 155  
2011 Thaís Brianezi 157  
2011 Sérgio Hiroaki Ishikawa 159  
2011 Geni Satiko Sato 162  
2011 Rosa Yuka Sato Chubaci 164  
2012 Osvaldo Natale Vieira 166  
2013 Flávio Nakaoka 169

DIRETORIA - GESTÃO 2012 - 2014 172



Santuário Kasuga, Nara, Japão

## O CARÁTER INTERINSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR DA ABJICA

Os chamados “*dosokais*”, que congregam aqueles que viveram a mesma experiência, são muito arraigados na cultura japonesa. Aliás o próprio termo “*dosokai*” pode ser traduzido por “aqueles que conviveram na mesma janela”. Assim, na comunidade *nikkey* são muito comuns associações que reúnem ex-alunos de uma determinada escola ou de uma classe, imigrantes procedentes de uma mesma província ou que vieram no mesmo navio, ex-moradores de uma certa localidade, etc.

Com o objetivo de passar esse espírito de solidariedade e também para fortalecer a chamada “integração horizontal”, a Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA tem incentivado a criação e a manutenção de associações de seus ex-bolsistas. De acordo com o Relatório Anual da JICA de 2012, existem 130 associações de ex-bolsistas da JICA espalhadas pelo mundo, congregando 88 mil bolsistas. Em geral, em cada país onde a JICA atua e tem maior número de ex-bolsistas, existe uma dessas associações. Certamente o Brasil constitui uma das exceções, pois aqui existem 7 associações, refletindo o maior número de bolsistas da JICA, mais de 10 mil, aliado a grande extensão territorial do País.

O bolsista mais antigo no âmbito do Estado de São Paulo, da então *Overseas Technical Cooperation Agency (OTCA)*, antecessora da JICA, é de 1960 – lembrando

que a cooperação técnica japonesa no Brasil teve início em 1959. A Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo (ABJICA) foi fundada em 1984 e conta atualmente com cerca de 1400 associados, que receberam treinamento nas mais diversas áreas do conhecimento e estão presentes nos ministérios, secretarias de Estado, prefeituras, universidades, empresas públicas, instituições de pesquisa, fundações, hospitais, indústria e comércio, prestadoras de serviço, empresas de consultoria, etc., e muitos deles ocupam cargos de direção.

Como se pode observar, a ABJICA é uma entidade essencialmente multidisciplinar e interinstitucional e o bolsista JICA hoje é uma presença constante em todos os segmentos da sociedade brasileira. Fazendo jus a essas características, a ABJICA tem promovido eventos em áreas bastante diversificadas, como de desastres naturais, meio ambiente, agricultura, florestas, odontologia, melhor idade, segurança pública, etc, sempre em parceria com a JICA.

No livro MEMÓRIAS DA ABJICA, comemorativo dos 30 anos de sua fundação, os bolsistas relatam suas experiências no Japão, a aquisição de novos conhecimentos da sua especialidade, os reflexos na sua vida profissional decorrentes do treinamento e sua contribuição ao desenvolvimento científico

e tecnológico. Na maioria dos depoimentos constam os contatos do bolsista com a milenar história, cultura e arte daquele país e a rica vivência do dia a dia com os costumes, comportamento e cidadania do povo japonês. No caso de bolsistas *nikkeis* são também citados emocionantes casos de encontros com parentes distantes.

Projetos de maior relevância desenvolvidos nas instituições brasileiras, em cooperação com a JICA, e que tiveram participação dos bolsistas, além de projetos de iniciativa da própria ABJICA, são apresentados.

Constam também depoimentos de bolsistas em destaque na sua especialidade, ou no meio político ou em sua atuação no exterior.

MEMÓRIAS DA ABJICA, enfim, sintetiza a gratidão dos bolsistas à JICA e ao povo japonês que tão bem os acolheram, com a expectativa de que o livro se constitua num novo marco histórico de fortalecimento de amizade entre o Brasil e o Japão.

Guenji Yamazoe – Presidente da Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo – ABJICA





Kiyomizu Dera Temple, Kyoto, Japão

---

## HOMENAGENS

---

## HIROKAZU SASAKI\* – SÓCIO HONORÁRIO E CONSELHEIRO DA ABJICA

### O HOMEM QUE ADOTOU O BRASIL COMO A SUA SEGUNDA PÁTRIA

#### O JAPONÊS E O BRASILEIRO

Seu nome é Hirokazu Sasaki, nascido em 10 de dezembro de 1953 na cidade de Fukuoka, Japão. Estudou Engenharia Civil no Instituto de Tecnologia de Kyushu. Veio para o Brasil em janeiro de 1975, vindo a radicar-se na cidade de Jaboticabal, Estado de São Paulo. Se casou em 13 de janeiro de 1979 com Cecília Tsiyeko Sasaki e tem dois filhos e uma filha (Augusto, Getulio e Lie). Seus dois filhos trabalham na Caixa Econômica Federal, um como gerente e o segundo na superintendência (Avenida Paulista), e sua filha é médica, recém-formada pela USP - Universidade de São Paulo.

Para complementar sua formação, no Brasil Sasaki cursou Administração de Empresa na FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas. Ingressou na JICA – *Japan International Cooperation Agency*, na época JAMIC, no dia 1 de abril de 1977, como pesquisador de mercado agrícola, e, em seguida, foi nomeado funcionário efetivo. Em 1 de abril de 1984, passou a ser o responsável pelas bolsas de treinamento, pelo envio de peritos, pela doação de equipamentos e por projetos no âmbito de cooperação internacional do governo japonês na região de abrangência do escritório de São Paulo.

Durante quase 30 anos na JICA, participou efetivamente no PRODECER -

Projeto de Desenvolvimento do Cerrado -, tendo ficado durante meio ano em Belo Horizonte na empresa Campo. Também participou na elaboração de vários projetos, tais como Projetos da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas -, Projeto do SENAI de Automação Industrial, Projeto do IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas - de várias modalidades, incluindo até TCTP, Projetos do Instituto Florestal de várias modalidades incluindo até TCTP, Projetos da CETESB – Companhia Ambiental do Estado de São Paulo -, Projetos do DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, entre muitas atividades de cooperação técnica entre o Brasil e o Japão.

Também participou da criação da ABJICA - Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo e da SBPN – Sociedade Brasileira de Pesquisadores *Nikkeis*, hoje Associação Brasil-Japão de Pesquisadores. E teve oportunidade de efetivar o Primeiro Encontro de Associações de Ex-Bolsistas da JICA da América Latina em São Paulo.

Pelos seus relevantes serviços, em 1996 foi homenageado pelo presidente da JICA como funcionário exemplar, com um certificado assinado pelo então Presidente Kimio Fujita e um *kinenhin* (lembrança), no dia 1 de agosto, dia de fundação da JICA. Foi também homenageado e condecorado em 2 de julho de 1994, com o título de BOMBEIRO

HONORÁRIO (título instituído pelo Dec. Lei nº 44.160 de 01/12/64), registro sob nº 472, pela Polícia Militar do Estado de São Paulo .

Em novembro de 2004, encerrou a sua longa carreira na JICA, tendo exercido o seu último cargo como Diretor de Apoio à Comunidade Nipo-Brasileira e Projetos na América Latina.

Atualmente é Diretor de Relações Internacionais da SBPN e é sócio honorário e membro do Conselho Deliberativo da ABJICA, conselheiro eleito da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social (*BUNKYO*) e conselheiro eleito da Associação Brasileira de Voluntários em Musicoterapia, da qual é vice-presidente.

É Diretor Executivo Financeiro e Administrativo do Hospital Nipo-Brasileiro e

Diretor Tesoureiro e Presidente da Comissão de Economia e Finanças da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo - *ENKYO*.

Além do seu perfil de voluntariado, exerce atividades empresariais no Grupo Stalge Sunrise, atuando nas áreas de exportação e importação, comércio, consultoria e turismo.

Este é o perfil de um homem japonês-brasileiro que ao longo de seis décadas dedicou 60% de sua vida às causas brasileiras, contribuindo no processo de integração Brasil-Japão. Com certeza o nome de Hirokazu Sasaki será lembrado por ocasião da comemoração do 30º aniversário de fundação da Associação dos Bolsistas da JICA – São Paulo – ABJICA.

Hirokazu Sasaki, sócio honorário e conselheiro da ABJICA ao lado do ex-ministro do Japão Heizo Takenaka



(\*) Autor: Sunao Sato

## HIRO LIA OKAYAMA (IN MEMORIAN)

### EX-FUNCIONÁRIA DO CONSULADO GERAL DO JAPÃO EM SÃO PAULO

Hiro Lia Okayama nasceu no dia 19 de novembro de 1934 e trabalhou no Consulado do Japão em São Paulo de 1971 a 1999, tendo atuado como Assessora de Relações Públicas. Aos aprovados como bolsistas da JICA, e antes de seguirem ao Japão, era obrigatória a passagem por ela, para receber orientações sobre a vida naquele país, o clima, os costumes, a etiqueta, e dicas importantíssimas sobre comportamento de estrangeiros não *nikkeis*, dada a diferença cultural maior que a distância geográfica entre os dois países.

Hiro Lia foi uma grande incentivadora da criação da Associação, participando ativamente das discussões preliminares e, por este motivo, era considerada a “madrinha” da ABJICA.

Hiro Lia Okayama faleceu em 16 de março de 1999.

*Genessi Franzoni*

Como posso descrevê-la? Apesar do pouco contato que tivemos, pois ela logo adoeceu, tenho lembranças nítidas dela como uma pessoa exótica e *chic*, que trabalhava no Consulado do Japão. Podia-se dizer que era como o “braço direito do Cônsul”. Em todas as recepções que o Cônsul estava presente, lá estava a Hiro Lia.

Ela era uma pessoa firme, que sabia impor-se com autoridade, e transmitia

segurança para os bolsistas. Passava a todos, sem exceção, as orientações corretas a respeito das dificuldades e facilidades que poderiam encontrar, desde a saída do Brasil. Quando o bolsista saía da entrevista, estava aliviado, pois todas as suas dúvidas tinham sido esclarecidas a respeito da sua primeira viagem ao Japão.

*Dorcas Domingues*

Candidatei-me a uma bolsa de aperfeiçoamento no curso de *Supervisory Training*, com a ressalva de que anteriormente nunca havia ido uma mulher para esses grupos. E fui a única mulher mesmo!

Hiro Lia esperava que isto fosse mudado, que houvesse igualdade de gêneros – olhe o quanto ela estava “atenada” – e isto no ano de 1980. Apresentei o trabalho e ela pediu-me uma foto, pois iria escrever e enviar a foto. Qual não foi a surpresa quando fui aprovada e tive de em poucos dias providenciar tudo! E nosso relacionamento não parou por aí, pois ela fazia questão de que participássemos no estreitamento de laços com os bolsistas de todas as áreas. Foi em uma viagem à Campos do Jordão que conheci o amigo, até hoje, Bucci.

Hiro Lia primava pela objetividade, pelo jeito delicado e firme de conseguir as coisas e pelo jeito muito chique de ser.

*Patricia De La Sala*

Almoço de recepção à comitiva da JICA em São Paulo, em 1984. Observa-se ao centro a presença da saudosa Hiro Lia Okayama, do Consulado japonês, que tanto auxiliou os candidatos à bolsa na parte burocrática





Cerejeira (*Prunus cerasoides*)

---

## DEPOIMENTOS DOS EX-PRESIDENTES DA ABJICA

---

## ALBERTO TOMITA

**PRESIDENTE DE 1984 A 1992**

Logo após a realização da Assembleia Geral de Constituição da Associação dos Bolsistas JICA - São Paulo, em 4 de maio de 1984, as atividades tiveram início baseadas nos objetivos fixados pelo estatuto da entidade.

Saímos inicialmente à procura de um local para reuniões. Apesar de constar, para fins legais, o endereço “Avenida Paulista, nº 475, 6º andar” (Consulado Geral do Japão), necessitaríamos de um local adequado para as reuniões da diretoria. Foi quando então o Engº. Toshi-ichi Tachibana disponibilizou as dependências da Divisão de Engenharia Naval (DINAVI) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

As reuniões mensais aconteciam na primeira sexta-feira de cada mês, a partir das 17 horas. Quem não se lembra da secretária Midoli, que nos atendia carinhosamente?

### ALGUNS DESTAQUES

O grande destaque logo no ano seguinte foi o 1º encontro de confraternização dos ex-bolsistas, realizado em 12 de abril de 1985, nos salões do Círculo Militar de São Paulo, com presença de 160 ex-bolsistas, 72 acompanhantes e 13 convidados, totalizando 245 pessoas. Contou com as honrosas presenças dos senhores Masachika Uehara, Subchefe da Divisão de Cooperação Técnica do

Departamento de Cooperação Econômica do Ministério das Relações Exteriores do Japão; Masahiro Tsutsumiya, do Departamento de Finanças, e Shijichi Miki, do Departamento de Pessoal, ambos da JICA – Tóquio – Japão; Shizuya Kato e Sra. Cônsul Geral Adjunto do Japão em São Paulo; Norio Kawaguti e Massataka Tsugue, da Seção Econômica do Consulado Geral do Japão em São Paulo; e Kazu Fusumada, Chefe do Escritório Anexo (JICA) do Consulado Geral do Japão em São Paulo. Na ocasião, Hiro Lia Okayama, Adjunta da Seção Econômica do Consulado Geral do Japão, responsável pela preparação e orientação dos bolsistas brasileiros a serem treinados no Japão, foi homenageada com o título de “Sócia Honorária”, recebendo a carinhosa e efusiva manifestação por parte dos presentes, que demonstraram o reconhecimento pelo brilhante trabalho que desenvolvia em suas atividades, bem como pelo apoio irrestrito que prestava à associação desde sua constituição.

Um fato relevante no ano de 1985 foi o recebimento da primeira contribuição da JICA – Japão, no valor de CR\$ 9.987.096 (nove milhões, novecentos e oitenta e sete mil, e noventa e seis cruzeiros), no mês de março.

Em 1986, de 13 a 22 de outubro, a convite do Presidente da JICA - Japão, tive a oportunidade de participar, como presidente

da ABJICA, do I Seminário JICA *ALUMNI ASSOCIATION*, realizado em Tóquio, com a participação dos presidentes de associações de bolsistas dos seguintes países: Argentina, Brasil, Indonésia, Quênia, Papua Nova Guiné, Paraguai, Peru, Filipinas, Cingapura e Sri Lanka.

Nos dias 25 e 26 de novembro de 1989, promovido pela ABJICA, tendo por local o Hotel Nikkey, foi realizado o 1º Encontro Nacional dos Ex-Bolsistas da JICA, com a participação das entidades congêneres dos Estados do Pará, Paraná, Rio Grande do Sul e do Nordeste, esta sediada em Recife, PE.

Outra realização da ABJICA em 1989 foi o Concurso de Monografia sobre Limpeza Urbana, cujo prêmio foi uma viagem ao Japão, com duração de uma semana, inteiramente custeada com programação organizada pela JICA – Japão. O vencedor foi o Engº. Attilio Brunacci, com o trabalho “Programa Escolar de Reaproveitamento do Lixo”.

Também a ABJICA realizou Seminários e *Workshop* e Visitas de “*Follow Up Team*” da JICA.

Cursos: “*The Agricultural Cooperatives*” – *Overseas Technical Cooperation Agency* – OTCA – de 16 de setembro a 20 de dezembro de 1970; “*The Agricultural Cooperatives (Refresher)*” – *Japan International Cooperation Agency* – JICA – de 6 de novembro a 10 de dezembro de 1980.

Seminário: “*Jica Alumni Association*” – *Japan International Cooperation Agency* – JICA – de 13 a 22 de outubro de 1986.

Alberto Tomita (à esquerda), ao lado do professor Kokei Uehara em plantio de instalação do Bosque da Diversidade



## JOSÉ IGNÁCIO SEQUEIRA DE ALMEIDA

**PRESIDENTE DE 1992 A 1994**

**E**m 1987 eu trabalhava na Companhia de Desenvolvimento Habitacional e passei 20 dias no Japão como bolsista da JICA, em um programa de *Life and Living Environment*. Fiquei hospedado no dormitório da JICA em Tóquio e fiz visitas em Nagoya, Kyoto, Osaka, e conheci também Yokohama. Antes disso, já tinha ido ao Japão pelo Ministério das Relações Exteriores daquele país, em uma visita protocolar de 10 dias.

Mas meu relacionamento com a ABJICA começou antes de ela existir. Explico: minha esposa foi ao Japão como bolsista em 1983. Em função da relação que ela tinha com um grupo de bolsistas daquele ano, eu acabei também me envolvendo. A Hiro Lia Okayama, já falecida, foi uma grande incentivadora da criação de associações de bolsistas. A partir daquele grupo, foi se concretizando o sonho da Hiro Lia. E foi criada a associação.

Esse começo foi no tempo em que a JICA ficava no Bunkyo. O primeiro presidente da associação foi o Alberto Tomita. Houve uma reunião muito bonita no Buffet Colonial.

Meu período como presidente foi de 1992 a 1994. Acabei sendo o primeiro presidente “gaijin”, não descendente. E como “gaijin”, eu tinha uma responsabilidade muito grande ao assumir a presidência. Mas era preocupação da Hiro Lia de que houvesse essa mudança. Como presidente, foi para mim

uma experiência pessoal única conduzir uma organização relacionada com cooperação em nível internacional, e uma forma de retribuir a aquisição de conhecimento que a bolsa proporciona.

Um trabalho que movimentou muito a associação e os membros foi o Primeiro Encontro Internacional de Bolsistas, com participação da Nicarágua, Colômbia e outros países latino-americanos, além das sete associações de bolsistas que existiam na época no Brasil. O encontro aconteceu no Hotel Nikkey, aqui em São Paulo. Na minha gestão, fizemos os preparativos, e o encontro mesmo se realizou no período posterior, quando o presidente era o Seigo Tsuzuki. E esse encontro foi muito produtivo, estimulou muito as pessoas a participar da associação. Na verdade, sempre participei da associação, mas o encontro foi o que mais me marcou e me fez participar mais.

Para organizar esse encontro e outras atividades, fazíamos reuniões normais e também reuniões só com os membros da diretoria. O que me estimulou foi a dificuldade de achar e contatar pessoas, e as pessoas vieram participar do encontro: pessoas de Brasília, do Nordeste, Santa Catarina, Rio de Janeiro e outros lugares, das sete associações do Brasil inteiro.

Também destaco a presença do

Hirokazu Sasaki, que foi um grande apoiador naquele tempo, e assim foi até deixar a JICA. Foi uma mão forte para a associação. Me lembro também da Kato-san que conversava, estimulava, fazia de tudo.

Com relação aos membros da ABJICA, sempre foi muito variada a especialidade deles, e isso sempre foi muito bom, pois as pessoas que convivem na associação acabam se envolvendo em outras áreas diferentes da sua. Enquanto bolsista, você vai para o curso com seu foco, mas na associação, conhece pessoas de outras áreas e isso amplia sua visão. E São Paulo tem isso de riqueza. Participar é doar, quando talvez, na verdade, se ganhe mais do que se doe.

Como associação de ex-bolsistas, ainda lembrando a experiência do Encontro que realizamos, a ABJICA deveria procurar ampliar a relação com as outras associações de bolsistas. Por exemplo, de Recife há muitas pessoas que foram ao Japão.

Além disso, a ABJICA deveria estimular a participação das pessoas que voltam do Japão e procurar o envolvimento dos que vão.

Em São Paulo, é importante que a associação procure o contato com as empresas que enviaram muitos funcionários ao Japão. A Cetesb, Instituto Florestal, Metrô, CPTM, CDHU têm vários profissionais que foram bolsistas. Tem que haver mais envolvimento das pessoas antes de ir, para que, quando voltarem, participem das atividades da associação.

Também é importante procurar parcerias com essas empresas que enviam seus funcionários, buscando a visibilidade. E os que voltam poderiam divulgar o que viram. É importante também buscar patrocínio, visando o *marketing*, com empresas japonesas ou subsidiárias. Se há peritos da JICA enviados ao Brasil, é importante aproveitar a vinda

deles para palestras. Com a vinda de peritos, ao prestigiar o trabalho deles, acabamos ganhando na aproximação Japão-Brasil, no desenvolvimento humano, uma vez que a JICA não tem visão de lucro, mas de conhecimento técnico, humano.

### ABJICA

Os desafios superados ao longo desses 30 anos mostraram o valor da união e do voluntariado de tantos bolsistas brasileiros, que souberam reconhecer o privilégio de integrar o grupo de participantes do Acordo Internacional de Cooperação entre o Japão e o Brasil.

Privilégio, porque agrega profissionais imbuídos do espírito de aglutinar valores e ideais, em prol do conhecimento e do aprimoramento técnico.

Privilégio, porque propicia contato com peculiaridades culturais, distintas e enriquecedoras.

Privilégio, porque valoriza a vivência interativa com entidades e especialistas, igualmente dedicados a esses objetivos.

Privilégio, porque aproxima sociedades, na perspectiva do entendimento e da paz mundial.

Privilégio, porque abre oportunidades para retribuir a experiência, cultivando novas amizades em convívio sadio e estimulante, proporcionado pelas atividades da ABJICA.

Somando a todos esses privilégios, pessoalmente, fui agraciado com a honrosa responsabilidade de exercer a Presidência da ABJICA, tarefa facilitada pelo incondicional apoio e dedicação dos diretores, conselheiros e bolsistas no exercício do mandato.

Novos bolsistas prosseguem o trabalho e, com dedicação e entusiasmo, retribuem

os privilégios com que foram agraciados, contribuindo para a mútua cooperação entre Brasil e Japão. A eles, nosso estímulo e reconhecimento.

José Ignácio Sequeira de Almeida,  
ex-presidente da ABJICA



## SEIGO TSUZUKI

**PRESIDENTE DE 1994 A 1996**

A ABJICA foi criada com o apoio da JICA-SP, com a finalidade de reunir os bolsistas JICA para trocarem ideias e experiências adquiridas no Japão, e desta forma, facilitar a aplicação, aqui no país, dos ensinamentos lá adquiridos.

Em se tratando de início de atividades, nossa preocupação foi a de divulgar ao máximo a criação da ABJICA e reunir o maior número possível de bolsistas.

Creio que a ABJICA deveria divulgar ao máximo o seu programa para assim atrair novos membros.

A ABJICA, através de seus membros, nas diferentes áreas, poderia reforçar mais a sua posição e atuar politicamente para atingir os objetivos.

Seigo Tsuzuki, ex-presidente da ABJICA



## TOSHI-ICHI TACHIBANA

**PRESIDENTE DE 1996 A 2002 E DE 2006 A 2010**

**A**BJICA nasceu na minha sala no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). No início, as reuniões eram feitas lá. Um tempo depois, a JICA ofereceu espaço em seu escritório e as reuniões passaram a ser realizadas nesse espaço, que na época, ficava na Rua São Joaquim, no Bairro da Liberdade, e depois, na Avenida Paulista.

Durante todo o tempo, mandei muitas e muitas pessoas para o Japão. Estive lá antes de o programa de bolsas começar, para ativá-lo. Eu tinha que ir às instituições japonesas para informar e explicar como era a bolsa, para que as instituições aceitassem os bolsistas. Mas essa tarefa foi fácil porque, quando se fala da JICA no Japão, ninguém diz não. Tempos depois, também fui à JICA no Japão para explicar sobre a importância da bolsa, para que ela não fosse extinta.

Especificamente sobre a bolsa para *nikkeis*, comecei a fazer o movimento para ativá-la porque isso seria importante para o desenvolvimento do Brasil.

A Associação dos Bolsistas da JICA em São Paulo é a única associação que congrega somente bolsistas da JICA, enquanto as outras associações de bolsistas da JICA, em outros lugares, reúnem bolsistas também de outros órgãos, como por exemplo os das associações de províncias japonesas, do Monbukagakusho (Ministério da Educação,

Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão), do Gaimusho (Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão).

Sempre fui atuante na ABJICA, mesmo quando não era presidente da associação. Sempre que vinha algum perito japonês ao Brasil, em algum projeto de cooperação, fazíamos um seminário com o tema em questão, procurando a contraparte brasileira. Assim, a associação era bem ativa. Além disso, a JICA tinha mais recursos. Acho que, como a JICA tinha recursos e precisava fazer divulgação de suas atividades, deixava que a associação fizesse seminários.

O que mais a ABJICA fazia era esse seminário com os peritos. Era o nosso maior trunfo. Não interessava se o projeto em que o perito atuava era em outro estado. Se ficávamos sabendo de um projeto e da vinda de um perito, chamávamos, mesmo que lá houvesse uma outra associação de bolsistas. Era um seminário por mês. E aproveitávamos para fazer propaganda dos cursos oferecidos pela JICA. Fazíamos muita propaganda. Pois acho que a associação tem que ajudar a divulgar os cursos. A única forma de aumentar o número de candidatos às bolsas é fazer a divulgação.

Para esses seminários, eu pedia verba dos projetos em andamento e as coisas eram preparadas. No fundo, o que ajuda são as

verbas da JICA.

Na América Latina, a ABJICA em São Paulo era a mais ativa das associações, a associação com mais realizações, e deve ser ainda hoje. E começamos a “exportar” os eventos que realizávamos. Em Santa Catarina, por exemplo, estava em desenvolvimento o projeto das maçãs. Então por que não fazer um seminário? Essa foi a maneira de ajudar outras associações.

A primeira reunião das associações de bolsistas da América Latina e do Caribe fomos nós que organizamos. Foi algo bem simples. Já a segunda reunião a JICA aprovou e apoiou. Em seguida, houve outras, na Argentina e na Venezuela também.

Também promovíamos a apresentação dos projetos da JICA em andamento, e visitávamos esses projetos. Um dos projetos visitados foi em Curitiba.

Nas visitas, levávamos os peritos japoneses e até mesmo os técnicos brasileiros envolvidos nos projetos. Era uma forma de dar oportunidade para eles conhecerem outros lugares e também uma maneira de divulgar os trabalhos da JICA. Além disso, era uma forma de integrar os próprios pesquisadores e membros das várias associações. Assim, promovia-se a integração das associações.

Fomos visitar vários projetos, como o Projeto Koban (da Polícia Militar do Estado de São Paulo). Estivemos no Koban (Base Comunitária de Segurança) do Bairro do Belém e do Jardim Ranieri, aqui na cidade de São Paulo. Uns anos depois, este projeto foi exportado para a Guatemala e outros países da América Central. Ajudei a JICA na questão da *feasibility* (viabilidade), visitando países da América Central e a JICA no Japão, para falar sobre isso.

Também para que se iniciasse o TCTP (Third Country Training Program

– Programa de Treinamento para Terceiros Países) na África, a JICA me enviou duas vezes à JICA no Japão, e também à Angola e Moçambique. Não fui porque era o presidente da ABJICA, mas porque era um dos mais antigos. Visitei a América Latina inteira, como parte da missão da JICA, para viabilizar projetos para os países, e as pessoas estavam com inteira disposição para fazer o TCTP.

Outra realização da ABJICA que podemos citar é o catálogo que fizemos de seus membros, onde constam seus dados, endereços e contatos.

Sobre o futuro, é muito complicado. Não se pode deixar a ABJICA morrer. E a única forma de não deixar que ela morra é participar de projetos. Se não houver projetos, os bolsistas não participam. E para isso, é importante ter muitos contatos. Eu tinha com o Corpo de Bombeiros, com a Polícia Militar e outras instituições. Como fazíamos aqueles seminários, era muito fácil executar o que era planejado. Cheguei até a escrever projeto para alguns.

São Paulo é onde se concentra mais instituições. Sempre houve mais projetos em São Paulo. Mas é preciso incentivar esses projetos em outros lugares. Eu sempre me esforcei para isso.

Na minha época na diretoria do IPT, havia muito intercâmbio, mas ainda não havia projeto sendo desenvolvido com a JICA. Hoje, em números absolutos, o IPT não tem muitos ex-bolsistas, mas em projetos executados, é um dos melhores, e com maior diversidade de projetos. Participei de praticamente todos os projetos executados pelo IPT.

Também eu visitava outras associações e incentivava o desenvolvimento de projetos conjuntos. Eu falava para as pessoas: “por que vocês não desenvolvem um projeto?”

Por meio de intercâmbio entre

instituições, um pode resolver o problema do outro. Por exemplo, um laboratório em Recife era construído em madeira, que estava com cupim. Ao visitá-lo, propus que o IPT resolvesse o problema, pois é a instituição que possui maior experiência sobre o assunto no Brasil.

Toshi-Ichi Tachibana, em sua sala na Escola Politécnica da USP



## HARUMI ARASHIRO GOYA

**PRESIDENTE DE 2002 A 2006**

**M**eu primeiro contato com a JICA aconteceu em 1990, por meio da bolsa de estudos, e esse relacionamento se solidificou em 2002, quando ocupei a presidência da ABJICA. Foram dois momentos muito especiais em minha vida que gostaria de relatar.

Tinha cinco anos quando, no dia 15 de outubro de 1958, cheguei ao Brasil junto com minha família. Deixamos a ensolarada ilha de Okinawa para tentar a vida como imigrantes agrícolas.

Inicialmente, fomos morar num sítio com plantação de café, em Cambará, no norte do Paraná. No ano seguinte, comecei a frequentar a escola local e fui alfabetizada simultaneamente em português e japonês. Me lembro que a minha maior dificuldade na escola brasileira era o absoluto desconhecimento da língua. Sentava na minha carteira e ficava olhando para o professor, que explicava a matéria, e eu sem entender o que estava acontecendo! Por sorte, minhas amiguinhas *nisseis* traduziam para mim, de forma reduzida, os trechos que consideravam importantes. Quando brigávamos, era grande o meu sofrimento, pois ficava sem a tradução!

Até hoje não consegui entender como terminei o curso primário, mesmo sem entender a língua. Também me recordo que aprendemos as duas línguas naturalmente, sem nos confundir. Em casa, a língua praticada era

o dialeto okinawano, completamente diferente da língua japonesa oficial.

Fiz o curso primário na escola rural de Cambará, numa classe mista, e o ginásio e normal numa escola pública em Ourinhos, no Estado de São Paulo. Depois me mudei para São Paulo para cursar a faculdade de engenharia, que terminei em 1977. Era uma época difícil para a construção civil. Tanto é que, depois de atuar quatro anos no setor de elaboração de orçamento, planejamento e custo de obra, decidi prestar concurso para o funcionalismo público. Em 1986, ingressei para o quadro de Fiscalização Estadual de São Paulo.

Graças ao trabalho na Secretaria da Fazenda, em 1990 fui indicada como bolsista da JICA para o curso “*General Tax Program at National Tax Administration*”, de três meses e meio, em Hachioji, no subúrbio de Tóquio. Foi uma oportunidade dos sonhos! Afinal, em 1978, não consegui ser aprovada para estudar na Universidade de Okinawa por meio da bolsa *kemphi ryugaku*.

Já havia passado mais de trinta anos desde que imigrara ao Brasil e ainda não havia retornado à minha terra natal. E, portanto, a expectativa era incontrolável. Fui muito nervosa à entrevista de seleção com o Sr. Hirokazu Sasaki, na época, diretor da JICA. Fiquei muito feliz ao ficar sabendo da

aprovação, e, em primeiro lugar, comuniquei a notícia aos meus pais. Pedi para agradecer aos ancestrais acendendo o *osenko* (incenso) junto ao *butsudan* (oratório) da família. Fiquei muito grata ao meu marido, Milton Goya, que comemorou comigo a aprovação e não se opôs à viagem.

Ao chegar ao Japão, parecia viver um sonho. Estava entrando num ambiente com comida e costumes que estava habituada a ver na revistas semanais (*zashi*) e mangás, mas, ao mesmo tempo, a sensação era de que nunca havia saído de lá. Eu me sentia completamente ambientada - na minha família, dominava a língua japonesa!

O curso reuniu participantes de 19 países diferentes e mais 3 japoneses, todos da área de tributação. A troca de experiências e a convivência com os bolsistas de vários países foram uma experiência única e inesquecível.

Sou muito grata ao governo japonês por essa experiência e por ter me proporcionado um tratamento de primeira qualidade, cuja ajuda de custo, além de cobrir as despesas com alimentação, possibilitava assistir aos espetáculos culturais e visitar pontos turísticos nos finais de semana.

Ao término do curso, em dezembro de 1990, pude viajar a Okinawa para rever a família e o local onde nasci e passei a primeira infância. Tudo mudado - misteriosamente, parece que tudo tinha encolhido! As estradinhas de terra das lembranças de minha infância tinham dado lugar ao asfalto! Foi um reencontro emocionante com os tios e as tias. Reconheci todos os primos e as primas e recordava do nome de cada um deles. Minha sensação foi a de que sempre tivesse vivido com eles. Era como se tivéssemos conversado ontem e, agora, estívéssemos continuando. Foi um momento mágico.

Em 1996, novamente fui escolhida para

participar de um curso especial da JICA, “*Administrative and Fiscal Reform in Brazil*”, em Ichigaya, Tóquio, preparado para um grupo de cinco brasileiros, com duração de 15 dias, como parte do acordo de troca de experiência dos funcionários públicos, firmado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e o Primeiro Ministro do Japão na época. Como da primeira vez, a experiência foi maravilhosa, mas diferente da anterior, pois todos os participantes eram brasileiros.

Ciente da importância de se retribuir um pouco de toda colaboração recebida do governo japonês, passei a participar da reunião da diretoria da Associação dos Bolsistas JICA - São Paulo e dos eventos organizados em parceria com a JICA e o Consulado Geral do Japão em São Paulo.

Em 2002, recebi um telefonema do então presidente da ABJICA, Toshi-ichi Tachibana, que me pegou de surpresa. Ele pedia para que eu assumisse a diretoria da entidade, pois a pessoa que vinha sendo preparada para o cargo recusara a função, alegando motivos particulares. Para mim, profissionalmente, aquele era um momento difícil. Eu estava muito ocupada com o projeto de modernização na Secretaria da Fazenda, que tinha como alicerce a Tecnologia da Informação. Eu coordenava a equipe de implantação do Departamento de TI e de preparação da infraestrutura de TI para os sistemas aplicativos que seriam usados para melhorar o processo da Secretaria da Fazenda.

Apesar do trabalho intenso na área profissional, senti que era a oportunidade de fazer o *ongaeshi* (retribuição de favor) e aceitei o desafio de ser a primeira mulher a assumir a presidência da ABJICA. Os ex-bolsistas da Secretaria da Fazenda, Milton Vassari Nunes, Valéria dos Santos Gabriel e Maria de Fátima Alves Ferreira, vieram me ajudar, fazendo parte da diretoria. Aprendi

lições preciosas, e entre elas, cito a diferença de dirigir profissionais e voluntários, visto que, na função de gestora, exige-se muito mais habilidade para motivar os voluntários na execução de uma tarefa do que dirigir os funcionários no ambiente profissional.

À frente da diretoria da ABIJICA, foi um período de parceria muito intensa com o Consulado Geral do Japão, por meio do Cônsul Geral Kiyotaka Akasaka, especialista em meio ambiente, realizando muitos seminários e fóruns. Também na JICA de São Paulo, sob a direção de Hyogen Komatsu, foi um período de numerosas atividades.

Os associados também participavam bastante. Eu me recordo que, em 2005, realizamos o jantar do tradicional *bonenkai* (despedida de final de ano), na concorrida Sala São Paulo, com a presença de mais de 250 pessoas. Nesse evento fomos prestigiados com a presença do recém-chegado Cônsul Geral do Japão Masuo Nishibayashi, que nos brindou com um recital de violino. Destaque ainda para o Secretário da Administração Penitenciária, Dr. Nagashi Furukawa.

Foram duas gestões como presidente da ABJICA, e tínhamos, como associado ilustre, nosso grande *sempai*, o Professor Kokei Uehara, que, em 2003, assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social (*Bunkyo*) e me convidou para ajudá-lo na diretoria. Com o tempo, fui me envolvendo nas atividades do *Bunkyo* e, atualmente, estou como vice-presidente.

Agradeço de coração ao governo do Japão, que me proporcionou a experiência maravilhosa de conhecer o Japão, sua cultura e o seu povo. Não tenho dúvidas de que foram experiências que se somaram à formação da pessoa que hoje sou, ou seja, qualificou-me ainda mais ao atuar como presidente da ABJICA, que considero uma espécie de ponte

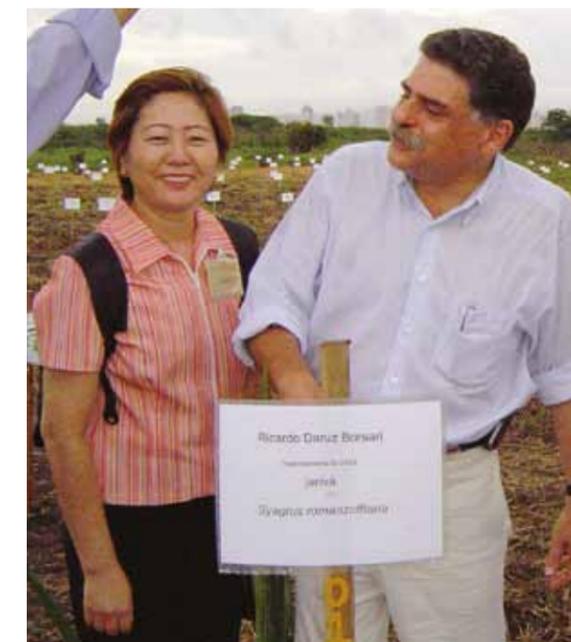
para o cargo que hoje ocupo de vice-presidente do *Bunkyo*.

Meus sinceros agradecimentos aos amigos que participaram da diretoria na minha gestão e aos amigos associados que atuaram firmemente para o sucesso da gestão.

Obrigada ao Governo Japonês!

Deus abençoe a todos.

Harumi Arashiro Goya, ex-presidente da Abjica, e Ricardo Daruiz Borsari, ex-superintendente do DAEE, em plantio de instalação do Bosque da Diversidade





Templo Todai-Ji, Nara, Japão

---

## BOLSISTAS EM DESTAQUE

---

## AGOSTINHO TADASHI OGURA

**PESQUISADOR DO INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (IPT), EX-DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTA DE DESASTRES NATURAIS (CEMADEN)**

Na carreira de cada um de nós surgem oportunidades que, se bem aproveitadas, nos ajudam a crescer e tornam prazeroso nosso crescimento pessoal e profissional. Este breve relato pretende contar como se deu minha educação e como a JICA está entrelaçada nos caminhos que levaram ao meu desenvolvimento profissional.

Meus pais imigraram do Japão no início dos anos 50 em busca de novos horizontes de vida em um país jovem e promissor, saindo de um país em reconstrução após o final da Segunda Guerra Mundial. Meus pais escolheram o Brasil por motivos religiosos, mais do que por necessidade de caráter econômico. Segundo soube, foram orientados por um padre católico alemão da igreja que freqüentavam em Tóquio a virem para o Brasil pela tese de que só vivendo em um país com base cristã, se tornariam verdadeiros católicos. Com certeza essa lógica de pensamento do padre alemão não é livre de questionamento, mas de todo modo, hoje fico feliz de eles terem tomado a coragem e decidido vir sozinhos ao Brasil, enfrentando a opinião contrária de meus avós e de praticamente todos os demais parentes, o que possibilitou eu ter nascido aqui, e como *nissei* pude ter contato com a cultura japonesa e ser brasileiro amante do futebol e das coisas nossas, como uma boa feijoadada, o carnaval e a alegria de viver.

Nasci em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, em 1957. Quando já me sentia um perfeito fluminense, meus pais decidiram se mudar para São Paulo, e com 7 anos, lá fui eu, um japonês com sotaque carioca morar na capital. Como a comunidade japonesa em São Paulo era mais numerosa do que a do Rio de Janeiro, a possibilidade de eu frequentar escolas para aprender o idioma japonês era maior. Assim, desde o primário, com 7 a 8 anos de idade, além de frequentar uma escola pública normal, tinha aulas de língua japonesa com professoras japonesas bem rigorosas.

Continuei estudando japonês praticamente durante toda a minha vida escolar até entrar para a faculdade. Não que eu tenha me tornado um perfeito proficiente na língua japonesa, muito pelo contrário, mas a base que me foi dada do idioma de meus pais, por iniciativa deles, me abriu portas de oportunidades importantes para a minha vida, principalmente na carreira profissional.

Em 1977 entrei no Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, onde me formei em Geologia em 1981, ano em que faleceu meu pai. Aqueles tempos eram de crise econômica e crise de emprego, e após a formatura fiquei um ano tentando encontrar um trabalho na minha área de estudo, enquanto prestava serviços em outras empreitadas. Enquanto uma oportunidade de

emprego na área de Geologia não vinha, tive a chance de trabalhar para um senhor japonês que me contratou como assistente para realizar filmagens sobre a região do Pantanal mato-grossense. O fato de ser *nissei*, estar precisando trabalhar e falar um pouco de japonês, ajudou na sua escolha. Eu dirigia a Kombi, fazia contatos com a EMBRATUR, ajudava na compra dos equipamentos de filmagem, enfim, ajudava no que fosse necessário para viabilizar a empreitada. Quando tudo estava programado para nossa viagem para o Pantanal, eis que recebo um telegrama do Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT - me chamando para oferta de emprego na área de Petróleo.

Estava tão envolvido com a missão da filmagem com tudo acertado para viajar para o Pantanal que confesso que fiquei por um momento em dúvida sobre qual caminho seguir. Mas pensando na oportunidade de seguir uma carreira no IPT, resolvi, em julho de 1982, virar empregado dessa empresa pública, na qual estou funcionário até hoje.

Esquecendo a aventura de ir para o Pantanal, fui contratado como geólogo responsável pela fiscalização de levantamentos de geofísica na área de Petróleo, trabalhando no projeto Pauli-Petro, de prospecção de petróleo na Bacia do Paraná. Tive que estudar muito sobre essa especialidade e me dedicava a compreender ao máximo sobre o assunto conversando algumas vezes com consultores estrangeiros. Tudo estava dentro de uma rotina normal de trabalho de prospecção geofísica no interior do Estado do Paraná quando recebo um comunicado para ligar urgente para a sede em São Paulo.

Ao ligar, meu chefe imediato me perguntou se estaria disposto a participar de um curso de treinamento da JICA e que, se positivo, era para retornar imediatamente para São Paulo. Agradei pela escolha e não

titubiei em aceitar. Era um curso de 7 meses sobre *Offshore Prospecting* sediado no Serviço Geológico do Japão (*Geological Survey of Japan*) que ficava em Tsukuba. Ao perguntar porque da lembrança do meu nome, meu chefe da Pauli-Petro lembrou que além de eu falar inglês, também tinha conhecimentos de japonês, o que facilitou a minha indicação.

Em duas semanas, preenchi todos os formulários, providenciei todos os documentos necessários, realizei uma entrevista inesquecível com a saudosa Sra. Hiro Lia Okayama e embarquei para essa jornada de enriquecimento pessoal e profissional no Japão.

Para mostrar a importância da JICA naquele momento de minha carreira profissional, é necessário contar que durante a minha participação no curso de treinamento lá no Japão, houve mudanças políticas no governo do Estado de São Paulo, com a eleição do governador André Franco Montoro, em substituição ao governador Paulo Maluf, que havia idealizado e executado o projeto Pauli-Petro.

Por discordar desse projeto, uma das primeiras ações do governador Franco Montoro foi encerrar as atividades da Pauli-Petro. Nesse processo, diversos colegas que trabalhavam na Pauli-Petro foram demitidos do quadro do IPT e com certeza eu também o seria. O fato de estar participando do curso da JICA no Japão, como representante do governo do estado e funcionário do IPT, impediu de eu estar na lista de demitidos, e pude, assim, por uma obra do destino, continuar minha carreira no IPT.

Durante os 7 meses pude me especializar na área de prospecção marinha e melhorar sobremaneira meu conhecimento do povo japonês e da cultura japonesa. Mais que isso, tive a chance de fazer amizades que guardo com carinho até hoje. Dentre essas pessoas,

tenho um carinho especial pela Sra. Kayoko Horiuchi, que foi uma das coordenadoras do curso e com a qual até hoje mantenho contato.

De volta ao Brasil, pude aplicar meus conhecimentos adquiridos no Japão trabalhando no Agrupamento de Geofísica Aplicada da Divisão de Geologia do IPT.

Em 1985, me transfiro da área de Geofísica para o Agrupamento de Geologia Aplicada da mesma Divisão de Geologia, onde começo a me especializar em temas como deslizamentos e riscos geológicos, abordando principalmente a região da Serra do Mar, em Cubatão, no Estado de São Paulo, que em 1988 foi objeto de um projeto da JICA em parceria com o Governo do Estado de São Paulo para elaboração de Plano Diretor de Obras de Prevenção de Risco de Deslizamentos na região.

Em 1989 e 1990 pude participar de nova viagem ao Japão como bolsista da Província de Toyama para treinamento na área de Prevenção de Desastres de Deslizamentos na Divisão de Sabo do Departamento de Obras Públicas do Governo da Prefeitura de Toyama, numa cooperação internacional no âmbito das relações de amizade entre o Governo do Estado de São Paulo e o Governo da Província de Toyama.

Foram 10 meses de intenso aprofundamento no entendimento dos processos e cenários de risco de movimentos de massa e da administração das obras de controle sob a responsabilidade da Província de Toyama.

Aproveito a viagem para rever amigos em Tsukuba, os colegas do Serviço Geológico do Japão e pesquisadores que conheci no Brasil quando do projeto JICA na Serra do Mar em Cubatão, em especial o Dr. Hidetomi Oi, da JICA, que me recebeu em sua casa em Tóquio, quando pudemos conversar sobre uma

publicação conjunta abordando o tema *Sabo works in Brazil*.

Em 1996, pude novamente ir ao Japão pela JICA para participar de Treinamento Técnico na área de Prevenção de Desastres Naturais. Na época ocupava o cargo de Pesquisador Chefe do Agrupamento de Geologia Aplicada ao Meio Ambiente do IPT.

Nessa época, já mais experiente, pude fazer uma avaliação do meu estágio de conhecimento frente a ilustres pesquisadores e professores na área de Gestão de Risco de Desastres Naturais do Japão e colegas de outros países.

Um dos ganhos mais importantes decorrentes das oportunidades abertas pela cooperação com a JICA é a possibilidade de se ter uma boa clareza de como abordar tecnicamente de forma ampla a gestão do conhecimento na sua área de competência, fruto do adiantado estágio de desenvolvimento da área de Gestão de Risco de Desastres no Japão.

O aprendizado e as experiências profissionais obtidos nessa relação pessoal com a JICA por meio dos projetos e dos cursos de treinamento foram fundamentais para o devido amadurecimento profissional que me permitiu desenvolver minha carreira de pesquisador no IPT e também estar preparado para desafios diversos. Neste contexto, pude colocar meus conhecimentos e experiência a serviço do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais – CEMADEN. A oportunidade de dirigir um centro nacional pioneiro de caráter técnico-científico é um dos pontos altos do desenvolvimento profissional de minha carreira, em cujo processo de construção a parceria com a JICA foi fundamental.

Reafirmo assim, o meu desenvolvimento pessoal e profissional como exemplo efetivo

de um caso total de sucesso dos investimentos feitos pela JICA em prol do incremento da capacitação humana no Brasil.

Encerro assim meu relato, agradecendo ao Governo Japonês por ter me ajudado a crescer como ser humano e como profissional, por meio dos valores e exemplos éticos do povo japonês e da alta qualidade educacional e

técnica da sua comunidade científica.

Agradeço de coração a todos os colegas japoneses e de outras nacionalidades que conviveram comigo nas oportunidades abertas pela JICA e que tornaram a minha vida muito mais *OMOSHIROI*.

## ÁLVARO BATISTA CAMILO

### EX-COMANDANTE GERAL DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO E VEREADOR PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O primeiro contato que tive com a Polícia do Japão foi em 1999. Eu era capitão e fui fazer um curso de aperfeiçoamento para capitães, quando tive aulas em que se falou sobre o Sistema Koban da Polícia do Japão, e aquilo ficou na minha mente.

Aqui em São Paulo a realidade era de 35 mortes dolosas por 100 mil habitantes. Eu trabalhava no Estado Maior, o Comandante Geral era o Coronel Carlos Alberto Camargo, e eu via de perto a dificuldade de se obter informações sobre o que acontecia, para poder planejar melhor as ações. A subnotificação de crimes era grande, os comunicados da população para a polícia não chegavam. Havia um grande descrédito e um grande distanciamento entre polícia e cidadão. Se pudesse, o cidadão não chamava a polícia.

A polícia era de enfrentamento, os policiais eram treinados para erradicar o crime, para o confronto. E esse tipo de polícia se mostrou ineficaz.

Trabalhei na área de Inteligência. Fui designado para a Coordenadoria de Análise e Planejamento da Secretaria de Segurança Pública, onde estudei o crime e a melhor forma de combatê-lo. Conheci mais de perto o então Departamento de Polícia Comunitária e de Direitos Humanos. Em 2003 e 2004 já se implantava as Bases Comunitárias de Segurança (equivalentes aos *Kobans* do Japão) – postos policiais onde os policiais trabalham em turnos atendendo a comunidade. E eu via que, onde o policial se envolvia mais com a comunidade, o crime diminuía.

Nessa época, o exemplo mais forte era o do Jardim Ângela. Ali havia um envolvimento com a comunidade. Fixou-se uma Base naquele que era um dos locais mais críticos do mundo. E a criminalidade caiu vertiginosamente. Estudamos essa interação polícia-comunidade, e, dentro da filosofia de polícia comunitária, percebemos que o caminho era esse: no estilo japonês, fixar o policial nas Bases

Comunitárias de Segurança.

A informação começou a vir. A polícia tinha criado sistemas de informação muito bons, como o Infocrim e o Copom online. Viase que a informação era necessária. Em 2006 houve um curso superior de polícia com o tema da aplicação da inteligência em cima de dados.

Em 2007 eu fui comandar a região central da capital paulista, onde acontecia de tudo. Era uma terra de ninguém. O comércio era fechado à noite e não havia vida noturna. A forma de ação que utilizei foi baseado na filosofia de polícia comunitária. A Polícia Militar queria desativar as guaritas que havia instalado na Avenida Paulista, mas eu fiz o contrário, pois elas eram uma forma de fixar o policial ali.

Colocamos 31 guaritas desse tipo e demos incentivo às Bases que já existiam. Pedi mais Bases para fixar o policial e expandi as cabines para o Largo do Arouche, Praça da República, Rua 25 de Março. Colocamos o policial a pé na rua.

Isso é uma quebra de paradigma. Eu queria que a polícia fosse comunitária, que conversasse com a população, que os capitães participassem dos Consegs (Conselhos Comunitários de Segurança) para interagir com os cidadãos, que o policial só usasse a arma em último caso. Descentralizamos a polícia para que os comandantes de Bases pudessem agir mais diretamente. A interação foi feita também com as escolas e os bancos. Os gerentes tiveram treinamento com a polícia.

E isso tudo deu muito certo. As comunidades passaram a ter uma relação forte com a polícia e as informações fluíam facilmente das comunidades para a polícia. Como resultado, a criminalidade caiu. Em 2008, todos os indicadores caíram, até mesmo os dados de furtos. A área central da capital virou vitrine para a polícia.

Em 2009, me tornei Comandante Geral da PMESP. Antes disso, procurei ver melhor a polícia comunitária. Eu ainda estava comandando a região central da capital quando fui privilegiado com o curso de 15 dias no Japão, em fevereiro e março daquele ano. Foi um aprendizado fantástico. Vi *in loco* um país onde a segurança é muito controlada. Foi uma lição para a vida toda. Me surpreendi com os japoneses, como eles fazem a segurança e a preocupação que têm com a população, mesmo na crise.

Estivemos em Tóquio, onde conhecemos a polícia urbana, e em Mie, onde conhecemos o policiamento rural. Em Tóquio, a maior preocupação era o furto de bicicletas e o emprego da polícia à noite para conduzir executivos de volta a suas casas depois da meia-noite, quando já não havia mais trens circulando. Em Mie, a preocupação nos *Chuzai-shos* (locais onde um policial mora com sua família e atende a comunidade) era visitar a casa dos idosos, com seus 80 ou 90 anos, que moram sozinhos.

Isso tudo me chamou a atenção. Precisávamos melhorar esses aspectos no Brasil porque aqui faltava o espírito comunitário que lá era muito grande. No Japão vi que havia muitos voluntários que olhavam a cidade, faziam rondas noturnas, recebiam colete e *giroflex* para a comunicação com a polícia. Vi de perto os *Kobans* e isso foi emblemático, pois aqui as pessoas se preocupavam em construir Bases com pompa. Lá era simples, a arquitetura do *Koban* se incorporava à arquitetura local, fazia parte da paisagem.

A forma de eles lidarem com a segurança chamou a atenção: o que interessa para a segurança é a informação, que vem da população. Precisa haver confiabilidade entre polícia e cidadão.

O Japão tem muitas coisas que me

impressionaram. Além da questão da segurança, há o respeito às pessoas, aos que têm mais experiência. Trouxemos isso. E tentei trazer a utilização dos policiais aposentados nas Bases, para dar informações, já que eles têm a experiência.

Também me impressionou no Japão o respeito pela autoridade, seja ela o prefeito, o policial, as instituições. E outra coisa que me impressionou foi o espírito comunitário. Independentemente se a pessoa está sendo observada ou não, ela se comporta. Quando caminhávamos pelas ruas, vimos que uma senhora catou uma latinha do chão e a levou por quatro quarteirões, até encontrar um lugar para depositá-la. Essa é uma atitude que não se vê aqui, o cuidar das coisas. Lá vi as residências com as plaquinhas com os nomes das famílias que moram nelas.

Voltei do Japão e no final do mesmo mês, foi noticiado que eu ia comandar a PMESP. No dia 25 de março de 2009 fui convidado para o comando e comecei a pensar nisso tudo. Eu tinha conceitos de polícia comunitária muito fortes e tinha experiência na área central da cidade. Precisava criar confiança na polícia, o povo não conhecia a polícia. E para acreditar, precisava conhecer. Fizemos um trabalho forte. Pedi ao Governo para criar mais Bases.

Em 2008 o Departamento de Polícia Comunitária tinha passado a ser Diretoria de Polícia Comunitária. Em 2009 chamei o Coronel Luiz de Castro Junior para dirigir a Diretoria e ele fez um excelente trabalho interno de mudança de cultura, porque o policial achava que as ações de polícia comunitária não eram para a polícia. Houve palestras, visitas às Bases, premiação como incentivo; tudo isso com o intuito de mudar a visão do policial: se se fizesse um bom trabalho de comunicação, o cidadão ia zelar pela segurança, a comunicação para a polícia ia

fluir, o criminoso ia ser pego.

Além disso, em 2009, criamos a operação delegada, no qual o município remunera o policial que quer trabalhar no seu dia de folga. Isso foi feito para toda a cidade de São Paulo e também em outras cidades. Também criamos um seriado de TV para mostrar o lado bom da polícia, para o cidadão acreditar na polícia e dar informações a ela. E fez-se convênios, até com os Correios, com o Secovi, o Creci.

São formas de interação com a população. Tudo isso é filosofia de polícia comunitária e tudo funcionou muito bem. O Governo achava que os indicadores iam chegar a um ponto e parar de cair. Eu falei que podiam cair ainda mais.

Em 2010 houve a inauguração do *Chuzai-sho* de Pindorama, em Mogi das Cruzes, um exemplo muito bonito, e foi especial porque Pindorama funcionava exatamente como um *Chuzai-sho* do Japão: a patrulha de moradores voluntários é que faz a comunicação ao *Chuzai-sho*. Foi a primeira vez que se viu que a experiência de polícia comunitária funcionava muito bem.

Valorizo demais a experiência que tive no Japão porque tive a oportunidade de ver o que aqui as pessoas ainda não acreditavam. Policiais torciam o nariz para o trabalho com o cidadão.

Mas ao dar visibilidade ao trabalho, e provando que se tivesse informações haveria menos trabalho com menor risco de morte, todo mundo ia zelar pela segurança.

O que ajudou a criminalidade cair foi o envolvimento da polícia com a comunidade. A polícia comunitária se tornou tão decisiva que virou um dos pilares da administração da PMESP. A informação foi fundamental e começou a fluir pela polícia comunitária.

Em 2010 o tema da segurança deixou

de ser usada nas campanhas para presidente e governador, porque a segurança ia muito bem, e não era discutida. Naquele ano, o Governo do Estado de São Paulo mudou, mas os cargos na área de segurança foram mantidos. O Secretário de Segurança Pública e o Comandante Geral da PMESP permaneceram os mesmos. A minha proposta para o novo governador foi duplicar o número de Bases Comunitárias de Segurança e as Bases Comunitárias de Segurança Móveis no Estado. Expandimos e incentivamos a criação de Bases fixas e também de Bases Comunitárias de Segurança Distritais ou *Chuzuishos*. O crime continuou a cair e em 2011 chegou a menor taxa de homicídios, de 10,02/100 mil habitantes.

O sucesso da PMESP e o sucesso do comando que tive foi por causa do valor que se deu à polícia comunitária, à interação polícia e cidadão.

Eu acho que a segurança pública se resolve com a inteligência, que tem a matéria-prima, que é a informação. E a informação se consegue com quem mora lá. O policial, que está lotado naquele local, uma hora vai ter que sair. Quem sabe o que acontece na vizinhança é o cidadão, o morador local. Trabalhar com o cidadão é o mesmo que polícia comunitária.

O projeto da PMESP com a JICA e seus resultados foram muito bons. O Brasil começou a despertar para esse tipo de polícia. O Secretário de Segurança Pública olhou, policiais de outros estados vieram conhecer o nosso sistema e muitos outros vieram ver o *case* São Paulo. O Coronel Castro fechou novo convênio com a JICA, onde entraram também a ABC e a SENASP, para a PMESP ser o pólo de multiplicação também para países da América Latina. Tivemos inspetores nossos enviados para outros países.

Para a PMESP isso foi muito bom

porque houve repercussão interna. O policial se sentiu prestigiado. O trabalho que ele fazia aqui era valorizado, exportado. E em outros estados falava-se nas notícias de São Paulo - o foco era a redução da criminalidade e o método utilizado. Coincidentemente isso aconteceu de 2000 para cá.

Isso tudo aumentou a autoestima do policial. A vinda de policiais de outros países para cursos aqui e todas as notícias eram divulgadas internamente, e comentava-se: “os policiais de São Paulo estão treinando outros policiais com a forma que deu certo aqui”.

À direita, Vereador Cel Alvaro Batista Camilo, então Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo



## HIROYUKI MINAMI

### VEREADOR PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Em 2007 passei um mês no Japão, quando levei cinco técnicos da Prefeitura de São Bernardo do Campo para um curso. Havia sido desenvolvido um trabalho sobre plano diretor de despoluição da Bacia da Represa Billings, e para complementar a capacitação dos nossos técnicos, fomos ao Japão.

Passamos 15 dias em Tóquio, no alojamento da JICA. Fizemos trabalho de pesquisa, tivemos palestras, visitas a represas, lagos, sistema de tratamento de esgoto e água, e também conhecemos usinas de incineração de lixo. Essas atividades se deram em Tóquio e em outras cidades.

Me chamou a atenção a grande represa em Ibaraki. Aqui no Brasil temos leis de proteção aos mananciais, que restringe a instalação de indústrias e moradias nas proximidades, mas ninguém respeita essas leis. Lá não há esse tipo de lei, mas há exigências da própria prefeitura local, que recomenda que não se polua, ou seja, nada que polua pode ser instalado nas proximidades. Mas há muitas empresas instaladas, e já há contaminação do local.

Visitamos Chiba e Kanagawa, onde vimos as instalações de tratamento de água. Além do tratamento normal, há o processo de purificação de água. Também vimos as usinas de incineração de lixo, e o interessante é que as cinzas são jogadas no mar, situação em que avançam mar adentro, criando terra firme.

Os nossos técnicos ficaram perplexos com as usinas de Tóquio. A entrada de uma usina parece um museu, e tiramos os sapatos para entrar. Tudo é extremamente limpo, higienizado, bem cuidado.

Tivemos muitas palestras técnicas, tais como sobre o sistema de tratamento de esgoto de Tóquio, sobre dessalinização da água do mar e os custos disso tudo. O aprendizado foi muito interessante, e o mais impressionante para os técnicos foi a educação do povo japonês. As pessoas preservam os córregos e nascentes, evitando que sejam lançados detritos residenciais e industriais neles.

Achei interessante o que se faz em uma comunidade do interior, que tem umas 30 ou 40 residências. Essa comunidade não está ligada ao sistema de tratamento municipal, mas tem um sistema próprio de fossa. O tratamento nesse sistema é feito com um produto que elimina bactérias. Em seguida, joga-se a água para o sistema natural, ou seja, para os córregos e rios, com eliminação quase total da sujeira. Note-se que o Rio Sumida, por exemplo, tem índice de poluição bem pequeno.

São Bernardo do Campo tem aproximadamente 70 km<sup>2</sup> e espelho d'água. A nossa grande parceira é a Sabesp, que é concessionária de esgoto de São Bernardo do Campo. Há também uma parceria com a Cetesb para a utilização de um modelo

matemático de medição da poluição.

Para São Bernardo do Campo essa experiência com a JICA foi muito proveitosa porque, quando foi iniciado o plano diretor, os peritos enviados do Japão ficaram cerca de 18 meses aqui desenvolvendo este projeto. Os peritos tinham um escritório na prefeitura. Assim, foram feitas, por exemplo, palestras e explicações para moradores sobre a importância da água e como ela pode ser economizada.

A palestra de um PhD do Japão, o Dr. Motohashi, chamou muito a atenção das pessoas, com um vídeo sobre a sua residência. Na lavagem dos pratos, primeiro é passado um papel para se retirar o óleo, que não vai para a água. Assim, foi feita uma educação ambiental: não jogar o óleo de cozinha na pia, mas recolhê-lo e fazer sabão.

Tudo isso teve muito resultado na região. Foram feitas palestras em escolas

## KOKEI UEHARA

**PROFESSOR EMÉRITO DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) E CONSELHEIRO DA ABJICA**

Minha participação na ABJICA é pequena. Mas tive a satisfação de acompanhar, com uns cinco professores, as visitas a universidades japonesas e instituições para pedir que recebessem nossos bolsistas. O convite para fazer essas visitas foi da JICA. Juntos estavam o Prof. Toshi-ichi Tachibana, o Prof. Shozo Motoyama e outros.

da periferia, e isso foi o início da educação ambiental, onde se tem aulas e se ensina a não jogar garrafas PET e plásticos em geral nas ruas, explicando que, com a chuva forte, esses objetos vão para os córregos e represas.

Foi a primeira vez que ocorreu na história da JICA um convênio entre ela e uma prefeitura.

Vereador Hiroyuki Minami, com a Represa Billings ao fundo



Então visitamos a Universidade de Ryukyus, em Okinawa, Universidade Kyushu, em Fukuoka, Universidade de Tóquio, Universidade de Tsukuba, na cidade que é um grande centro tecnológico, a Universidade Hokkaido, e outras.

Me lembro que em todos os lugares fomos muito bem recebidos e todas as

pessoas mostraram muita disposição para a nossa proposta.

Eu acho o intercâmbio muito importante para os dois países. Antes havia muitas bolsas disponíveis para o Brasil, mas foram diminuindo, e eu gostaria que isso não acontecesse.

E eu explico a importância das bolsas, não só para o Brasil, mas também para o Japão.

Os intercambistas são da área de engenharia, medicina, agronomia... várias áreas. E trazem muitos ensinamentos técnicos e científicos do Japão que são aplicados aqui no Brasil. Exemplos típicos são os profissionais da Sabesp e Cetesb, ex-bolsistas que hoje ocupam altos cargos. Mas, além da parte técnica e científica, os bolsistas principalmente voltam bem impressionados com a ética e moral do povo japonês em todos os sentidos.

O Japão é um dos países em que as pessoas se preocupam com o vizinho, ou seja, têm a preocupação de não incomodar o vizinho. Note-se que na língua japonesa existe a palavra “*on*” (sentimento de gratidão com dever de retribuir), e a palavra “*motainai*” (desperdício). Esse conceito de desperdício hoje não é só usado por japoneses. Então muitos brasileiros voltam com as coisas boas da cultura japonesa, e isso é bom para o Brasil.

Não sou humanista, sou engenheiro quadrado. Vim do Japão ao Brasil com 9 anos de idade e hoje tenho 86 anos. Praticamente fui criado aqui. Sou caipira.

Mas na minha opinião, o brasileiro, comparado com os japoneses, é meio barulhento. Não é por maldade. É costume. Nesse sentido, o movimento *dekassegui* assustou os japoneses.

O Brasil, do ponto de vista econômico, de armas nucleares, negócios, finanças, é Terceiro Mundo. Mas o Brasil tem algo que não se encontra em outros países. Em toda

família brasileira há misturas e todo tipo de religião. E ninguém briga por isso.

Faço aqui uma observação. Fui representante do Brasil na Unesco, em Paris, por mais de 12 anos. Nosso grupo não era grande. Fomos designados para calcular a quantidade de água no planeta, em geleiras, oceanos, etc. O Brasil fazia parte desse grupo. Abrindo um parêntesis, quando jovem, eu fui bolsista em Paris, em 1955 e 1956. Era difícil conseguir essa bolsa, mas consegui e fiquei hospedado em um hotel que seria de 2 estrelas. Deu para conhecer coisas boas nesse período.

Voltando à Unesco, quando terminávamos uma reunião, algum representante de algum país falava “todos viemos de países bonitos e moças bonitas, só que precisamos aprender com o Brasil”. E isso é o que é importante, que eu ia falar. “Precisamos aprender com o Brasil”. Deixando de lado essa diferença entre riquíssimos e paupérrimos, o Brasil consegue ter o que tem sem guerra e sem revolução, porque em todas as famílias há todas as religiões e raças. Então, em breve, o Brasil será um país símbolo multicultural. O primeiro passo é a questão multirracial, que já aconteceu. Cada um guarda a sua origem e forma o que é o Brasil.

Todo mundo fala do Canadá porque, para começar, fala duas línguas e é protestante e católico. O Brasil só fala português. Mas essas minhas ideias que eu já tinha foram confirmadas na Unesco.

E esse lado multicultural, queiram ou não, os brasileiros levam para o Japão. O mundo ainda não viu, mas logo vai observar. O intercâmbio é importante por causa disso. Não é só importante para o Brasil, para as pessoas aproveitarem a experiência em suas carreiras. Mais que isso, elas trazem a cultura japonesa. Mas deixam lá o multiculturalismo brasileiro. O Japão está começando a acordar

para isso. Teoricamente está se falando nisso há algum tempo.

O Japão é uma ilha, é formado por ilhas. Se houvesse outros continentes vizinhos, os japoneses teriam para onde ir. Mas como vivem em ilhas, os japoneses ficaram isolados, perderam o contato com outros povos. Além disso, em sua história houve o fechamento, o “*sakoku*”, por longo tempo. Enquanto houve um grande progresso técnico e expansão em outros lugares, em torno de 1600, o Japão ficou fechado.

O Brasil tem outra história. Na Unesco, aproveitei para ouvir as conversas dos representantes de outros lugares. Ouvi eles dizerem também: “vejam, o representante do Brasil nem é nascido lá”.

Essas são minhas ideias; é o que penso. Por isso, queria que o intercâmbio e as bolsas continuassem. O Japão tem muitas coisas

## LUCY SAYURI ITO

**ASSESSORA CHEFE, PROJETO PARA O FORTALECIMENTO DO SISTEMA DE SAÚDE POR MEIO DO DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS (PROFORSA), MINISTÉRIO DA SAÚDE, MOÇAMBIQUE**

Desde a faculdade tive um foco muito definido: queria trabalhar com saúde pública. Por isso, quando ainda fazia especialização, decidi ir trabalhar num centro de saúde na periferia de São Paulo.

Trabalhar em países em desenvolvimento era um desejo antigo que foi adiado por diversas razões.

Em 1998 tive o meu primeiro contato com a JICA. Lembro-me até hoje do telefonema que recebi do escritório da JICA de

boas e o Brasil também, principalmente esse multiculturalismo. Falo da importância das bolsas, para que não as cortem. Pelo contrário, que se aumente o número delas. Quanto maior o intercâmbio e o número de bolsas, para outros países também, o mundo vai melhorar, pois falamos em aproximação de povos.

Professor emérito da Escola Politécnica da USP, Kohei Uehara, em sua casa



São Paulo. Eu estava no hospital, já atuando como médica, quando pediram um encontro. Foi então que me fizeram o convite para fazer parte de um novo programa da Agência, chamado “peritos *nikkeis* em terceiros países”, e trabalhar num projeto de atenção primária de saúde no Paraguai. Aceitei o convite e fui trabalhar em uma área rural ao sul de Assunção, com a missão de implementar um sistema de atenção médica em áreas remotas e lidar com a saúde indígena.

De volta ao Brasil me tornei membro da Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo (ABJICA) e participei de algumas atividades organizadas pela associação.

Em 2008 fui novamente convidada pela JICA para atuar como a primeira perita de longo prazo do Programa de Parceria Brasil-Japão (JBPP) em Moçambique, onde permaneci por 2 anos. Com o término desse projeto, fui convidada a permanecer naquele país, desta vez como assessora líder junto ao Ministério da Saúde, num projeto de cooperação técnica entre a JICA e o Governo de Moçambique.

Moçambique é uma antiga colônia portuguesa que se tornou independente em 25 de Junho de 1975, após cerca de 10 anos de conflito armado entre o governo português e a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Até 1975, o sistema de saúde, incluindo a formação dos profissionais da saúde, estava organizado segundo a política do governo português. Depois da independência e da decisão política de nacionalização de todas as unidades sanitárias, seguiu-se o abandono do país por grande parte do pessoal da saúde. Com a carência de profissionais de saúde, o governo de Moçambique iniciou a formação destes profissionais sob a responsabilidade do Ministério da Saúde, através de 15 Instituições de Formação localizadas em todas as províncias do país.

Meu trabalho é coordenar e gerir as atividades do projeto, cuja meta é melhorar a formação dos profissionais de saúde para prestar cuidados de saúde de qualidade à população.

A vida em Moçambique é bastante simples, mas requer uma grande adaptação. Minha experiência anterior nas comunidades indígenas do Paraguai e nas montanhas do Peru facilitou sobremaneira esse processo.

Além disso, a larga experiência que

A experiência acrescentou muito ao meu currículo profissional, além de ter me permitido conhecer uma nova área da cooperação internacional. Nessa experiência, também consegui utilizar meus conhecimentos em prol do desenvolvimento de uma região e pude ajudar pessoas com culturas tão diferentes da minha a ter uma realidade melhor.

Precisei aprender a lidar com pessoas em situações e áreas de risco, com pessoas de culturas e línguas diferentes, com recursos muitas vezes escassos e com uma realidade que nunca tinha visto ou vivido. Foi o meu primeiro contato profundo com doenças como malária, chagas, tuberculose, leishmaniose e outras doenças infecciosas.

Em 2000, decidi me candidatar a uma bolsa para estudar epidemiologia no Japão e foi ali que conheci o oposto da realidade que havia experimentado antes, o que me causou uma grata surpresa ao ver uma cultura e um povo tão distinto em seus hábitos cordiais e organizados, com sua sociedade tão disciplinada e com serviços públicos que funcionam em harmonia com o ritmo frenético das grandes cidades. Ali, pude conhecer quase todas as províncias japonesas e perceber suas características e peculiaridades, suas belezas naturais e riquezas arquitetônicas, ao mesmo tempo que melhorava meu conhecimento sobre a língua japonesa.

Durante o meu estágio no Instituto de Pesquisas em Câncer de Aichi, Departamento de Epidemiologia e Prevenção, tive a oportunidade de interagir com os mais célebres e respeitados pesquisadores japoneses, o que só aumentou minha vontade de aprofundar minhas pesquisas no campo epidemiológico, o que, por sua vez, depois de 15 meses, culminou na publicação de três artigos científicos e o início de uma cooperação científica entre universidades.

a JICA detém no contexto da prestação de assistência ao desenvolvimento, sua capacidade organizacional e a capacidade do corpo de funcionários aptos a partilhar seus conhecimentos em benefício do país receptor são de grande ajuda nesse processo de adaptação e de inserção num meio até então desconhecido.

O ponto principal desse grande desafio é a gana por vencer os obstáculos, tentando sempre priorizar a qualidade do que fazemos, o que me motiva a continuar o trabalho nessa área de assistência ao desenvolvimento humano e me estimula a continuar trabalhando na JICA, por acreditar nos conceitos que tem a Agência.

Para o meu trabalho, é engrandecedor e de grande honra o fato de poder contribuir com meus conhecimentos e minha experiência para, junto com a JICA, promover a possibilidade de um futuro melhor para as gerações de meninas e meninos, homens e mulheres que não tiveram até então as mesmas oportunidades que o nosso país teve, e que ainda estão longe da realidade e desenvolvimento japoneses. Mas seguimos, Brasil e Japão, unidos no ideal de promover o desenvolvimento de forma inclusiva e dinâmica, aproveitando o que há de melhor em nossas culturas.

À direita, Lucy Sayuri Ito, por ocasião da missão de visita do Ministro da Saúde de MZ ao Japão, 2012



## PAULO FERREIRA

**EX-SECRETÁRIO ADJUNTO DO MEIO AMBIENTE E CONSELHEIRO DA ABJICA;  
EX-COORDENADOR DE PROJETOS, SUPERINTENDENTE, E DIRETOR TÉCNICO E DE  
MEIO AMBIENTE DA SABESP; EX-DIRETOR DE CONTROLE DA POLUIÇÃO DA CETESB  
PROFESSOR ADJUNTO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE  
PRESBITERIANA MACKENZIE**

Fui designado pela Sabesp para me candidatar a uma bolsa de estudos da *Japan International Cooperation Agency - JICA* - em 1978.

Após as entrevistas e testes, fui aprovado e embarquei para o Japão para participar do 13º Curso de Sistemas de Abastecimento de Água.

Foi uma extraordinária oportunidade que me propiciou aprimoramento técnico de primeira qualidade e notável experiência de vida.

Relembro com saudade das aulas do Prof. Norihito Tambo que discorria sobre a química do tratamento de água com bom humor, simpatia e profundidade técnica.

Outros professores igualmente competentes e entusiastas aprofundaram os conhecimentos sobre operações unitárias de tratamento, tubulações dos diferentes materiais, instalações domiciliares, perdas de água, manutenções com o sistema em carga. E o que mais me impressionou na época foi o respeito pelo consumidor, a tal ponto que, se alguém sentisse qualquer diferença na qualidade, cor, gosto ou odor da água e telefonasse para a concessionária, em 15 minutos lá estava um técnico em sua residência para verificar o problema e buscar soluções ou

dar explicações sobre o que estava ocorrendo. Que semelhança temos!!

As publicações técnicas que nos foram fornecidas mostram o estado da arte sobre sistemas de abastecimento de água, livros que ainda guardo e consulto regularmente e que tratam do planejamento, da construção, da operação e da manutenção dos sistemas com todos os seus aspectos teóricos e técnicos - uma visão completa e profunda do tema.

Participamos de congressos internacionais em Kyoto, visitamos sistemas de saneamento em diversas cidades - a linda Sendai, Hiroshima com todo seu simbolismo e apelo humanitário, a tradicional e magnífica Kyoto, a megalópole Tóquio com seu gigantismo semelhante a São Paulo, com suas controvérsias e perplexidades.

Visitamos construtoras, indústrias de todos os tipos de materiais, siderúrgicas, equipamentos de bombas e eletrônicos, e admiramos a imensa abertura de seus técnicos às perguntas e dúvidas.

Foi uma experiência técnica excepcional e um fortalecimento do aprendizado de engenharia que marcaram toda a minha vida profissional.

O que dizer dos aspectos da vida

cotidiana? O desespero da leitura indecifrável dos cartazes e letreiros em *kanji*, a ilusão da leitura em *romaji*, a segurança em qualquer hora do dia, a luminosidade de Shinjuku, o deslumbramento dos eletrônicos de Akihabara, a jovialidade de Yoyogi, a *finesse* de Ginza, a beleza do Teatro Kabuki, o delicioso *sakê* e a deliciosa *biru*, as lindas melodias tradicionais do Japão antigo com todo seu toque de melancolia.

A perplexidade de assistir ao videotape dos jogos da Copa do Mundo de 1978 narrados em japonês – imagina o locutor japonês falando Rivelino –, e, pior ainda, em um domingo passava o primeiro tempo do jogo e o segundo tempo só iria passar no domingo seguinte! A extraordinária qualidade da TV japonesa com seus programas culturais e musicais, as aulas de instrumentos como violino, piano, oboé e até sax.

A convivência com colegas das mais diferentes culturas e costumes, da Tailândia, Nepal, Filipinas, Iran, Arábia Saudita, Coreia do Sul, Afeganistão, Turquia, Egito, Libéria, Malásia, formando uma verdadeira Babel.

A fidalguia do povo japonês quando sabia que éramos brasileiros – naquela época, *burajiro jin* era muito bem-vindo e querido –, a extrema honestidade nas relações de comércio a tal ponto que causa estranheza você conferir o troco, o copo d'água na mesa do restaurante colocado tão logo você se assente – nem pensar em garrafa de água mineral –, a lisura do garçom ao apresentar o valor da despesa, o taxista que para o taxímetro para pedir informação sobre o local de destino, interpretando como erro dele o fato de não conhecer o trajeto e não onerando suas despesas, a ofensa de receber gorjeta para qualquer serviço.

A magnífica beleza de seus parques, a beleza das crianças caminhando para a escola

e atravessando, sem a menor preocupação, grandes avenidas que tinham todo o trânsito interrompido para que os pequenos as atravessassem com toda segurança – e sem qualquer som de buzina! –, o respeito e cuidado com as pessoas de idade em qualquer circunstância, desde o acesso às bilheteiras com total prioridade até o ocupar os assentos nos veículos de transporte.

Assim, se de um lado tive a oportunidade de aprofundar e consolidar conhecimentos técnicos que têm sido de extrema utilidade por toda minha vida profissional, tanto na engenharia como na docência, foi igualmente extraordinária a experiência de vida propiciada pelo curso oferecido pela JICA.

A maior dificuldade foi enfrentar a saudade – aqui ficaram meus amores dos quais subtrai 5 meses do convívio –, saudade abrandada com cartas que eu recebia toda semana, com recortes de jornais brasileiros e desenhos das crianças, que me ajudavam a suportar a distância.

Tenho para com a JICA um sentimento de imensa gratidão.

Paulo Ferreira



## RAMON FLAVIO GOMES RODRIGUES

### SECRETÁRIO EXECUTIVO DA SECRETARIA DOS RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DO CEARÁ

No segundo semestre de 1989, a Secretaria dos Recursos Hídricos do Estado do Ceará, instituição da qual sou funcionário desde aquela época, recebeu um convite, com formulários de inscrição, para apresentar candidatos ao Curso “*Water Resources Development and its Use in Arid Areas*”, que ocorreria no Japão no ano seguinte, ofertado pelo governo japonês através da JICA.

Internamente fui escolhido para submeter os formulários de inscrição e, afortunadamente, fui selecionado para participar desse curso.

O curso teve a duração de quatro meses, com uma abrangência muito grande de temas. Foram abordados desde aspectos econômicos, sociais e culturais do Japão até as matérias técnicas propriamente ditas. Porém as várias visitas técnicas realizadas fizeram um grande diferencial no aprendizado.

O meu curso foi realizado na cidade de Tottori, cidade que fica no litoral da parte do Japão que está voltada para a China. Parte do curso foi na Universidade de Tottori e parte no Instituto de Pesquisa de áreas áridas.

Tenho certeza que, não apenas na minha área de trabalho mas em todas as áreas, o Japão está na vanguarda do desenvolvimento.

A realização do curso numa cidade do interior foi uma grande oportunidade de interagir com a comunidade e com as famílias

no seu dia a dia. Fomos muito bem recebidos por todos.

Ficamos hospedados num hotel, com todo o apoio da JICA. Existia uma coordenadora exclusiva para nos atender. Passávamos o dia na universidade e participávamos de todos os eventos que ocorriam na cidade.

Para mim, especialmente, que sou do Ceará, onde existem muitas dunas de areia, me senti em casa, pois Totorri também tem dunas muito parecidas com as daqui.

O grupo que participou do curso, em termos de nacionalidade, foi bastante eclético: um brasileiro (eu), um camaronês, um mexicano, dois egípcios, um chinês, um dos Emirados Árabes Unidos e um da Arábia Saudita. Tornamo-nos uma família.

Sobre a cultura japonesa, minhas impressões são as melhores possíveis: uma cultura milenar e que traz costumes já testados exaustivamente, onde prevalecem as boas práticas.

A organização japonesa é impecável. O planejamento é realizado de forma exaustiva para nada dar errado na execução.

Perguntaram-me várias vezes o que me chamou a atenção nessa minha temporada no Japão e minha resposta sempre foi a mesma: “Imagine um país onde tudo funciona como deve ser. Tudo. Esse país é o Japão.”

Após meu retorno, fui indicado para gerenciar um programa negociado pelo Estado com o Banco Mundial (PROURB Recursos Hídricos), onde desenvolvemos toda a política de Gestão de Recursos Hídricos do Ceará, hoje modelo para o Brasil. Após este projeto, sempre participei da alta direção da Secretaria de Recursos Hídricos do Ceará, chegando inclusive a Secretário Adjunto.

Em Brasília, onde passei um bom período na equipe do Governo Federal, tive a oportunidade de participar de projetos com financiamento internacional, inclusive com a participação da JICA.

O mais interessante é que, em 2011, quando ocupava o cargo de Secretário Nacional de Irrigação do Ministério da

Integração Nacional, fui homenageado pela Câmara Municipal de São Paulo numa proposição do Vereador Aurélio Nomura. No jantar oferecido pela Associação Tottori Kenji-kai do Brasil, encontrei, depois de 21 anos, a nossa coordenadora do curso no Japão – naquela época, Senhorita Noriko Yoshida – vivendo em São Paulo e casada com um brasileiro. Para mim foi uma grande e agradável surpresa.

Conversamos bastante e relembramos fatos e situações da minha inesquecível estadia no JAPÃO.

Obrigado JICA! Obrigado Governo Japonês por essa grande oportunidade na minha vida!

*Domo Arigatô Gozaimasu.*

Ramon Flavio Gomes Rodrigues





Santuário Kasuga, Nara, Japão

---

## PROJETOS INSTITUCIONAIS

---

## A CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO DE DIOXINAS E FURANOS

**CETESB – COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO**

A estreita colaboração e parceria de mais de 20 anos entre a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB) e a Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) tem resultado em diversos programas e projetos conjuntos na área de controle da poluição e monitoramento da qualidade ambiental no Estado de São Paulo, envolvendo intensa cooperação técnica e transferência de tecnologia em diversas áreas de atividade, como poluição atmosférica, industrial, das águas e na área de destinação e eliminação de resíduos sólidos, entre outras atividades.

Um dos exemplos de projeto de cooperação CETESB–JICA foi a implementação do laboratório de dioxinas e furanos inaugurado em maio de 2009, o primeiro laboratório público do país com capacidade para analisar dioxinas e furanos (D&F) e um dos únicos equipados com espectrômetro de massa de alta resolução, utilizado para análise mais refinada desses poluentes.

O início da concretização desse projeto se deu no ano de 2000, com a ida de dois técnicos da CETESB para o Japão com o objetivo de avaliar a infraestrutura necessária para a construção do Laboratório de D&F e de se capacitarem na análise de dioxinas e furanos em amostras ambientais, para implantação do método na CETESB. Esta

capacitação teve a duração de dois meses com um programa de treinamento intensivo, muito bem planejado pela coordenação da JICA, sendo dividido em diversas etapas para uma visão geral e também para os detalhes necessários para a construção do laboratório e implantação da rotina analítica. O treinamento técnico foi realizado na Jasco International Co. e no ECC - Environment Control Center em Tóquio, e as visitas técnicas envolveram as seguintes instituições: *Kobelco Research Institute* (Kolbe), *Unitika – Environmental Technical Center* (Kyoto), *Shimazu Corporation* (Kyoto) e o Laboratório Metropolitano de Tóquio.

No primeiro momento após a capacitação, a construção de um laboratório desse porte parecia inviável devido às dificuldades enfrentadas para trazer a tecnologia que não existia. Não era simplesmente construir

Vista geral do Laboratório de D&F



o laboratório e instalar o equipamento. Era necessário ter todas as condições para a instalação e operação adequada do equipamento, ou seja, construção de um prédio com todas as condições requeridas, ter um suporte técnico especializado para a instalação, operacionalização e necessidade de peças de reposição específicas e praticamente quase todo material analítico teria que ser importado. Com o apoio e o comprometimento da diretoria da CETESB, decidiu-se enfrentar o desafio da construção do laboratório.

Em maio de 2009 o Laboratório de D&F foi inaugurado, concretizando o projeto que havia se iniciado há cerca de 10 anos, com a superação de inúmeros desafios. O laboratório foi montado com recursos do Ministério do Meio Ambiente e do Governo Estadual, totalizando 1,4 milhões de reais. O espectrômetro de massa de alta resolução, com valor aproximado de 800 mil dólares, foi doado pelo governo japonês, através de um programa de cooperação com a JICA.

Atualmente os ensaios do laboratório possuem acreditação ISO guia 17025 não só para detecção e quantificação de dioxinas e furanos, mas também para os *dioxin like*, PCBs em diversas matrizes ambientais, oferecendo suporte analítico para as atividades de fiscalização e monitoramento ambiental do Estado de São Paulo, e também atendendo a demandas de outros Estados. O Laboratório de D&F da CETESB está diretamente envolvido no programa de Monitoramento Global de poluentes orgânicos persistentes (POPs) da Convenção de Estocolmo e fornece cursos de capacitação analítica sobre os POPs para os estados brasileiros e países da região da América Latina e Caribe, na condição de Centro Regional da Convenção de Estocolmo para a região da América Latina e Caribe, cursos

esses viabilizados com o suporte financeiro da JICA através do Projeto (JICA/ABC/CETESB) “*International Training Course on Environmentally Sound Management of Persistent Organic Pollutants (POPs) under Stockholm Convention*” Curso de Capacitação para Análises de POPs para participantes do Brasil e América Latina e Caribe – Centro Regional da Convenção de Estocolmo para POPs – Projeto JICA/ABC/CETESB. A Convenção de Estocolmo (CE) para Poluentes Orgânicos Persistentes é um tratado internacional que visa a proteção da saúde humana e do meio ambiente, contra os efeitos das substâncias químicas conhecidas como POPs. Dentre os POPs, as dioxinas, furanos e os *dioxin like* PCBs podem ser gerados pela combustão incompleta, como a incineração de resíduos, produção de metais ferrosos e não-ferrosos, em processos de geração de energia, transportes, queima a céu aberto, produção de produtos químicos e bens de consumo, entre outros processos.

O conhecimento sobre estes poluentes ainda é escasso no Brasil, havendo necessidade de aporte de informações.

Inauguração do Laboratório de D&F;  
Mauro Inoue da JICA



A parceria CETESB-JICA permitiu a implantação deste laboratório que representa um grande avanço na área de tecnologia ambiental, oferecendo autonomia na detecção desses grupos de poluentes, e deixa a CETESB na liderança do país e na região

## LABORATÓRIO DE HIDROLOGIA FLORESTAL ENG. AGR. WALTER EMMERICH \*

### INSTITUTO FLORESTAL

Os Governos do Brasil e do Japão estabeleceram uma cooperação técnica que teve seu início em 1979. As instituições responsáveis foram o Instituto Florestal de São Paulo e a Japan International Cooperation Agency.

Essa cooperação técnica possibilitou dotar o Laboratório de Hidrologia Florestal Eng. Agr. Walter Emmerich, localizado no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Cunha, com infraestrutura, equipamentos e a capacitação dos pesquisadores brasileiros para o desenvolvimento de pesquisas em hidrologia florestal.

LABORATÓRIO DE HIDROLOGIA FLORESTAL  
WALTER EMMERICH – PARQUE ESTADUAL DA  
SERRA DO MAR, NÚCLEO CUNHA

O bioma Mata Atlântica é um dos mais ameaçados e importantes do planeta, e apenas recentemente estudos sistemáticos

da América Latina e Caribe em relação à implantação de tecnologia analítica para monitoramento deste grupo de poluentes, causando um impacto significativo na gestão do conhecimento e na área de pesquisa e desenvolvimento (P&D) no país.

e continuados têm sido realizados no sentido de se conhecer a biodiversidade e os processos naturais. Neste contexto, as pesquisas desenvolvidas em Cunha por meio da cooperação técnica revestiram-se de grande pioneirismo, pois procuraram desvendar, a partir da análise de dados obtidos de forma prolongada e consistente, as complexas relações entre o ciclo hidrológico e a Mata Atlântica.

Todo o estudo que envolve as relações floresta – água para o manejo de bacias hidrográficas tem como foco central o conhecimento detalhado dos processos do balanço hídrico em microbacia hidrográfica. Este foi, portanto, a espinha dorsal das pesquisas desenvolvidas.

Os métodos preconizados na cooperação técnica Instituto Florestal/JICA, para investigar as relações entre a floresta e os processos hidrológicos, incluíram o uso de parcelas para o estudo do escoamento superficial, lisímetros e microbacias hidrográficas experimentais.

### CURSOS REALIZADOS PARA INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Com a infraestrutura que o Laboratório possui e com a experiência de seus pesquisadores, são oferecidos cursos de Hidrologia Florestal de curta duração, em média de três a cinco dias, em especial, para universidades, por meio de seus alunos de graduação e pós-graduação, bem como para demais profissionais de nível superior, conforme apresentado abaixo:

- UNESP / Botucatu (CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA FLORESTAL)
- UNESP / Sorocaba (CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL)
- UNESP / Ourinhos (CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA)
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Campus Três Rios (CURSO DE GRADUAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL)
- Universidade Federal de São Paulo / Campus Diadema (CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS)
- Universidade Tecnológica Federal do Paraná / Campus Medianeira (CURSO DE GRADUAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL)
- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia (CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA)
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Campus Seropédica (CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E FLORESTAIS)
- Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL)
- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (CURSO PARA ENGENHEIROS AGRÔNOMOS)
- Coordenadoria de Recursos Hídricos – Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (CURSO PARA PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR)
- Fundo Estadual de Recursos Hídricos – Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos do Estado de São Paulo (CURSO PARA PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR)

## COOPERAÇÃO TÉCNICA INTERNACIONAL ENTRE A REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E A REPÚBLICA DO EQUADOR

O Acordo Básico de Cooperação Técnica entre a República Federativa de Brasil e a República do Equador foi assinado em 9 de fevereiro de 1982 e promulgado em 12 de julho de 1984. Um Ajuste Complementar a esse Acordo foi assinado em 18 de fevereiro de 2011, para a implementação do Projeto “Apoio à Criação de um Sistema de Informação Nacional de Recursos Hídricos Florestais”, que teve seu término em março de 2013.

Para o desenvolvimento do projeto, as instituições equatorianas, tanto a executora como a coordenadora, foram a Secretaria Nacional de Água (SENAGUA) e a Secretaria Técnica de Cooperação Internacional. Por outro lado, as instituições brasileiras responsáveis foram o Instituto Florestal do Estado de São Paulo (IFSP), da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, e a Agência Brasileira de Cooperação, do Ministério das Relações Exteriores.

O projeto teve como objetivos o fortalecimento institucional da SENAGUA, por meio de dois cursos de capacitação técnica em hidrologia florestal no Brasil, para o desenvolvimento das pesquisas em hidrologia florestal e a implementação do sistema de informação nacional sobre os recursos hídricos no Equador.

Este projeto de cooperação permitiu dispor de equipe de profissionais equatorianos em nível nacional, localizados em ecossistemas estratégicos, contribuindo assim, com a possibilidade de incrementar pesquisas que poderão dar ao país informações científicas para a tomada de decisões na gestão integral

das bacias hidrográficas.

Os dois cursos de capacitação para os profissionais equatorianos foram realizados no Laboratório de Hidrologia Florestal Eng. Agr. Walter Emmerich, localizado no Núcleo Cunha do Parque Estadual da Serra do Mar, em janeiro e junho de 2013, com a participação de oito e doze profissionais, respectivamente

Coordenador do Curso PqC Valdir de Cicco (primeiro à esquerda) e os doze participantes equatorianos



O produto final de maior importância foi a capacitação técnica para o desenvolvimento de pesquisas, assim como a implementação de várias delas que serão priorizadas em função da necessidade e pertinência para fornecer informações aos processos de planejamento da SENAGUA.

Um segundo Ajuste Complementar ao Acordo Básico de Cooperação Científica e Técnica foi assinado entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República do Equador, agora para implementação do projeto “Apoio à Restauração e Monitoramento Hidrológico de Microbacias Hidrográficas sob Influência Direta de Grandes Reservatórios no Equador”, que tem sua vigência de janeiro de 2013 a dezembro de 2014.

A justificativa desse segundo acordo é que o Equador não dispõe de pesquisas nas áreas de hidrologia florestal e restauração florestal em microbacias hidrográficas. Desta forma, este projeto de cooperação técnica vai permitir o monitoramento hidrológico e a restauração de microbacias com influência direta de grandes reservatórios.

O principal problema dos grandes reservatórios no Equador se dá através das bacias hidrográficas que abastecem de água esse tipo de estrutura. Isto se deve às microbacias com influência para manter e assegurar a vazão dos mesmos que sofrem processos de desmatamento, e que em muitos casos provocaram severos processos de erosão que ocasionam sedimentação e assoreamento dos reservatórios, assim como a sua vida útil.

Este problema é marcante nas microbacias que deságuam nos reservatórios Daule Peripa (Províncias de Guayas, Manabi, Los Rios, Santo Domingo), Paute (Província de Azuay), Esperanza (Província de Manabi), Chongón (Província de Guayas), Poza Onda (Província de Manabi) y Tahuín (Província de El Oro). Estes reservatórios estão localizados nas Demarcações Hidrográficas de Guayas, Manabi, Jubones, Puyango-Catamayo. É de fundamental importância realizar os trabalhos de restauração florestal com planejamento e com espécies preferencialmente endêmicas, que serão monitorados hidrológicamente.

Conforme exposto, se criará ferramentas-chaves para o manejo de bacias hidrográficas, como a hidrologia florestal, que é uma das áreas de deficiências em termos de pesquisas no Equador. Os resultados dessas investigações proporcionarão conhecimentos da dinâmica da água nas microbacias selecionadas. Por outro lado, a restauração florestal contribuirá para a diminuição do escoamento superficial, e conseqüentemente,

uma menor quantidade de sedimentos chegará aos reservatórios.

Dessa maneira, a SENAGUA cumprirá suas atribuições quanto à administração equitativa da água para a população, como também na definição de mecanismos para geração de informações por meio dos resultados das pesquisas, as quais poderão ser replicadas e poderão auxiliar na tomada de decisões para a gestão integral dos recursos hídricos no país.

Os resultados esperados do projeto são:

- elaboração de relatório sobre os fatores de degradação ambiental e seleção das microbacias hidrográficas com florestas e a serem restauradas,
- curso de capacitação em Restauração Florestal em Assis/SP, para oito profissionais equatorianos, e definição de metodologias e estratégias para elaboração de projetos,
- seminário sobre restauração florestal e elaboração de projetos de restauração, e
- elaboração de relatório final de avaliação dos resultados do projeto.

Aula Prática de Interceptação das Chuvas no Laboratório de Hidrologia Florestal Eng. Agr. Walter Emmerich



(\*) Autor: Pesquisador Científico Valdir de Cicco, Instituto Florestal

## PROGRAMA DE INTERCÂMBIO \*

### INSTITUTO BUTANTAN

*... Idealizo um chegar cansado de muito além de além mar, pouca bagagem, poucas economias, mãos apoiando-se em mãos, pernas dormentes, rostos definitivamente marcados pelos dias insones desde o afastamento do oriente insular, de onde emergem arcos montanhosos lavados pelas monções.*

*A paciência, o falar pouco, o dizer em sussurros, o mover de cabeças, o mexer de sobranceiras, as típicas reverências, as trocas de olhares que discursam e que põem ponto final às tagarelices de outros olhares... Passos, breve espaço, ideogramas precisos... Assim concebo os que aportaram vindos do NI [o sol], PON [a origem] e assim imagino seus legados... Heranças sucessivas de artesãos fabricando seus trabalhos...*

Com essas palavras, o pesquisador Osvaldo Augusto Brazil Esteves Sant'Anna, do Instituto Butantan, prefaciou o artigo "Descendentes do Sol Nascente no Instituto Butantan: O caminhar na ciência", que analisava a participação dos imigrantes japoneses e seus descendentes na história do Instituto Butantan.

Para a produção desse texto, ainda a ser publicado, foram feitos levantamentos dos funcionários *nikkeis*, sua origem e sua formação. Ali, encontram-se duas informações de interesse ao remontar a história das relações entre Butantan e Japão: o primeiro

funcionário *nikkey* do Instituto Butantan foi contratado em 1943, 35 anos depois da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil, e o quadro de funcionários *nikkeis* no Instituto compunha-se predominantemente de profissionais de nível universitário, o que contribuiria para uma boa inserção dos *nikkeis* na sociedade brasileira e possibilitava intercâmbios entre pesquisadores brasileiros e japoneses, resultando em maior interação cultural e científica.

O Instituto Butantan, criado em 23 de fevereiro de 1901, é um dos maiores centros de pesquisa biomédica do mundo, desenvolvendo trabalhos ligados ao desenvolvimento tecnológico, à produção de imunobiológicos e à divulgação cultural técnico-científica. Vinculado à Secretaria da Saúde do Governo do Estado de São Paulo, tem como missão institucional atender às demandas primordialmente voltadas para a saúde pública, contribuindo com o Estado para prover o bem-estar da população.

O Instituto desenvolve estudos e pesquisas relacionadas, direta ou indiretamente, com a saúde pública, nas áreas de Biologia, Biomedicina, Farmacologia e Biotecnologia. Realiza também missões científicas no país e no exterior através das Organizações Pan-Americanas da Saúde, da Unicef e da ONU.

Além da contribuição médica e científica, o Butantan também promove atividades relacionadas à educação, curso de pós-graduação, cursos técnicos, estágios de aperfeiçoamento, eventos e palestras acadêmicas.

O Butantan é referência mundial no estudo de animais peçonhentos e seus respectivos venenos e toxinas, constituindo-se como o maior produtor de soros e vacinas da América Latina e o principal produtor de imunobiológicos do Brasil, respondendo por 80% da produção nacional dos antígenos vacinais, que compõem as vacinas utilizadas no Programa Nacional de Imunização, e por 70% da produção nacional de soros hiperimunes.

As atividades culturais e educativas para o grande público são realizadas principalmente por meio dos quatro museus: (1) o Museu Histórico, que mostra a trajetória da instituição desde a sua criação; (2) o Museu Biológico, onde estão expostos os animais venenosos vivos e conservados, que permite ao visitante ter conhecimentos sobre a sua biologia; (3) o Museu de Microbiologia, onde os visitantes fazem uma viagem interativa desde o primeiro microscópio até as mais recentes conquistas da ciência no mundo dos microrganismos, estimulando a curiosidade científica dos jovens e possibilitando ao público em geral um melhor entendimento das ciências; e (4) o Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, voltado para a preservação de acervos relacionados à história da saúde e para a produção de conhecimento na área de história das ciências e da saúde, bem como à democratização do acesso da informação à sociedade.

A partir do estabelecimento do Acordo Básico de Cooperação Técnica Brasil – Japão, em 1970, por intermédio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, o apoio oferecido ao Brasil pelo Japão assumiu grande

importância para os dois países. Até o presente momento, o montante acumulado de fundos enviados ao Brasil pela cooperação técnica supera a ordem de 1,7 bilhão de reais, o que coloca o Brasil na sexta posição entre os países receptores de auxílio japonês através de cooperação técnica dentre todos os países do mundo, sendo ainda o maior receptor de cooperação técnica através da JICA fora do continente asiático.

O intercâmbio entre o Instituto Butantan e o Japão teve início em 1985. Desde então, um total de 17 pesquisadores (nove *nikkeis* e oito de origem não japonesa), desenvolveram pesquisa ou participaram de cursos de treinamento em instituições japonesas. Os pesquisadores foram tanto da Divisão de Desenvolvimento Científico (nove), como da Divisão de Desenvolvimento Técnico e de Produção (oito). O resultado, até o momento, foi um intercâmbio produtivo, em que cinco pesquisadores retornaram ao Japão pelo menos uma outra vez em projetos em colaboração.

Os programas de intercâmbio foram apoiados com recursos de entidades japonesas, como a JICA (*Japan International Cooperation Agency*), que financiou 14 programas de intercâmbio, a JSPS (*Japan Society for the Promotion of Science*), que apoiou três intercâmbios, e universidades japonesas, que financiaram também três intercâmbios, além de entidades de fomento brasileiras: o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) financiaram, cada um, dois intercâmbios.

O *Biken Research Institute for Microbial Diseases*, centro de excelência em bacteriologia e imunologia, é um dos principais institutos de produção e controle de vacinas do Japão. Foi a instituição que recebeu o maior número de

pesquisadores do Butantan, que participaram principalmente de cursos de interesse da área de Produção e Desenvolvimento Tecnológico de Imunobiológicos. Por outro lado, na área de pesquisa básica, a procura da colaboração baseou-se mais em interesses específicos de cada pesquisador. Foi o caso das cooperações estabelecidas com a Universidade de Tóquio, a Universidade Teikyo, a Universidade Kobe Gakuin e dois institutos de pesquisa – o Instituto Nacional de Genética e a Associação de Controle de Parasitas do Japão.

Nesses quase 20 anos de intercâmbio entre o Instituto Butantan e diferentes instituições científicas japonesas, vários projetos foram implementados, tendo se consolidado um canal de transferência científica e tecnológica, caracterizado pelo grande fluxo de peritos enviados ao Brasil e de bolsistas brasileiros enviados ao Japão para aprimoramento (com o auxílio de bolsas da JICA), incluindo um número significativo de pesquisadores de diferentes áreas de atuação do Instituto que foram realizar estágios em instituições no Japão, cujo apoio mantém-se até o presente.

Em função da posição relevante ocupada pelo Brasil no que se refere aos avanços em pesquisa científica, o país é atualmente um dos maiores acumuladores de cooperação japonesa. Isso se reflete na transformação de sua função, inicialmente apenas de receptor de cooperação, ao longo dos últimos anos.

Atualmente, o Brasil tem papel decisivo na cooperação triangular entre JICA, países da América Latina e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Nesse contexto, destacam-se os programas de treinamento e capacitação de recursos humanos, que contribuem para o desenvolvimento desses países, constituindo uma das atividades de maior empenho da JICA.

### JICA TCTP

O Instituto Butantan, escolhido pela JICA como centro de treinamento para capacitação de recursos humanos em área de sua atuação tradicional e de reconhecida competência técnica, iniciou a execução do Programa de Treinamento para Terceiros Países (*Third Country Training Program*) da JICA em 2000.

Com o objetivo de promover a transferência de conhecimento e o estímulo à cooperação científica e técnica entre países em desenvolvimento preconizado pelo TCTP, foi desenvolvido o Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Animais Peçonhentos: Produção de Anticorpos e Aspectos Clínicos dos Acidentes por Animais Peçonhentos, com duração de 30 dias, que se estendeu até 2004.

A experiência bem-sucedida da primeira fase foi decisiva para a renovação do programa de treinamento TCTP-JICA/Butantan, de 2005 a 2010. Durante esse período, foi ministrado o Curso Internacional de Treinamento em Desenvolvimento de Imunobiológicos para a Saúde Pública, também com 30 dias de duração. Os cursos tiveram a participação de 131 profissionais de 22 países, sendo nove da América Central (Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e República Dominicana), nove da América do Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela), e quatro provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Esses dois cursos de treinamento da JICA, de rara abrangência programática, foram bem avaliados pelos participantes, por oferecerem uma visão ampla sobre o processo

de produção de anticorpos e imunobiológicos, algo incomum na área. Além do conteúdo apresentado, observou-se que os cursos possibilitariam o estabelecimento de trocas em uma rede de países latino-americanos, bem como o retorno de pesquisadores. O Instituto Butantan recebeu o reconhecimento do Consulado do Japão pela promoção de cooperação técnica, amizade e compreensão mútua entre Japão e os países participantes do TCTP.

Ao longo dos dez anos de participação do Butantan no TCTP, os cursos oferecidos têm contribuído para a otimização da produção de biofármacos e a implementação de técnicas de controle de qualidade nos países contemplados pelo programa TCTP.

Em 2008, no âmbito do Curso TCTP- JICA/Butantan, foi realizado o Simpósio Internacional Inovações em Imunobiológicos e Toxinas Animais, no contexto das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil. Esse simpósio teve o objetivo de promover uma ampla discussão em inovações em vacinas, antivenenos e toxinas animais, bem como em política de vacinação, com a participação de palestrantes de instituições do Brasil, Japão, EUA e Suíça (*World Health Organization/WHO* de Genebra). Na ocasião, a JICA foi agraciada com a Medalha “*Instituto Butantan*”, juntamente com Masato Tashiro, Diretor do *National Institute of Infectious Diseases, WHO*, do Japão.

Assim, graças à sólida relação entre o Instituto Butantan e a JICA, os herdeiros daqueles “artesãos fabricando seus trabalhos” puderam se beneficiar, no desenrolar de suas carreiras, de uma troca que vai além das produções técnico-científicas, estabelecendo-se também no terreno da cultura e das relações sociais.

Que venham mais 30 anos.

Palestrantes convidados do simpósio internacional, bolsistas do TCTP de 2008 e organizadores do Instituto Butantan



Kobayashi Masahiro, Representante-Chefe da JICA Brasil, recebe a Medalha “Instituto Butantan” das mãos de José Serra, Governador do Estado de São Paulo



(\*) Autoras: Pesquisadoras científicas Hana Suzuki, Ida Sigueko Sano-Martins e Naomi Enoki; e Coordenadora de Comunicação Fernanda Paiva Guimarães, Instituto Butantan

## SABESP E JICA: UMA COOPERAÇÃO PARA A MELHORIA DO SANEAMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**SABESP – COMPANHIA DE SANEAMENTO BÁSICO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

O governo japonês, através da JICA – *Japan International Cooperation Agency*, se tornou um importante parceiro da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, Sabesp, em projetos de alta relevância para a população paulista e na formação de profissionais de alto nível. Já participou com aportes de capital e transferência de tecnologia de uma série de empreendimentos, tanto na produção de água como na coleta e tratamento de esgotos ao longo dos últimos anos. Oferecendo juros baixos, carência e prazos longos, tornou-se um player importante para a execução de programas de saneamento e treinamento de profissionais. Inúmeras oportunidades foram abertas a engenheiros, técnicos e administradores interessados em avançar na aquisição de conhecimentos e conviver com novos processos de gestão na área ambiental.

Já os programas Onda Limpa, de Controle de Perdas e o Pró-Billings, considerados de vital importância para algumas das áreas metropolitanas mais densamente povoadas do Brasil, ocupam papel de destaque no portfólio de investimentos da maior empresa de saneamento do país.

A missão de atender às necessidades de saneamento ambiental levou a Sabesp à criação do Programa de Recuperação Ambiental da Região Metropolitana da

Baixada Santista, o Onda Limpa, o maior investimento em saneamento já implantado no litoral brasileiro. Garantir a universalização no atendimento, coletar e tratar esgotos ao longo de 162,5 km de praia são alguns dos pontos essenciais do programa.

A meta é aumentar de 53% para 95% os índices de coleta e tratamento de esgotos nos nove municípios da região: Cubatão, Guarujá, Santos, São Vicente, Praia Grande, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe e Bertioga. As melhorias para o Litoral são fundamentais não apenas para a população local, mas também para incentivar o turismo, importante fonte de receita para essas comunidades. Com participação de 54% no Programa, a JICA financiou, por meio de duas operações, o equivalente a US\$ 400 milhões.

O investimento total no Onda Limpa é de R\$ 1,5 bilhão, para um conjunto de obras capaz de beneficiar 3 milhões de pessoas, entre população fixa e flutuante. Numa primeira etapa, o programa já implantou 865 km de redes coletoras, 47 km de coletores-tronco, 72,5 km de linhas de recalque, 89 estações elevatórias, 7 estações de tratamento de esgoto, 2,2 km de interceptores, construiu o emissário submarino de Praia Grande com 4 km de extensão e prolongou o emissário submarino de Santos em mais 425 metros.

Primeiro tramo emissário de Praia Grande



O 1º contrato foi assinado em agosto/2004 e o desembolso final ocorreu em março de 2009. O 2º contrato, assinado em fevereiro de 2011, foi totalmente desembolsado em março de 2011. As condições dos dois contratos são as mesmas: juros de 2,5% anuais e prazo de amortização de 25 anos, incluindo carência de 7 anos. Além de entrar com aportes na execução das obras, a JICA, por meio de acordo de cooperação técnica, contratou e arcará com as despesas de serviços de monitoramento dos resultados do Programa Onda Limpa, iniciados no final de 2010.

Já o Pró-Billings visa a melhoria do Manancial Billings na Região Metropolitana de São Bernardo do Campo (bacia do Guarapiranga) num investimento de US\$ 123 milhões. A JICA entrou com US\$ 61,4 milhões, com juros de 1,2% anuais e prazo de amortização de 25 anos, 7 anos de carência, com contrato assinado em outubro de 2010. O programa está em andamento com a execução de projetos executivos e licitações. O trabalho consistiu em estudo para Recuperação da Bacia Billings, abordando todos os aspectos envolvidos, tais como uso e ocupação do solo, sistemas de esgotamento sanitário e drenagem, deposição de resíduos sólidos,

educação ambiental e um Plano Diretor com propostas de solução que originou o Programa Pró-Billings, financiado pela JICA, formatado pela Sabesp e destinado a consolidar ações para esgotamento sanitário no município de São Bernardo do Campo.

Na área de controle de perdas de água nos sistemas de distribuição, em que o Japão é uma referência mundial, a Sabesp e a JICA realizaram o Projeto Eficaz, uma cooperação técnica pelo período de três anos (2007 a 2010), cujo escopo principal foi o aprimoramento da capacitação dos técnicos da Sabesp em ações para redução e controle de águas, através da transferência de conhecimentos e tecnologias, do desenvolvimento de “*On-the-Job-Training*” em três áreas piloto e da estruturação de um sistema de treinamento e capacitação.

Outra participação fundamental da JICA é no Programa Corporativo de Redução e Controle de Perdas nos Sistemas de Abastecimento de Água, que tem como meta principal reduzir as perdas de água não faturadas. Em fevereiro de 2012, foi assinado contrato de financiamento para a 1ª etapa do Programa, cujo investimento de cerca de US\$ 510 milhões (¥ 52.207 milhões), sendo que o governo japonês entra com aporte de US\$ 332 milhões (65%), com juros de 1,7% anuais e prazo de amortização de 25 anos, incluindo carência de 7. O programa está em andamento e tem a finalidade de aumentar a eficiência operacional da Sabesp com a redução de perdas: consiste em ações de renovação de ativos do sistema de distribuição de água com utilização de materiais que assegurem o melhor desempenho do sistema e gestão de pressão da água na malha de distribuição. A meta é que o índice de perdas de faturamento em 2016 esteja em 22,2%. Em 2012, esse índice era de 25,7%. Em 2007, era de 33,4% e no

início de 2014 está no patamar de 24,5%.

Outo passo decisivo no intercâmbio JICA-Sabesp são as cooperações técnicas que garantiram o treinamento de empregados em território japonês desde os anos 70, quando a primeira turma foi para o Japão. Desde o início até hoje, cerca de 160 profissionais brasileiros foram treinados em diversas áreas, como controle de perdas, esgotamento sanitário, meio ambiente, abastecimento de água, tecnologia da informação, automação, finanças, construção, planejamento, etc.

Também a realização do Curso Internacional de Técnicas em Tratamento de Esgotos Domésticos, desde o ano 2000, na cidade de Franca, foi um marco com a participação da JICA. Em 2009 ocorreu sua 10ª edição. Em março/2011 foi realizado uma edição especial deste curso, que contou com os recursos da cooperação financeira da JICA. Foi a primeira vez que a JICA utilizou este modelo

(cooperação técnica com recursos da cooperação financeira), tratando-se assim de uma inovação importante por parte da agência japonesa, uma vez que os participantes foram selecionados a partir de uma pesquisa prévia da própria JICA de identificação dos países e instituições que possuem ou estão em processo de receber cooperação financeira do governo japonês.

Nessa mesma modalidade, a Sabesp iniciou em 2011, o Curso Internacional de Boas Práticas Operacionais para Prevenção, Redução e Controle de Perdas em Sistemas de Distribuição de Água, que teve sua quarta edição realizada em setembro de 2014.

Com essa somatória de empreendimentos, fica clara a parceria Sabesp-JICA, sempre com o objetivo de levar os benefícios do saneamento ao maior número de pessoas, com a meta final de universalizar os serviços nos municípios operados.

Estação de Tratamento de Esgoto,  
no bairro Guapiranga – Itanhaém





Shinkansen "Trem Bala" do Japão

---

## PROJETOS DA ABJICA

---

## ESTOQUE DE CARBONO NA BIOMASSA DO ARBORETO COMEMORATIVO DOS 500 ANOS DO BRASIL

**INSTITUTO FLORESTAL**

No ano de 2.000, com intuito de comemorar os 500 anos de descobrimento do Brasil, o Instituto Florestal do Estado de São Paulo (IF) implantou o Arboreto Comemorativo dos 500 anos do Brasil (Arboreto), através de parcerias com a *Japan International Cooperation Agency* - São Paulo (JICA), a Associação de Bolsistas JICA (ABJICA), empresas e os colaboradores da sociedade civil.

O Arboreto está situado dentro do Parque Estadual Alberto Löfgren (PEAL) – Instituto Florestal, numa área que compreende 10 mil m<sup>2</sup> (1 hectare). Esta área foi escolhida em função e da avaliação dos pesquisadores acerca de seu potencial para recuperação de áreas alteradas e de fomento ao programa de educação ambiental, bem como sua localização privilegiada no PEAL.

Em 21 de setembro de 2.000 foi instalado o Arboreto para marcar a passagem dos cinco séculos do País e o seu ingresso no século XXI, além de simbolizar a amizade e cooperação entre o Brasil e o Japão. O plantio foi executado com 500 mudas de árvores, totalizando 50 espécies, subdividas em 24 espécies nativas do Estado de São Paulo, 25 espécies arbóreas que já existiam na área e 1 espécie exótica, a cerejeira - *Prunus cerasoides* (*D.Don*), que é a flor símbolo do Japão.

Dentre os benefícios oriundos das florestas restauradas, pode-se destacar o

sequestro e a fixação do carbono (C), onde através do manejo florestal sustentável surge uma alternativa para o acúmulo de Gases de Efeito Estufa (GEE), nos compartimentos bióticos e pedológicos, ou seja, no sistema solo-planta. A avaliação teve por objetivo quantificar individualmente nas árvores a captação de carbono na biomassa vegetal.

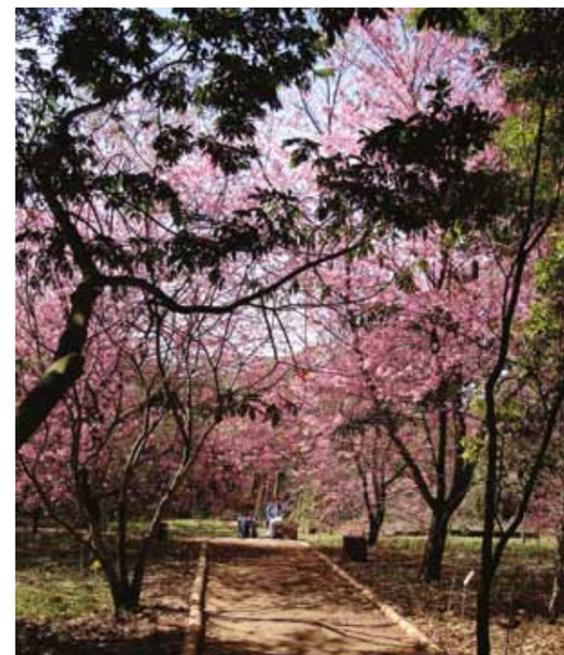
As medições de DAP (diâmetro altura do peito) e altura foram obtidas com instrumentos específicos no período de 2002 a 2012. Os dados foram tabulados e calculados por meio de equações alométricas e de densidade por espécie.

Na tabela a seguir apresentamos os valores de CO<sub>2</sub> capturado por cada árvore no período de estudo, que totalizou 256 toneladas.

A quantificação de captação de carbono em área destinada a restauro ambiental é importante para avaliar a eficiência do manejo, e a avaliação da quantidade de CO<sub>2</sub> capturado na biomassa pela utilização de equações alométricas (método indireto). É fácil e confere resultados significativos. Os resultados desta quantificação possibilitam a comparação das espécies introduzidas no Arboreto, correlacionando as características ecológicas e as técnicas de manejo. Pode auxiliar na escolha tanto das espécies, como das técnicas a serem utilizadas para restaurar ou reflorestar uma área, bem como estimar a capacidade de captação de carbono de qualquer área.



Vista aérea do Arboreto Comemorativo dos 500 Anos do Brasil (acima) com destaque para a florada das cerejeiras formando um "J" da JICA, aspecto da trilha (à esquerda) e Luís Alberto Bucci apresenta o Arboreto aos visitantes (abaixo)



Quantificação de Estoque de Carbono no Arboreto Comemorativo dos 500 anos do Brasil, no período de 2000 a 2012.

(1) Árvore morta (2) Árvore morta e replantada

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	CO2(kg) capturado
A. Kudo	128	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	18	38,00	1521,81
ACENIBRA 3ª Aliança	395	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	8	36,80	806,07
ACENSA - 2ª Aliança	398	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	16	26,00	821,69
ACEPA - 1ª Aliança	399	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	14	12,10	155,72
AEASP	21	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	12,5	18,50	250,48
Akira Hair & Skin	129	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	9	9,00	28,89
Akira Hair & Skin	130	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	17	46,00	985,99
Akira Hasumi	10	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	13,5	18,30	233,71
Alberto Tomita	367	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	16	13,70	228,14
Amantino R. de Freitas	41	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	13	13,00	163,46
Ana Paula Militello	142	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	7,5	20,00	108,09
Ananias de Almeida Saraiva Pontinha	353	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	16	19,90	471,42
Andorinha Hipermercado	434	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	13	21,50	427,62
Andorinha Hipermercado	435	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	11,5	19,00	357,49
Andorinha Hipermercado	436	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	19,5	30,50	1127,43
Andorinha Hipermercado	437	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	13,5	14,00	196,87
Andorinha Hipermercado	478	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	13	49,50	1578,06
André, Agnes, Elisa Nakaoka Sakita	259	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	8	18,50	160,31
André, Cristine Hirakawa	270	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	11,5	16,20	229,28
Andreoni Mazzon Garcia, Luciana e Edmilson	267	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	11,5	11,00	60,16
Andreoni, Alphio e Alba	268	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	18,5	60,00	1823,70
Andreoni, Rubens e Lilian	269	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	15,5	29,00	810,18
Andrew Kei Shiozawa	138	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	14,5	31,00	815,85
ASCECAP	100	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	8	13,00	69,89
Ass. Amigos do Horto	407	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	23	2,50	3,94
Ass. Benef. Cultura Miyazaki	495	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	43,50	1312,43
Ass. C.R. Nagano Kenjin no Brasil	348	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	7	8,00	22,19
Ass. Cerejeiras Parque do Carmo	2	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	16,5	6,50	44,85
Ass. Cerejeiras Parque do Carmo	3	Pinh. Paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	5,5	3,80	3,43
Ass. Cerejeiras Parque do Carmo	208	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	4,5	4,00	5,12
Ass. Cerejeiras Parque do Carmo	209	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	7,5	11,20	60,52
Ass. Cerejeiras Parque do Carmo	210	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	10	29,20	422,41
Ass. Chiba Kenjin do Brasil	316 <sup>1</sup>	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>			0,00
Ass. Cult. Nipo-Brasileira de Cambará	66	pinheiro-do-paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	11	14,20	95,90
Ass. Cult. Rec. Nara Kenjinkai do Brasil	456	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	7	17,80	93,89
Ass. Cult. Rec. Nara Kenjinkai do Brasil	488	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12,5	23,50	341,99
Ass. Cultural dos Prov. de Kochi no Brasil	491	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	7	30,00	312,11
Ass. Desenvol. Comunit. Bairro Rio Preto	115	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	18	11,50	21,44

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	CO2(kg) capturado
Ass. Fukui Kenjin do Brasil	351	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11,5	39,10	871,00
Ass. Fukuoka do Brasil	493	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11	53,00	1530,78
Ass. Funcionários da JICA - São Paulo	34	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	13	13,20	20,40
Ass. Furusato Soosei do Brasil	177	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	19	32,00	533,29
Ass. Furusato Soosei do Brasil	246	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	14	56,10	1389,08
Ass. Furusato Soosei do Brasil	315	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	13	24,00	387,09
Ass. Furusato Soosei do Brasil	320	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	13	46,50	987,46
Ass. Furusato Soosei do Brasil	341	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	8,5	18,00	177,17
Ass. Furusato Soosei do Brasil	365	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	9	7,00	37,98
Ass. Furusato Soosei do Brasil	387	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	15	31,90	756,21
Ass. Furusato Soosei do Brasil	458	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	10,5	38,50	426,60
Ass. Furusato Soosei do Brasil	461	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	10	14,50	18,94
Ass. Furusato Soosei do Brasil	463	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	18,5	56,20	1842,12
Ass. Hokkaido de Cult. Assistência	213	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12,5	30,40	572,30
Ass. Ishikawa Ken do Brasil	500	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	15,5	54,30	2264,12
Ass. Kumamoto Kenjin do Brasil	460	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	4,5	11,00	12,26
Ass. Kumamoto Kenjin do Brasil	494	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11	17,50	166,89
Ass. Miyagi Kenjinkai do Brasil	314	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	9,5	30,20	429,25
Ass. Nambu Sangyo Kaihatsu Seinenkai	319	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12,5	24,00	129,71
Ass. Novo Encanto Desenv.Ecológico	354	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	6,5	22,40	190,95
Ass. Paraense de Bolsistas Japão-Brasil	363	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	7,5	9,00	35,57
Ass. Paulista de Engenheiros Florestais	63 <sup>2</sup>	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	4,5	5,30	10,88
Ass. Toyama Ken-Jin do Brasil	388	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	15	44,20	1451,79
Ass. Yamagata Kenjinkai do Brasil	279	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	90	6,50	188,38
ASSOFIF	277	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	12	16,10	267,85
Auto Elétrico Jaguaré	89	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	16	27,00	210,13
Auto Moto Escola Aika S/C Ltda.	106	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	15	16,00	291,72
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	247	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11	44,70	1088,87
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	248	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	13,5	26,00	693,30
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	249	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	7	12,50	41,38
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	250	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	14,5	18,00	275,06
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	251	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	5,5	6,70	7,78
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	252	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	13	7,80	46,31
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	253	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	9,5	16,20	98,81
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	254	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	10	14,10	17,91
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	255	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	15	56,90	1706,03
Banco Sumitomo Brasileiro S.A	256	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14	54,80	1476,93
Bolsistas IBQP - JICA	207	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14	11,20	75,93
Bolsistas JICA / CET	108	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	13	23,50	539,78
Brasil Hyogo Kenjinkai	486	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	8	31,50	393,26

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Brasil Oita Kenjinkai	492	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	6	11,50	39,31
Brruden Equipamentos S/A	313	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14,5	34,20	840,21
CAFA - 1ª Aliança - Mirandópolis	400	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	8	7,50	17,83
CAFA - Diretoria e Conselho Fiscal 2000	409	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	11	26,30	572,06
Carlos Eduardo Ferreira Silva	234	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	9,5	20,30	141,05
Carlos Ogane	244	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	12,5	16,00	243,10
CBC Indústrias Pesadas S.A.	411	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	2,5	9,00	4,56
CBC Indústrias Pesadas S.A.	412	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	13,5	27,00	747,65
CBC Indústrias Pesadas S.A.	482	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11	26,50	382,70
Célio Taniguchi - EPUSP	368	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	14	9,60	111,11
Celso K. Morooka	373	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	4	8,00	5,76
Celso Takahiro Baba	261	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	11	25,10	124,85
Centro Cultural Okinawa do Brasil	497	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	25,00	433,49
Chieko Nishimura	297	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	12,5	15,00	242,19
Chieko Nishimura	298	pau-d'álho	<i>Gallesia integrifolia</i>	14	29,00	608,65
Chikao & Família Okabe	27	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	10	11,80	12,54
Chikao & Família Okabe	28	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	11,5	16,50	235,40
Chikao & Família Okabe	29	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	18,5	34,00	674,22
Chikao & Família Okabe	30	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	11,5	9,20	56,99
Chikao Nishimura	302	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	13	31,00	731,45
Chizuru Kobayashi	145	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	2,5	2,00	0,23
Chokei Yoshida	90	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	11	12,00	68,49
Cia de Seguros Kyoei do Brasil	423	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14,5	42,50	920,06
Cia de Seguros Kyoei do Brasil	453	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	11	16,70	84,01
Cia de Seguros Kyoei do Brasil	454	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	7,5	33,50	318,42
Cia de Seguros Kyoei do Brasil	455	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	13,5	17,00	335,97
Cia de Seguros Kyoei do Brasil	457	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	52,80	1933,59
Cia Iguau de Café Solúvel	377	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	19	58,00	2015,04
Cia Iguau de Café Solúvel	378	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	11	11,10	48,83
Cia Iguau de Café Solúvel	379	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	18	31,20	1025,89
Cia Iguau de Café Solúvel	380	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	6	14,30	76,26
Cia Iguau de Café Solúvel	381	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	10	20,50	75,71
Cia Iguau de Café Solúvel	382	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	20	70,70	3151,69
Cia Iguau de Café Solúvel	383	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	12	13,50	188,33
Cia Iguau de Café Solúvel	384	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	6	8,00	16,26
Cia Iguau de Café Solúvel	385	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12	58,30	2020,63
Cia Iguau de Café Solúvel	386	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	5	12,20	29,49
Clarisse Hiroko Nakazawa	235	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	9	29,20	290,31
Colégio Jardim França	40	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	13	21,80	469,35
Construtora Toda do Brasil S.A	481	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	13,5	34,00	773,14
Construtora Toda do Brasil S.A.	438	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	15,5	14,20	237,44
Construtora Toda do Brasil S.A.	439	araçá	<i>Psidium cattleianum</i>	14,5	17,20	117,58
Consul da Armênia - Ashot Yeghiazarian	83	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	17	46,00	1134,07

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Cotonificio Kurashiki do Brasil Ltda.	343	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	9	31,00	650,28
Cotonificio Kurashiki do Brasil Ltda.	344	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	15	22,00	425,07
Cotonificio Kurashiki do Brasil Ltda.	345	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	10	36,00	490,30
Cotonificio Kurashiki do Brasil Ltda.	346	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	7	7,00	7,72
Cotonificio Kurashiki do Brasil Ltda.	347	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12	65,00	2511,75
Cristina Mirei Yamazoe	118	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	8	7,50	26,35
Cynthia Yamazoe	50	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	14,5	21,20	381,56
Daiwa do Brasil	389	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	17	29,70	742,90
Daiwa do Brasil	390	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	9	12,80	58,44
Daiwa do Brasil	391	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	8	31,30	176,49
Daiwa do Brasil	392	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	18	89,80	4576,14
Daiwa do Brasil	393	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	14	12,00	18,16
Deputada Delegada Rose	375	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	10	12,50	91,48
Dr. Nichan Mekhitarian	119 <sup>2</sup>	canelinha	<i>Cryptocarya saligna</i>	7	6,00	16,12
E.G. Moreira/Y. Kodama	275	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	10	23,20	96,96
Educandário N. Sr <sup>a</sup> do Carmo	117	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	18	48,00	1136,74
Elos Clube de São Paulo Norte	401	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	7,5	15,70	78,26
Emiko Saito Arita	111	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14	11,00	73,24
Emygdio Carbonari Neto	278	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	10	26,00	243,56
Eng. Florestal Maurício Alonso	317	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	12,5	14,50	23,67
Eng. Parísio Bueno de Arruda	257	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	17	63,00	1849,43
Equipe Caravana	157	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	8	8,80	38,50
Equipe Técnica Sec. E. E. Assis	273	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	13	20,00	304,45
Eric Taniguchi - UFSCar	15	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	9	7,20	35,44
Erik Tamaki Hirata	155	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	2	6,00	1,62
ESALQ - Gaiola das Lokas - 2000	52	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	11,5	13,60	159,92
Escola Politécnica - USP	219	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	7,5	19,50	107,89
Escola Politécnica - USP	214 <sup>2</sup>	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	7	8,00	22,19
Escola Politécnica - USP	215	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	2,5	8,70	4,26
Escola Politécnica - USP	216 <sup>2</sup>	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	3,6	9,00	18,12
Escola Politécnica - USP	218	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	18,5	50,00	1624,73
Escola Politécnica - USP	220	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	10,5	23,50	339,50
Escola Politécnica - USP	221	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	8	31,20	140,29
Escola Politécnica - USP	222	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	16	64,20	2079,05
Escola Politécnica - USP	223	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	15	18,10	212,47
Escola Politécnica - USP	224	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	12,5	18,50	250,48
Escola Politécnica - USP	225	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	9,5	9,80	36,16
Escola Politécnica - USP	226 <sup>1</sup>	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	0,00	0,00	0,00
Escola Politécnica - USP	227	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	11	21,70	385,39
Escola Politécnica - USP	228	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	11	36,00	500,80
Escola Politécnica - USP	229	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	10	12,00	12,97
Escola Politécnica - USP	230	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	3,5	16,50	59,22
Escola Politécnica - USP	231	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	5,5	8,00	9,64
Escola Politécnica - USP	232	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	23	62,00	2787,31

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Escola Politécnica - USP	233	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	8	7,00	29,78
Eventos Ibirapuera	370	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	16	13,00	48,71
Família A. Philippi	410	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	11,5	13,10	115,55
Família Takiguti	404	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	12	11,50	112,93
Fernando Bueno de Avellar Pires	242	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	12	51,30	1632,52
Floresta de Manduri	258	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	12,5	27,00	685,13
Força Sindical	57	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	9	8,90	54,16
Força Sindical	58	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	14,5	42,90	2027,32
Francisco Cassio Kira	49	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	14	17,00	236,89
Francisco Corrêa Serio	328	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	3	7,20	8,04
Func. Apoio à Pesq. Cient. Tecnológica S.P.	349	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	6,5	18,00	104,33
Fundação S. Nishimura de Tecnologia	306	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	5,5	9,50	11,18
Fundação S. Nishimura de Tecnologia	307	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	9	14,50	162,95
Fundação S. Nishimura de Tecnologia	308	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	18,5	76,10	3377,65
FUNPEC - Fundação Pesquisa	61	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	14	22,80	131,11
Furnas Centrais Elétricas S.A.	127	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	15	13,00	157,56
Genichiro Ito	11	tapiá-mirim	<i>Gallesia integrifolia</i>	17	37,70	848,79
George H. Hirata	139	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14	13,00	102,30
Gertraud Marcus	371	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	22	53,50	1985,20
Giro Inoguti - Vereador de Osasco - SP	25	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	6,5	6,00	17,78
Global Focus Ag. Desenvolvimento	70	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	16	39,10	859,30
Grupo Estagiários da Liv. Takano	359	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	5	5,20	3,04
Guenji Yamazoe	54	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	9,5	8,80	6,63
Gustavo Yokoyama Matsumoto	272	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	18,5	39,00	1064,53
H. Nishiki	99	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	17	42,00	821,97
H.&Y. Wada	175	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	17	25,00	660,36
H.C.A .G.L. Sasaki	325	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	7	21,30	125,87
H.S.J. & Y Hara	366	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	8,5	10,80	61,62
Haikai Comercial Ltda.	95	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	19,5	43,00	1136,70
Haruo Yanase	327	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	9	9,00	31,52
Hatiro Shimomoto	489	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	8,5	11,50	44,55
Henrique S. Nakagaki	329	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	13	69,90	2231,35
Henrique S. Nakagaki	330	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	13,5	9,00	94,16
Henry Cherkezian	109	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	11	29,30	702,61
Hidenobu Yano	334	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	14,5	73,50	2469,54
Hideo Kumeda	113	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	6,5	7,00	7,17
Hideto Nitta	121	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	6	7,00	15,20
Hideyo Aoki	274	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	11	28,00	236,15
Hirayama T. (YNU)	266	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	13	32,50	1021,64
Hiro Lia Okayama	350 <sup>1</sup>	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>			0,00
Hirokazu Hase	144	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	7,5	7,50	27,14
Hiroki Yamazaki & Misun Shin	321	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	10,5	11,90	64,29

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Hiroshi Teramichi	168	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	13	43,50	1849,52
Hiroshi Y.H. Hara	33	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	9	19,20	59,77
Hitoshi Oushiro / Sonia Oushiro	73	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	10	7,20	36,89
Hitoshi Oushiro / Sonia Oushiro	74	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	7	10,30	63,95
Hitoshige Yanase	133	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	8	16,00	105,87
Honda Taimaru Com. Imp. Veículos Ltda.	292	araçá	<i>Psidium cantileianum</i>	8,5	22,20	114,82
Honda Takeshi	178	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12	21,00	262,17
Ikuo Miura	153	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	11,5	24,80	526,24
Indústrias Hitachi S.A.	484	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	10,5	31,00	499,90
Irineu Y. Hirata	7	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	11	32,80	447,71
Isao Sakamoto	45	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	19,5	23,80	302,76
Ishikawajima-Harima / I.H.I.	485	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	10	30,50	460,86
Izuho Taniguchi	60	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	18	42,20	877,76
Jael Rawet	93	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	8	7,00	25,22
Janete e Mamoru Matai	85	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	11	16,50	225,16
Jinko Hase	165	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	13	29,20	199,68
Jiro Nishimura	301	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	8	8,00	20,29
Jiro Tanaka - 1ª Aliança	403	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	11	20,00	378,89
João Batista Baitello	97 <sup>2</sup>	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	11	10,50	74,28
Joe Cox	91	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	11	8,00	36,39
Jorge Nacazume	364	cabreúva	<i>Myroxylon peruiferum</i>	15	25,30	714,36
Jorge Nagado	357	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	14	14,00	208,46
Jorge Nishimura	305	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	7,5	10,00	29,72
José Antonio de Freitas	333	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	11,5	13,20	117,32
José Ignacio Sequeira de Almeida	169	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	8	11,10	84,88
José Ricardo C. de Mello Junqueira	16	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	11	17,00	226,22
Jun Tamagawa	164	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	19	21,20	648,73
Junichi Shimizu	12	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	8	14,80	86,81
Junjiro Matsuda	237	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	8,5	13,20	127,54
Kabu San Flora	147	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	17	68,00	2761,45
Kagoshima Kenjinkai	496	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	32,50	732,59
Katayama, Mari Tomita e Plácido	38	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	10	9,90	60,92
Kawashima, Tiaki	44	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	8,5	12,00	87,10
Kayoko Takizawa	202	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	5,5	11,70	27,13
Kazue Ichihara	124	guarità	<i>Astronium graveolens</i>	9	6,50	28,89
Kazuyoshi Shinoyama	13	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	6	15,30	59,46
Keiji Okane	140	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	18,5	40,00	1039,83
Kenichiro Kawaji	159	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	8	7,20	35,71
Kentaro Hanada	162	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	12,5	22,20	168,69
Kiyoko Yano	137	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	15	21,00	387,30
Kiyomi Watanabe	161 <sup>1</sup>	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	0,00	0,00	0,00
Koichi Nakazawa	236	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	8,5	11,00	23,16
Koji Hirama	22	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	6,5	5,00	6,44
Koji Nakano	123	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	18	37,00	776,87

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Kokei Uehara	406	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	4	4,00	3,75
Kokei Uehara	408	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	24	23,70	424,99
Kunio e Yoshiko Nagai	397	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	15	52,50	1303,42
La Zazza Rotisserie	110	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	8,5	8,00	31,85
Lanificio Kurashiki do Brasil Ltda.	445	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	15	30,50	1049,13
Lanificio Kurashiki do Brasil Ltda.	446	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12,5	19,60	86,51
Lanificio Kurashiki do Brasil Ltda.	447	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14	26,50	345,37
Lanificio Kurashiki do Brasil Ltda.	448	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	10,5	22,50	95,76
Lanificio Kurashiki do Brasil Ltda.	476	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	15	21,50	343,51
Leon Gorenstein	405	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	3	3,50	2,28
Lincon Nishimura	304	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14,5	36,30	671,20
Livraria Takano	360	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12	24,10	125,56
Liyoko Okino	42	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14	18,20	162,91
Lucy Sayuri Ito	39	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	10,5	8,80	61,77
Luís Alberto Bucci	87 <sup>2</sup>	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	4,5	3,00	1,61
Luís Antonio Violin Dias Pereira	263	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	13,5	25,80	675,63
Machiko Nishimura Kuramoto	299	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	16	21,50	202,52
Maki Nonoguchi	23	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	11,5	23,00	432,90
Makita do Brasil	498	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	16	36,50	1056,03
Makoto Murakami	239	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	5	10,00	13,69
Máquina Agrícola Jacto S/A	309	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	6	19,00	78,04
Máquina Agrícola Jacto S/A	310	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	15	20,00	259,42
Marcos Noffs	122	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	7,5	5,00	1,69
Margarida Terao	35	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	13,5	23,80	209,40
Marie Wada	176	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	11	12,00	14,27
Marina-Vitor-Giovana	163	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	23	55,00	2193,45
Mario Ferreira	112	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	17	38,00	672,20
Mario, Yumiko Kawashima Yamada	116	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	16	14,00	233,33
Masahiro Ono	101	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	4	5,00	5,17
Masahiro Watanabe	394	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	19	25,80	546,81
Masaka Itoh	146	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	9,5	10,00	8,56
Masakatsu Umemiya	322	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	9,5	23,50	307,17
Masanori Kondo	31	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	12	13,80	20,58
Massola, Antonio Marcos G. (POLI)	217	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	8,5	12,50	114,37
Matsumoto, Akihiro	103	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	17	22,00	225,31
Matsumoto, Akihiro	105	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	13	20,00	370,03
Matsumoto, Shoko	104	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	13	11,50	148,05
Mayara Sala Alonso Facchini	171	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	22	60,50	2205,02
Megumi, Keniti e Masami	200 <sup>1</sup>	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	0,00	0,00	0,00
Michelle e Danielle Shibazaki de Almeida	205	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	5	12,00	16,21
Mie Kenjinkai do Brasil	462	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	13	47,20	1434,82
Miki Matsumura	120	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	7	9,00	42,19
Milton Ozaki	82	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	7	9,00	35,24
Minoru Yamamoto	107	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	18	21,00	410,35

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Mitsuko Taba Ohara	402	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	18,5	27,00	473,77
Miyasaka, Shiro & Kazuco	206	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	21	38,00	956,01
Moisés Z. Adamucho	336	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	9	31,00	311,62
Morita, Dai	69	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	14	18,80	135,50
Morita, Sakyo	80	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	11	37,50	585,21
Morita, Tokyo	37 <sup>1</sup>	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	0,00	0,00	0,00
Motoji Nakabayashi	442	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	28	45,50	2996,56
Motoji Nakabayashi	443	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	14	17,70	256,80
Motoji Nakabayashi	444	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	22	51,60	1846,70
Motoji Nakabayashi	479	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	48,30	1618,05
Multicooper Brasil Cooperativa	68	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	19	36,80	705,27
Mutumi Yamada	77	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	16	12,50	22,52
N. Enoshita	98	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	18	28,00	386,81
Namie Okino Sawada	276	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	14	51,60	1021,73
Narimatsu, Maria Nobuye	96	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	13	9,00	61,65
Natalia Sala Alonso Facchini	48	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	10	12,20	105,91
NEC do Brasil S.A.	465	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	10,5	57,50	1719,86
NEC do Brasil S.A.	466	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	2,5	13,00	9,51
NEC do Brasil S.A.	467	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	2	14,50	17,80
NEC do Brasil S.A.	468	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	15,5	71,50	2498,15
NEC do Brasil S.A.	469	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	8,5	17,50	46,90
NHK Fastener	499	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	17	56,70	2707,59
NIPRO Medical Ltda.	160	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	12,5	23,60	359,90
NISAM - USP	331	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	12,5	12,00	105,39
Nissen Viagens e Turismo Ltda.	78	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	8	10,50	51,64
Nisshinbo do Brasil Ind. Têxtil Ltda.	470	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	17,5	50,00	1199,18
Nisshinbo do Brasil Ind. Têxtil Ltda.	471	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	10	15,50	21,64
Nisshinbo do Brasil Ind. Têxtil Ltda.	472	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	7	16,50	42,92
Nisshinbo do Brasil Ind. Têxtil Ltda.	473	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	6,5	14,00	53,94
Nisshinbo do Brasil Ind. Têxtil Ltda.	474	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	17	25,00	526,38
Noboro Fuzii	47	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	12	12,50	116,53
Noriko Okutani	150	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	10	7,20	36,89
Noritaka Yano	135	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	16	44,50	2407,02
Norma Shibazaki de Almeida	170	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	12,5	18,20	308,06
NSK Brasil Ltda.	449	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	12	20,00	298,33
NSK Brasil Ltda.	450	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	12,5	18,50	250,48
NSK Brasil Ltda.	451	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	8	13,80	60,38
NSK Brasil Ltda.	452	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	26,5	64,50	3475,68
NSK Brasil Ltda.	475	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	16	66,00	3452,84
Ohiko Aoki	131	guarita	<i>Astronium graveolens</i>	11	9,50	75,42
Omi-Zillo-Lorenzetti S.A	480	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14,5	41,50	1237,18
Omi-Zillo-Lorenzetti S.A.	440	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	15,5	16,50	38,01
Omi-Zillo-Lorenzetti S.A.	441	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14,5	22,00	246,54
Onildo Barbosa	62	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	12	12,90	148,58
Oscar Akihiko Terada	114	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	16	75,00	3161,64

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Oswaldo Bernardino Borges/Hachiro Shimura	459	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	6	8,00	15,22
Panamedical Sistemas Ltda.	199	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	16,5	51,70	3315,90
Patrick Chemin	94	guarítá	<i>Astronium graveolens</i>	7	8,50	38,42
Paulo Edgard Nascimento de Toledo	20	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	6,5	7,00	16,46
Paulo H. Sakanaka	369	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	15	8,50	63,45
Paulo Hayato Yatsugafu	293	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	14	41,50	1831,74
Paulo Kobayashi - Dep. Federal	14	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	17,5	36,30	726,98
Paulo Nogueira Neto	26	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	9,5	6,50	34,56
Paulo Nogueira Neto	86	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	16	31,00	421,04
Paulo Nogueira Neto	88 <sup>2</sup>	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	7	5,00	6,31
Paulo R. Ferreira da Rosa	72	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	14	36,00	326,87
Paulo Sérgio Rovai	141	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	14	28,20	421,19
Paulo Yoshio Kageyama	19	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	7,5	3,20	4,50
Prof. II - Sei Watanabe	372	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	15	17,20	121,51
Prof. Tatsuo Ishihara	240	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	15,5	34,00	1113,64
Prof. Tomi Ishihara	241	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	6,5	11,20	52,45
Profª Seiko Tanaka	154	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	11	13,50	142,66
Protran Engenharia	75	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	18	57,00	2054,44
Protran Engenharia	76	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	14	12,00	153,15
R. R. Imagem Cine Foto Ltda.	201	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	15	52,00	1534,45
Rádio Nikkey	24	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12,5	25,80	149,89
Regina Maria Lopes	424	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	6	9,00	20,58
Restaurante Mata Atlântica	167	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	12	14,80	153,89
Restaurante Sushi - Kiyó	126	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	6	10,00	51,67
Restaurante Sushi - Kiyó	158	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	12,5	16,50	93,19
Roberto Anzai	84 <sup>2</sup>	canelinha	<i>Cryptocarya saligna</i>	5	4,00	5,13
Roberto Fernandes	8	jequitibá-branco	<i>Cariniana estrellensis</i>	7,5	11,00	56,40
Roberto Rodrigues	81	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	15	16,00	288,71
Roselice Duarte de Medeiros	17	araçá	<i>Psidium cattleianum</i>	9	21,50	114,03
Rotary Club São Paulo Norte	376	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	11	10,30	50,46
Rubens Resstel	148	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	5,5	16,50	64,74
Rui Marconi Pfeifer	67	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	10	22,90	394,28
Rumiko-Norie-Masako-Mutsumi	358	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	13	42,00	1742,13
Ruy Kikutu	64	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	13	27,20	497,19
S. Paulo Nikkey Palace Hotel	323	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	11,5	43,50	823,25
S.F.R. Kato	326	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	14,5	28,50	322,51
Sadanobu Ueno	260	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	7,5	11,20	550,83
Sankyu S.A	413	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	11	25,00	355,40
Sankyu S.A	414 <sup>2</sup>	canelinha	<i>Cryptocarya saligna</i>	9	13,00	97,55
Sankyu S.A	415	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	14,5	17,20	251,16
Sankyu S.A	416	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12	24,50	129,76
Sankyu S.A	417	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	12	34,00	524,80
Sankyu S.A	418	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	10	32,50	794,15
Sankyu S.A	419	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	5,5	18,20	32,82

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	C02(kg) capturado
Sankyu S.A	420	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	13	40,00	1580,17
Sankyu S.A	421	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	7	8,50	20,04
Sankyu S.A	422	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	16,5	44,00	1582,55
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	179	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	13	11,10	93,78
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	180	guarítá	<i>Astronium graveolens</i>	14	13,00	179,74
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	181	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	10	17,50	179,31
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	182	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	16	29,00	368,83
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	183	cabreúva	<i>Myroxylon perufiferum</i>	19	24,00	814,26
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	184	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	5	5,00	4,95
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	185	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	14	14,50	26,51
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	186	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	17	67,60	2729,06
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	187	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14	19,00	218,52
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	188	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	10	9,00	47,42
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	189	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	6,5	35,70	186,55
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	190	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	18,5	32,00	518,74
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	191	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14,5	42,00	898,54
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	192	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	7	9,20	18,68
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	193	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	12	15,00	73,93
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	195	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	11	10,00	64,40
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	196	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	10,5	15,70	151,53
Sansuy S.A. Ind. de Plásticos	197	guarítá	<i>Astronium graveolens</i>	13,5	14,00	201,02
Santuário Nossa Senhora da Salette	396	paineira	<i>Chorysia speciosa</i>	13	19,00	128,51
Sawamura Tetsuo	46	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	13,5	25,00	640,99
Seizo Yano	335	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12	24,00	124,52
Shichiro Tsuchiya	243	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	16,5	26,00	482,26
Shiro Nakamoto	156	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	13,5	28,30	812,91
Shiro Nishimura	303	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	13,5	27,00	88,65
Shuji Tada	238	cabreúva	<i>Myroxylon perufiferum</i>	11	24,00	471,41
Shunji Nishimura	294	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	17,5	68,00	2551,11
Shunji Nishimura	295 <sup>2</sup>	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	0,00	0,00	0,00
Shunji Nishimura	296	guarucaia	<i>Peltophorum dubium</i>	13,5	15,00	177,84
Shunji, Wakako & Filha Koike	172	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	16	39,00	1848,80
Shussumu Hayashi	71	taíuva	<i>Maclura tinctoria</i>	15	33,00	1240,96
Soc. Brasileira de Cult. Japonesa	426	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	6	21,20	60,73
Soc. Brasileira de Cult. Japonesa	427	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	13	26,00	158,32
Soc. Brasileira de Cult. Japonesa	428	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	11	13,50	18,06
Soc. Brasileira de Cult. Japonesa	429	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	15	38,30	772,96
Soc. Brasileira de Silvicultura	55	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	4	11,30	43,98
Soc. Rural Brasileira	152	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	7	11,00	49,59
Soc. Shimane Kenjin do Brasil	464	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	11	42,50	984,33
Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa	425	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	16	35,40	993,33
Sonda Supermercados	430	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	12,5	14,50	113,63
Sonda Supermercados	431	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	11,5	54,80	2596,54
Sonda Supermercados	432	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	12,5	28,20	420,84

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	CO2(kg) capturado
Sonda Supermercados	433	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	8	40,50	496,43
Sonda Supermercados	477	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12	53,80	1720,74
Sônia e Norberto Yamazoe	51	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	13	24,00	283,28
SONY	280	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	75	11,70	406,90
SONY	281	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	18,5	33,00	998,09
SONY	282 <sup>2</sup>	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	8,5	17,50	110,20
SONY	283	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	9	11,00	77,49
SONY	284	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	10,5	25,50	399,75
SONY	285	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	9,5	17,00	103,87
SONY	286 <sup>2</sup>	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	7,5	10,00	48,25
SONY	287	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	14,5	20,00	250,77
SONY	288	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	9,5	18,50	168,08
SONY	289	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	12	48,20	2096,10
Stephan T. Fernandes Ferreira	212	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	8,5	10,00	35,99
Sunao Sato FCF/USP/SBPN	355	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	6	6,50	10,05
Supermercado Uehara	352	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	7	33,80	180,08
Suzana Y. Kuroda	32	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	5	5,00	2,81
Suzuki Tatsuo	9	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	19	70,00	2551,86
T.&Y. Kurihara	134	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12	23,00	114,36
Tachibana, Mariko	92	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	9	10,00	77,50
Tagata, Wilson & Eliane & Flávia	211	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	11	29,40	359,70
Taira	53	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	23	55,50	2488,77
Takachi Moriya	43	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	10,5	11,20	99,03
Takacy Kumeda	149	paineira	<i>Chorisia speciosa</i>	12	20,20	134,08
Takako Sasaki	204	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	15,5	22,00	324,36
Takashi Nishimura	300	jequitibá-branco	<i>Cariniana legalis</i>	12,5	13,00	131,30
Takemoto, Kenji	291	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	8,5	34,30	378,32
Takemoto, Nina Kumamoto	290	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	13	34,00	1118,12
Takezawa S. (YNU)	264 <sup>2</sup>	canelinha	<i>Cryptocarya saligna</i>	11,5	14,00	144,15
Tatsuo Ozawa	339	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	9,5	8,50	29,68
Tatsuo Watanabe	203	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	4	19,30	33,55
Técnicos da Seção de Eng. Florestal-IF	65	jequitibá-branco	<i>Cariniana legalis</i>	14	14,20	175,45
Terue Ogihara	340	paineira	<i>Chorisia speciosa</i>	13	31,00	342,09
Terumi Takeno Pereira	262	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	10,5	20,30	307,90
Tetsuo Mizuyoshi & Família	4	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	15,5	9,50	104,08
Tetsuo Mizuyoshi & Família	5	cambuci	<i>Campomanesia phaea</i>	6,5	8,60	17,32
Tetsuo Mizuyoshi & Família	6	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	14	50,60	2723,13
Tetsuo Mizuyoshi & Família	332	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	14,5	13,00	22,07
Timoni	59	canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>	5	9,00	26,05
TODABA	337	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	7,5	7,80	39,29
TODABA	338	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	7,5	16,00	112,41
TODABA	356	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	14	30,00	397,23
TODABA	361	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	13	39,20	701,76
TODABA	362	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	6	12,20	20,11
Tokico Murakawa Moriya	56	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	12	25,50	140,57

Nome do Colaborador	Nº de Identificação	Nome Popular	Nome Científico	Altura (m)	DAP (cm)	CO2(kg) capturado
Tokoro, Sukenobu	194	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	11	12,70	152,78
Tomoe Oide Tsubaki	79	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	11	18,00	253,61
Tomoko Nishiuma	174	gabirola	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	8	29,30	290,76
Toshiaki Morimoto	151	taiúva	<i>Maclura tinctoria</i>	16	38,60	1811,07
Toshiko Ueno	125	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	16	70,00	2754,14
Toshio Ikeda	1	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	9,5	8,20	41,09
Toshio Kuko	136 <sup>2</sup>	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	4	5,20	7,70
Toyobra Daizen	102	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	14	34,00	1216,81
Tutomo T.Y.K.Y.Omine	36	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	9,5	14,20	112,16
Ulam - Cantareira	318	paineira	<i>Chorisia speciosa</i>	6	11,00	19,88
UNIPAC Ind. e Comércio Ltda.	311	jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i>	8	15,00	105,39
UNIPAC Ind. e Comércio Ltda.	312	mutambo	<i>Guazuma ulmifolia</i>	16	40,00	701,69
Valdir Marinho Lobato	374	ingá-mirim	<i>Inga marginata</i>	24	81,10	4976,53
Vera Lúcia da Silva Braga	143	cabreúva	<i>Myroxylon peruiiferum</i>	13,5	35,20	1244,53
Vinicius Yukio de Oliveira Hirata	132	jequitibá-branco	<i>Cariniana legalis</i>	7	9,50	39,26
W. Hisahiro	198	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	17	28,00	688,98
Wakayama Kenjinkai do Brasil	487	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	14	35,00	849,64
Walter Suiter Filho	324	guaruaia	<i>Peltophorum dubium</i>	10	14,00	114,76
Yamaguchi-ken	490	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	3,5	5,50	5,25
Yamaha Musical do Brasil S.A.	483	cerejeira	<i>Prunus cerasoides</i>	12	33,50	667,17
Yashiro Yamamoto	271	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	5,5	9,50	11,18
Yokohama National University	265	pau-d'alho	<i>Gallesia integrifolia</i>	10,5	26,90	392,77
Yoshida Soichi	342	tapiá-mirim	<i>Alchornea triplinervia</i>	14	38,00	710,18
Yoshiko Gima	173	pinheiro do paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	6,5	10,00	28,10
Yu	245	palmito	<i>Euterpe edulis</i>	11,5	13,80	19,73
Yutaka Baba	18	guarantã	<i>Esenbeckia leyocarpa</i>	12	14,50	189,69
Yuzo Sekigawa	166 <sup>2</sup>	suinã	<i>Erythrina speciosa</i>	4,5	5,20	2,74
Total de Carbono Estocado			<i>256.147,270 kg</i>			

## AGRADECIMENTOS

Ao Engenheiro Agrônomo Guenji Yamazoe, pesquisador científico aposentado do Instituto Florestal de São Paulo, pelo exemplo de competência e perseverança.

Aos amigos Marcelo Bonucci e Antônio Celso Martins de Mello pela inestimável contribuição. Aos estagiários da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo: Rosângela Soares Lopes, Mylena Wada Sato, Luigdi Pinheiro Teixeira Diniz e Gustavo Gomes Pagador por me fazerem pulsar melhor.

## HOMENAGEM PÓSTUMA

Ao inesquecível Sr. Júlio Teixeira, pela sua contribuição e ensinamentos transmitidos aos que trabalharam e estagiaram no Instituto Florestal de São Paulo nos últimos 63 anos.

(\*) Autor: Pesquisador Científico Luís Alberto Bucci, Instituto Florestal

## BOSQUE DA DIVERSIDADE \*

UM PRESENTE PARA A CIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO FLORESTAL E DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA (DAEE)

O Bosque da Diversidade, localizado no Parque Ecológico do Tietê, teve sua instalação iniciada em 2004, durante as comemorações dos 450 anos da fundação da cidade de São Paulo, simbolizando, com a grande variedade de espécies plantadas e a participação de numerosas comunidades que compõem a cidade, a biodiversidade da Mata Atlântica e o caráter cosmopolita de São Paulo.

O Bosque da Diversidade é um projeto conjunto da ABJICA – Associação dos Bolsistas JICA – São Paulo e do Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) da Secretaria de Energia e Saneamento, com apoio do Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente e da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA).

A implantação e a manutenção do Bosque da Diversidade foram viabilizadas mediante adesão de R\$ 100,00 por árvore, tanto para pessoas físicas como jurídicas, para cobrir despesas de preparo do solo, aquisição de mudas, plantio, replantio, adubação e manutenção durante 5 anos.

O plantio do Bosque foi encerrado em 2008, com plantio de 1000 árvores patrocinados pela K LINE, empresa japonesa de transporte marítimo, totalizando 2700 mudas de 68 espécies. Atualmente a manutenção dos plantios está sob responsabilidade do Parque Ecológico do Tietê (DAEE).

A instalação do Bosque da Diversidade contou com a adesão das seguintes comunidades, além da brasileira: japonesa, portuguesa, alemã, espanhola, italiana, israelita, sírio-libanesa, armênia, tcheca, húngara e búlgara.

Situada entre a margem esquerda do rio Tietê e a pista São Paulo – Aeroporto de Guarulhos da Rodovia Ayrton Senna, a região era uma área bastante degradada antes da implantação do Bosque da Diversidade. Na época da seca, o fogo se alastrava e a fumaça intensa chegava a dificultar o trânsito de veículos na Rodovia. Havia cerca de 150 cabeças de gado solto na área, e uma das maiores preocupações era evitar o dano do plantio pelos animais. O acesso com veículo ao local era feito unicamente por sob a ponte do rio Tietê. Com o início do plantio do Bosque, a estrada marginal da Rodovia foi perenizada e o gado foi retirado posteriormente.

Dada a sua localização, é frequente a inundação, e mesmo as espécies consideradas mais resistentes a essas condições, como ipê-do-brejo, cedro-do-brejo, pinha-do-brejo, etc., têm apresentado baixa sobrevivência. Na época das chuvas de 2009-2010, a maior parte da área permaneceu literalmente debaixo d'água durante 4 meses, tendo ocorrido mortes de grande número de árvores, especialmente de ipês-amarelos e paus-cigarras, estes

últimos com 4-5 metros de altura. As falhas decorrentes não foram replantadas devido à dificuldade de sua manutenção pontual. Também existem manchas de solos pouco permeáveis, o que, aliado ao problema de inundações, torna o plantio de árvores inviável.

O que vem se constatando agora é a ocorrência de regeneração natural de algumas espécies, como a quaresmeira. Esse mecanismo, desde que convenientemente manejado, propiciará o paulatino repovoamento das clareiras com espécies apropriadas.

O Bosque da Diversidade caracterizou-se pelo seu pioneirismo, pois outros plantios se seguiram. Já em 2006, foi instalado em área contígua, o Bosque dos Municípios, com o qual o Governador Geraldo Alckmin homenageou os municípios paulistas, cujos nomes são relacionados a árvores. Em 2008, foi implantado o Bosque da Amizade Brasil-Japão, para comemorar o centenário da imigração japonesa no Brasil. Em 2010, foram feitos os plantios de compensação ambiental do DERSA, referentes às obras das Marginais do Tietê. Posteriormente, ocorreram outros plantios em cumprimento a diversos Termos de Ajustamento de Conduta (TAC).

Agora, para a grata satisfação dos organizadores e colaboradores, uma faixa de 30 metros do Bosque da Diversidade, ao longo da Rodovia Ayrton Senna, será integrada ao Jardim Metropolitano, um projeto do arquiteto Ruy Otake, como parte dos preparativos do Governo do Estado para a Copa de 2014.

### AS 1000 ÁRVORES DA K LINE

A doação de 1000 árvores pela K LINE, empresa japonesa de transporte marítimo, foi a contribuição mais expressiva que o Bosque da Diversidade recebeu. As árvores foram plantadas em 25 de janeiro de 2008,

comemorando três eventos: os 453 anos da fundação da cidade de São Paulo, a abertura do escritório da K LINE no Brasil e o centenário da imigração japonesa no Brasil.

Foram instaladas placas em diferentes idiomas, na entrada do Bosque da Diversidade



O governador Geraldo Alckmin planta muda de jerivá, na inauguração do Bosque da Diversidade, em 2004



(\*). Autor: Guenji Yamazoe, ABJICA

## OSTEOPOROSE EM ODONTOLOGIA \*

**ATIVIDADES DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FOUSP) & GRADUATE SCHOOL OF MEDICINE, DENTISTRY AND PHARMACEUTICAL SCIENCES OF OKAYAMA UNIVERSITY**

A JICA, como agência de fomento a enviar estudantes e pesquisadores brasileiros para o desenvolvimento de estudos em diversas instituições educacionais do Japão, em seu programa de bolsas com ênfase nos acordos formais de cooperação, tem trazido enriquecimento intelectual e novas experiências, bem como conhecimento especializado, concretizados por meio de práticas de internacionalização e benefícios no desenvolvimento científico, tecnológico e da inovação.

A bolsa de estudo da JICA voltada para pesquisa proporcionou à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo - FOUSP - o Convênio Internacional com a *Graduate School Of Medicine, Dentistry And Pharmaceutical Sciences of Okayama University* em 1988. Desde então, a FOUSP e a Faculdade de Odontologia de Okayama mantêm intercâmbio de professores, pesquisadores, alunos de graduação e de pós-graduação, resultando em aumento da produção científica e acadêmica.

Uma das principais atividades decorrentes dos conhecimentos adquiridos com a Faculdade de Okayama foi a realização da Semana de Osteoporose, que se tornou uma das atividades regularmente executadas na clínica do setor de Radiologia da Faculdade de Odontologia, com a meta de divulgar

amplamente os princípios da prevenção e da interpretação dos métodos de avaliação da massa óssea e doenças orais, e orientações da higiene oral, ressaltando particularmente os tópicos de maior interesse clínico e populacional.

Na terapêutica odontológica, faz-se necessário avaliar o estado metabólico regional dos ossos maxilofaciais. As inflamações comuns, traumatismos, cirurgias, trocas biomecânicas por uso de próteses fixas, removíveis e totais, uso de medicamentos, enfermidades próprias do metabolismo ósseo, cistos, tumores afetam a qualidade e quantidade do tecido mineralizado, e com isto, afetam a funcionalidade e a manutenção dos órgãos dentais, implantes bucais e outras peças protéticas. A relação entre a estrutura e a qualidade da função óssea e dental é muito estreita e pode estar afetada em numerosas situações clínicas.

Durante o evento são realizados atendimentos de pacientes com o objetivo de avaliação, por meio de radiografias panorâmicas, como um método capaz de expressar as alterações morfológicas da mandíbula decorrentes da idade. Também tem como finalidade examinar pessoas de terceira idade, para detecção de câncer bucal, doenças periodontais, avaliação de perda óssea oral e do antebraço, com exames de

densitometria óssea, taxas de glicemia, de colesterol e avaliação de pressão arterial e fatores gerais.

Assim, com o estudo da situação atual de saúde bucal da população, tem-se condições de planejar e atuar nos principais níveis de prevenção odontológica, desde a promoção e proteção à saúde e a identificação precoce de doenças sistêmicas como a osteopenia, osteoporose e osteoporose bucal, trazendo como consequência a promoção do tratamento das doenças bucais e sistêmicas, melhorando o estado de saúde da população, através de um modelo de assistência voltada para a família e a comunidade.

Paciente sendo atendida



Pacientes são atendidos durante a Semana da Osteoporose, na Faculdade de Odontologia da USP



(\*) Autora: Emiko Saito Arita, FOUSP



Miyajima-Itsukushima Shrine, Hiroshima, Japão

---

## DEPOIMENTOS DOS BOLSISTAS

---

## MARIA NOBUYE NARIMATSU

**CURSO ANIMAL HEALTH RESEARCH**

**PERÍODO MAIO A OUTUBRO DE 1975**

**E**ra o ano de 1975 e eu trabalhava no Instituto Biológico de São Paulo como veterinária na Seção de Doenças das Aves, quando soube da abertura do “*The Animal Health Research Course*” do *National Institute of Animal Health*, anexo ao Ministério da Agricultura, oferecido pelo programa de cooperação técnica do governo do Japão.

Era um curso de alguns meses que eu tinha a mais absoluta certeza de que faria toda a diferença em minha vida. Isto se comprovou, pois até hoje usufruo daquelas amizades que se originaram da Cooperação Brasil/Japão pela JICA.

Tive condições de desenvolver conhecimentos técnicos sobre patologia aviária, produção de antígeno de micoplasma, técnica de produção de aves e ovos SPF (*Specific Pathogen Free*), diagnóstico e prevenção de Micoplasmose e Coccidiose Aviária, produção e métodos de pesquisa da Doença de Marek e Vacina de Newcastle em cultura de tecido.

E não foi somente isto, pois chegando em Tóquio, além do curso, me foi oferecido um estágio no *Kitasato Institute*, local em que se pesquisava e produzia vacinas e antígenos. As descobertas nesta área interessavam muito ao que desenvolvíamos no Biológico.

No meu grupo, como em quase todos os grupos que se beneficiam da parceria

da JICA, havia pessoas de vários países em desenvolvimento, como Burma, Cuba, Laos, Sri Lanka e Tailândia.

Não sei se todos tiveram a oportunidade de visitar a residência do *sensei*, mas nós tivemos a honra e a delicadeza de termos um almoço em casa do Dr. Ashida.

Lembro-me também que saíamos muito para fazermos atividades típicas do Japão, e tivemos duas oportunidades de quinze dias para conhecermos o país.

Em síntese, fui muito bem acolhida. No laboratório em que trabalhei, passaram todas as informações e esclarecimentos sobre possíveis dúvidas que tivéssemos e até sobre aquelas que em um futuro pudéssemos vir a ter, pois o avanço nas pesquisas é uma das características do povo japonês.

Maria Nobue Narimatsu



## TIYO SAKURAI

**CURSO MICROBIAL DISEASES**

**PERÍODO 1976 E 1977**

**I**mplantação da Produção Nacional de Vacinas Virais para Uso em Humanos, graças ao Acordo de Cooperação Técnica Brasil-Japão promovido pela JICA – Agência de Cooperação Internacional do Japão.

Um fato relevante que deve ser registrado no livro comemorativo dos 30 anos da ABJICA foi a concretização da produção nacional de vacinas virais para uso humano, dentro da política do governo brasileiro visando a autossuficiência em vacinas para o controle e erradicação de doenças de importância à Saúde Pública, graças aos programas de cooperação técnica da JICA de transferência de tecnologia, doação de equipamentos e treinamento de brasileiros pelos técnicos japoneses.

Em 1976 e 1977, fui bolsista da JICA e participei do *Group Training Course on Microbial Diseases*, no *Research Institute for Microbial Diseases – BIKEN, Osaka University*, no Departamento de Medicina Preventiva, cujo titular, Prof. Dr. Konosuke Fukai, era o coordenador da JICA na área médica. Outra pesquisadora paulista, Dra. Ignez Koseki, do Instituto Biológico, da Secretaria de Estado da Agricultura, havia estagiado nesse departamento como bolsista da OTCA.

Ao retornar do Japão, em encontro casual no Instituto Adolfo Lutz, contei informalmente ao Dr. Akira Honma, do

Instituto Oswaldo Cruz (Ministério da Saúde) – Rio de Janeiro, RJ, sobre a nova vacina contra o sarampo desenvolvida no BIKEN e sobre os programas de cooperação técnica da JICA voltados para os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Algum tempo depois, um dos assistentes do Prof. Fukai, em trânsito para Buenos Aires, Argentina, nos procurou em São Paulo a pedido do professor e, assim, começou a nossa participação no estabelecimento dos contatos iniciais entre os técnicos do Brasil e Japão para a transferência de tecnologia de produção de vacinas de sarampo e de poliomielite.

Em agosto de 1980 foi assinado o Acordo Básico para a Cooperação Técnica (*Basic Technical Cooperation Agreement*).

Como parte das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, a Bio-Manguinhos – Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos, da Fundação Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ –, Ministério da Saúde, sob a direção do Dr. Akira Honma, criou o CENTRO TECNOLÓGICO KONOSUKE FUKAI e, em 11 de julho de 2008, com a presença da viúva e da filha do homenageado, representantes da Fundação BIKEN da Universidade de Osaka, autoridades consulares do governo japonês e demais autoridades e convidados brasileiros, inaugurou um busto do Prof. Fukai na

frente do edifício onde estão localizados os Laboratórios de Controle de Qualidade, Experimentação Animal e Produção de Antígenos Virais.

A participação num dos Cursos de Treinamento em Grupo oferecido pela JICA foi importante na ampliação de meus conhecimentos culturais e, em particular, os técnico-científicos. Pesquisadora científica do

Instituto Adolfo Luz (Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, SP), divulguei e incentivei outros colegas a participarem de atividades oferecidas pela JICA e, assim sendo, penso ter contribuído para o sucesso da implantação da produção nacional de vacinas virais para o controle e erradicação do sarampo e da poliomielite.

Tiyo Sakurai (à direita) ao lado de Ignez Koseki, no dia da inauguração do busto do Dr. K. Fukai



## KIKUO TAMADA

**CURSO WATER WORKS ENGINEERING**

**PERÍODO MAIO A AGOSTO DE 1980**

Em 1980, conheci a JICA, entidade governamental que financiava cursos especializados no Japão. Nessa época, trabalhava no Departamento de Águas e Energia Elétrica do Governo do Estado de São Paulo (DAEE) e acumulava docência em Turno Completo na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP), junto ao Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária (PHD).

No DAEE, atuava na Divisão de Modelação Física de Obras Hidráulicas Fluviais, do Centro Tecnológico de Hidráulica (CTH), no qual eram desenvolvidos estudos relacionados à otimização de projetos de barragens e estruturas hidráulicas, como extravasores e tomadas de água para geração de energia.

Para o desenvolvimento dessas atividades, na década de 1950, o DAEE instalou no campus da Cidade Universitária da USP um Laboratório de Hidráulica que funciona até hoje, atualmente sob responsabilidade da Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (FCTH), subordinada à EPUSP.

Desde a época em que concluí o Curso de Graduação de Engenharia Civil pela EPUSP, tinha muita vontade em conhecer o Japão, terra natal dos meus pais. Sabia também que a área de Hidráulica era muito desenvolvida

nas universidades japonesas, tanto quanto as principais universidades norte-americanas. A Universidade de Tóquio e a Universidade de Kyoto sempre contaram com muito prestígio.

Em 1980, decidi me candidatar à bolsa da JICA e fui aceito no curso “*Water Works Engineering*”. A bolsa cobria todos os custos, como passagem aérea e estadia integral.

Foi uma experiência muito interessante não só pelo aspecto técnico, mas também pela experiência em conviver com participantes de diversos países. Além disso, como era o único *nikkey* do grupo, tornei-me amigo do coordenador do curso e da intérprete.

O objetivo principal do curso era, sem dúvida, a exposição da tecnologia desenvolvida nas universidades japonesas. Paralelamente, porém, conhecemos um outro lado do país, os pontos turísticos, universidades e centros de pesquisas locais. Foi meu primeiro contato com professores e especialistas de Engenharia Civil de universidades como a de Tóquio, de Kyoto e da Cidade de Osaka.

Posteriormente, a JICA criou um programa oferecendo bolsas de estudos para pesquisadores *nikkeis*, uma nova oportunidade para aprofundar o intercâmbio com os professores japoneses. Desta vez, solicitei conhecer pesquisas voltadas à questão de “Sistema de Transposição de Peixes” e “*Debris Flow*”.

Eram duas linhas de pesquisa importantes principalmente para a realidade brasileira. Apesar de termos diversas barragens de usinas hidrelétricas concluídas, aqui não havia interesse nem embasamento técnico para instalar um sistema de transposição de peixes que possibilitasse a reprodução e sobrevivência de algumas espécies.

Graças a esta bolsa, obtive extensa bibliografia e visitei várias universidades e centros de pesquisas especializados nesse sistema que era muito comum no Japão. Lá, todos os barramentos, por menor que sejam, têm uma estrutura para transposição de peixes. Esses conhecimentos foram difundidos dentro da EPUSP, junto a alunos de pós-graduação em nível de doutorado. Hoje, dois deles são considerados grandes especialistas da área.

A segunda linha de pesquisa, *Debris Flow*, refere-se ao mecanismo de formação das corridas detriticas, fenômeno que provoca o deslizamento de morros, causa de acidentes naturais que ocorrem, infelizmente, com frequência em diversas regiões do Brasil até hoje. Este era um problema rotineiro no Japão, que possui relevo montanhoso e acidentado. Daí, ser este um dos países que mais investe em pesquisa nessa área.

A Universidade de Kyoto, por exemplo, tem um excelente grupo de professores e pesquisadores nessa área. Por esse motivo, esse grupo é muito solicitado por países que sofrem desse tipo de acidente, provocado por chuvas intensas e de longa duração.

Em Kyoto, consegui uma série de referências bibliográficas, além de poder visitar locais onde ocorreram deslizamentos e em que foram implantadas obras de defesa contra esse tipo de acidente. Foi uma ótima oportunidade para registros fotográficos das obras e das soluções encontradas e para coletar dados técnicos.

Graças a esse material, orientei um aluno de pós-graduação em nível de doutorado na EPUSP. Na ocasião, tentei introduzir uma disciplina em nível de pós-graduação, com esse tema, junto à USP, até como uma forma de ampliar a discussão sobre o assunto. Porém, a universidade entendeu que não havia necessidade porque, segundo o parecer, “havia no mercado uma série de bibliografia sobre o tema”. Foi uma pena porque todos sabem que, para criar especialistas, não basta bibliografia. É preciso pesquisa e estudo de casos práticos.

A universidade perdeu uma oportunidade de aprofundar um tema atual – deslizamentos de terra – que até hoje repercute na sociedade brasileira, razão de muitas tragédias na temporada de chuvas. Infelizmente, não dispomos de especialistas em “*Debris Flow*” que possam opinar e apontar soluções quando ocorrem acidentes dessa natureza.

Concluindo, só tenho a agradecer à JICA pela parceria que começou em 1980, quando fui aceito pela primeira vez, e foi solidificada posteriormente com a bolsa de pesquisador *nikkey*. Por meio dessa parceria, tive oportunidade de conhecer as principais universidades japonesas e muitos professores da área de Hidráulica e Engenharia Civil, fato que muito me ajudou quando assumi a coordenação do intercâmbio técnico e cultural entre a USP e outras universidades japonesas. Nessa coordenação, utilizei muito dos contatos obtidos durante as visitas técnicas realizadas como convidado da JICA. No campo pessoal, fiz muitos amigos entre os professores japoneses e pude encontrar e conhecer meus tios e primos.

Por tudo isso, MUITO OBRIGADO.  
*Dômo Arigatô Gozaimashita.*

Prof. Kikuo Tamada, primeiro à direita, sentado, na assinatura do intercâmbio Técnico e Científico entre a Escola Politécnica-USP e a *Disaster Prevention Research Institute da Kyoto University*, no dia 26 de fevereiro de 1998



## VALDEMAR JORGE FILHO

**CURSO TELEVISÃO EDUCATIVA**

**PERÍODO JULHO A OUTUBRO DE 1980**

**J**unho de 1980. Estou no avião da JAL, chegando ao aeroporto de Narita. Primeira viagem internacional aos 29 anos de idade. Inseguro com o inglês, assustado com um país que não conheço e tão longe de casa. Piso em Tóquio às 4 horas da manhã para mim, e 4 horas da tarde para eles.

Ao motorista que me leva ao TIAC – JICA Tokyo International Center –, o hotel alojamento para estudantes estrangeiros, onde ficarei hospedado com profissionais de todo o mundo, pergunto (numa língua universal que tem um pouco de japonês, português, inglês e muitos gestos):

— O que é ser japonês? Qual a característica mais forte dessa cultura?

— A lei do samurai. Se você tem que fazer alguma coisa, não importa o que, faça da melhor maneira possível, dê o máximo de si por mais simples que seja o trabalho.

Começo a entender o Japão, que vou gostar muito nos próximos três meses em que ficar aqui. Aprendi a primeira das muitas lições, além do curso propriamente dito de TV Educativa que vou fazer na NHK.

Na primeira semana, além de conhecer o sistema urbano de quase 500 Km de metrô e mais ainda de trens urbanos (em 2013, 33 anos depois, ainda não temos 80 Km em São Paulo), aprendo nas aulas muito da cultura e da língua japonesas. Uso muitas das palavras ainda nos

dias de hoje. Na feira, quando cruzo com a *nikkey* que vende tomates, ela sempre ri quando eu digo “*takai desu!*”. E sempre seleciona os melhores tomates para mim.

Aprendi muito do espírito de coletividade do japonês, do senso de honestidade e lealdade e da amizade profunda que vai se formando lentamente nas nossas relações com eles, mesmo que isso não transpareça em gestos e palavras efusivas.

Na festa de despedida, depois de três meses de curso, dois dos meus *senseis* fizeram um discurso curto, de estímulo a que aplicássemos em nossos países os conhecimentos recebidos, destacando a felicidade dos momentos que passamos juntos. Falaram com uma voz séria, porém com pequenos silêncios que traíam a emoção da despedida. *Sensei* Isao Sakamoto e *Sensei* Akira Kojima. Ainda me lembro dos nomes deles.

No Brasil, eu trabalhava na TV Cultura de São Paulo e sempre acreditei na televisão como instrumento eficiente para a educação e cultura de um povo tão necessitado como o nosso.

Foi com o Rádio e a TV que o Japão deu um salto fantástico de 1945 a 1980. Trinta e cinco anos apenas, e conseguiu levar boa educação a toda sua população. Com isso, transformou um país arrasado após a guerra

em uma potência econômica e tecnológica.

Fiz o curso de TV em estúdios-escola e na própria NHK – *Nippon Hoso Kyokai*, onde tudo é planejado com um ano de antecedência, e os programas são exaustivamente ensaiados, para que, na emissão ou gravação, aconteçam no tempo previsto, sem desperdício de horas de trabalho da equipe e do equipamento, e com o mínimo de erros. Ainda tenho inveja disso.

Imagino que em cursos de outras áreas no Japão, os alunos brasileiros também tenham notado essas mesmas características de planejamento e testes detalhados antes da execução de um trabalho para que tudo saia sempre da melhor maneira possível e sem erros. É a lei do samurai que aprendi com o motorista no meu primeiro dia. Acompanhei a gravação de vários programas infantis no estúdio, e tudo acontecia de uma vez só, sem erros, com a trilha sonora sendo tocada quase que ao vivo durante as cenas.

Trouxe amostras desses programas da NHK para o Brasil, e na cabeça, trouxe muitas das ideias que vi dando certo no Japão. E durante alguns anos, trabalhei com a programação infantil na TV Cultura, fazendo “Curumim” e depois o “Bambalalão” e o “Catavento”, que antecederam o “Rá Tim Bum”. Algumas das ideias, como o de higiene e banho das crianças, serviram de inspiração para esses programas premiados brasileiros.

Espero que os programas que levei para o Japão e minhas conversas com os professores e técnicos nas aulas também tenham mostrado um pouco do Brasil e dos brasileiros para os japoneses. A troca de informação com os professores e as conversas à noite e nos fins de semana com os estudantes dos outros cursos que vinham de todas as partes do mundo foram também experiências ricas que a viagem me proporcionou.

Compreendi o sentido da palavra

universalidade entre as pessoas, e constatei que apesar de todas as diferenças de língua, crenças e culturas, os seres humanos são muito parecidos em sua essência. Assim, existe sempre uma esperança para a paz e a convivência fraternal e de ajuda recíproca entre os países.

Quando terminei esse pequeno texto, dormi e sonhei com o Monte Fuji. Isso acontecia muito nos primeiros meses depois que voltei ao Brasil. Na primeira carta que enviei a um dos meus professores, contei esse sonho. E ele me respondeu que isso era um bom presságio, que coisas boas iriam acontecer comigo, e que eu nunca me esqueceria do Japão e dos japoneses.

Eu nunca esqueci.

Valdemar Jorge Filho na emissora de TV pública do Japão NHK



## MARIA DE LOURDES SUMIKO SUEYOSHI

**CURSO FISHERY STATISTICS COURSE; AGRICULTURAL STATISTICS COURSE**  
**PERÍODO SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1980; AGOSTO A OUTUBRO DE 1982**

Esses dois cursos totalizaram cinco meses e meio de duração (dois meses e meio do primeiro curso e três meses do segundo curso).

Foram duas grandes oportunidades de treinamento técnico-científico, cultural e pessoal como bolsista da *Japan International Cooperation Agency* (JICA), as quais me possibilitaram uma reengenharia de postura profissional, com a gama de conhecimentos e experiências recebidas do povo japonês.

Ressalta-se a estrutura logística extraordinária de acolhida por parte de todas as pessoas daquele país. A atenção, dedicação, educação, enfim, tudo o que me proporcionaram contribuiu para que minhas estadias fossem inesquecíveis.

Hoje, aposentada, recordo cada detalhe vivido no Japão graças aos grandes presentes de Deus: a memória, os colegas das épocas e as fotografias.

Além dos benefícios do custeio do treinamento em si, muitos outros benefícios imensuráveis das bolsas que recebi foram diretos na área de minha atuação. E outros fatores multiplicadores que resultaram dessas bolsas são difíceis de quantificar, pois envolvem variáveis de valores comportamentais pessoais.

Agradeço hoje e sempre à JICA, ao Instituto de Economia Agrícola e a todos que

contribuíram para que eu pudesse realizar melhorias na minha vida profissional e pessoal, acreditando ter colaborado para o desenvolvimento do Brasil.

Fui uma das colaboradoras na fundação da ABJICA e participei de várias gestões, o que me permitiu ter sempre vivas as lembranças de tudo o que aprendemos no País do Sol Nascente, e me permitiu divulgar o belíssimo trabalho de cooperação internacional da JICA.

Grata sempre a todos.

Horticultura em estufa (*Green House*)  
Shizuoka – Japão, 1982



## MÁRIO KATSURAGAWA

**CURSO COASTAL FISHERIES EXTENSION COURSE – THEORY II**  
**PERÍODO JANEIRO A JUNHO DE 1981**

Sou graduado em Ciências Biológicas, pelo Instituto de Biociências da USP. Em fins de 1980, na mesma época em que concluía a graduação, fui contemplado com uma bolsa de estudo do governo japonês, através da “*Japan International Cooperation Agency*” (JICA), para frequentar um curso de pesca costeira (“*Coastal Fisheries Extension Course - Theory II*”), promovido pelo *Kanagawa Fisheries Training Center* (KFTC).

Este curso, que teve lugar entre janeiro e junho de 1981 nas dependências do KFTC na Província de Kanagawa, Japão, constituiu-se de aulas teóricas, práticas, atividades de campo e excursões. Nas aulas teóricas foram abordados detalhes das diversas metodologias e equipamentos de pesca, além de aspectos gerais sobre a dinâmica de população, recursos pesqueiros e administração da pesca. As aulas práticas consistiram em desenvolvimento de modelos e confecção de redes de pesca (“*bottom trawl*”, “*set-net*” e “*gill-net*”), cuja atividade foi complementada com experimentos no laboratório do Instituto Nacional de Engenharia de Pesca, em Tóquio, além de observações de campo, a bordo de barcos de pesca. Foram ainda realizadas excursões às diferentes regiões do Japão, tendo sido visitadas diversas instituições de ensino e pesquisa marinha, laboratórios, portos pesqueiros e fábricas de equipamentos

de pesca. Participaram deste curso, além de mim, como único representante brasileiro, bolsistas provenientes do Egito (2), Filipinas (1), Líbia (2), Malásia (1), México (2), Papua Nova Guiné (1), Sri Lanka (1), Tailândia (1), Turquia (1) e Venezuela (1). O corpo docente era formado por técnicos do próprio KFTC, sob a direção do Dr. Masatsune Nomura, além de especialistas convidados de outras instituições. Vale destacar o Sr. Kazuo Senga, que atenciosamente nos orientou durante a maior parte das atividades, inclusive fazendo uma visita ao Brasil três anos após o curso.

A viagem foi extraordinária sob todos os aspectos, mas poderia ressaltar, em primeiro lugar, o grande volume de informações que pude receber e que foram importantes para complementar a minha formação acadêmica, notadamente com relação à parte prática na área da ciência pesqueira, o que não se obtém em cursos de graduação em Biologia no Brasil. O curso me proporcionou ainda uma inesquecível experiência pessoal na minha primeira participação em cursos no exterior, os contatos com especialistas japoneses da área, o conhecimento dos avanços tecnológicos da área e a convivência com participantes de outros países.

Outro ponto a ser destacado, pessoal porém de grande relevância, foi a oportunidade de conhecer alguns parentes

japoneses. Aproveitando o feriado prolongado do “*Golden Week*”, pude fazer uma viagem até a cidade de Gero, na província de Gifu, local de nascimento do meu pai. O período de estadia em Gero foi curto, mas constituiu-se num dos momentos mais emocionantes da minha vida, em que pude conversar e conhecer um pouco das raízes da família e da história da imigração dos meus avós. Infelizmente, por falta de tempo, não pude visitar os parentes do lado materno, da Província de Nagano.

Este curso no KFTC ofereceu-me um embasamento teórico e prático para o exercício das minhas atividades profissionais futuras, especialmente ao longo da década de 1980, quando participei em cinco expedições brasileiras à Antártica a bordo do N/Oc. “*Prof. W. Besnard*”, da USP. Retornando do Japão, no segundo semestre de 1981, fui admitido no curso de pós-graduação do Departamento de Oceanografia Biológica (DOB) do Instituto Oceanográfico da USP (IOUSP), que culminaria com a obtenção do título de “Mestre em Oceanografia Biológica” em 1985 e de “Doutor em Ciências” em 1990, sob a orientação do Prof. Dr. Yasunobu Matsuura. Aprovado em concurso, passei a fazer parte do quadro docente do IOUSP ainda como pós-graduando, em meados de 1985, e atualmente exerço a função de Professor Associado no Departamento de Oceanografia Biológica.

Já se passaram mais de três décadas após o curso, e as minhas linhas de pesquisa atuais na USP não estão diretamente relacionadas à pesca, mas alguns dos conceitos básicos adquiridos durante o treinamento técnico têm sido úteis no exercício das atividades fins da universidade. Tais conhecimentos têm sido especialmente importantes nos trabalhos de campo, tais como em atividades embarcadas durante os cruzeiros oceanográficos e nas ministrações de disciplinas de graduação e

pós-graduação relacionadas à oceanografia biológica. Desta forma, agradeço ao Governo Japonês e à JICA pela oportunidade de participação no curso do KFTC, e reputo a importância deste programa como meio para promover o desenvolvimento entre as nações.

Mário Katsuragawa (primeiro da direita, de pé) na apresentação do resultado final da parte prática do curso, com a montagem da rede de pesca confeccionada pelos bolsistas



## CAIO EDUARDO FERREIRA DO AMARAL

**CURSO REGIONAL DEVELOPING PLANNING**

**PERÍODO MAIO A JULHO DE 1982**

*Hokkaido...*

“Uma deslumbrante Ilha de Magia”... Um dos lugares mais lindos e absolutamente fascinantes que eu já conheci, em todo o mundo.

Um excelente prêmio de final de curso, oferecido pela JICA, foi a nossa estadia no *Noboribetsu Spa*.

“Recanto em meio a um Parque Nacional impecável, cercado de águas termais vulcânicas e de ursos pardos, que vivem lá em plena liberdade”.

Sob um céu pleno de estrelas, literalmente dormimos. Nas noites de verão, nos belos e elegantes apartamentos, por um sistema eletrônico se abrem os tetos. Pudemos perceber, completamente, a sofisticada (e ao mesmo tempo sóbria) maneira de ser daquele maravilhoso povo. E, só então, descobrimos que o conjunto todo, tão magnífico e majestoso, pertencia à nobre Família Imperial do Japão. Estávamos muito próximos dela...

Tudo outra vez eu faria.

*Domo Arigato.*

*Noboribetsu Spa em Hokkaido*



## AUGUSTO TULMANN NETO

**CURSO TRAINING COURSE IN PLANT GENETICS RESOURCES**

**PERÍODO MAIO A AGOSTO DE 1983**

Dentre os treinamentos que fiz para aperfeiçoamento científico (e fiz muitos!), reconheço que o que realizei durante 3 meses, em 1983, em Tsukuba, por meio da JICA, foi o mais bem organizado. Além disso, foi rico em conteúdo teórico e prático.

Tenho uma grande gratidão pelo Japão por vários motivos. Um deles é que meu orientador de mestrado e doutorado no Brasil, o Dr. Akihiko Ando, é de origem japonesa e foi ele que me incentivou a aplicar para a bolsa de estudos fornecida pela JICA. Portanto, além dos conhecimentos que ele me transmitiu, tenho que lhe agradecer também por esta excelente sugestão.

Por meio do aprendizado avançado em conservação de germoplasma e melhoramento de frutíferas e cereais e as visitas técnicas realizadas por trem e ônibus em vários institutos relacionados ao treinamento oferecido, entendi as razões pelas quais o Japão tem se destacado nestas áreas.

Além do aspecto científico, tenho lembranças inesquecíveis deste período. Uma delas é que tive a oportunidade única de cumprimentar o Imperador do Japão e a Imperatriz, quando visitaram os bolsistas da JICA em Tsukuba. Tive também a honra de defender o time de futebol dos estudantes brasileiros em animados jogos programados para as horas de lazer. Aprendi, com alguma

surpresa, a maneira como se realizavam as recepções para os bolsistas em Tsukuba: elas eram rigorosamente iniciadas às 19 horas e também rigorosamente encerradas, com uma salva de palmas, às 22 horas. Portanto, bem diferente das organizadas no Brasil!

Um episódio que jamais esquecerei, o qual narrei várias vezes no Brasil, quando regresssei, devo repetir aqui, pois creio que explica bem uma filosofia que é a prática corrente no Japão. Meu quarto em Tsukuba ficava ao lado da lavanderia e apesar dos avisos que diziam que às 22 horas os bolsistas não poderiam utilizar mais as máquinas de lavar, muitos desobedeciam a regra e o consequente barulho não me deixava dormir. Perguntei na administração se havia algum quarto para que eu me mudasse. Perguntaram-me a razão pela qual eu queria fazer esta mudança, e após minha explicação, disseram-me: “Sr. Tulmann, nós temos outros quartos, mas o senhor não precisará mudar de quarto, pois quem ocupar o seu ouvirá o mesmo barulho. O que faremos é resolver o problema de tal modo que depois das 22 horas não haverá mais máquinas funcionando”. De fato, o problema foi solucionado e ficou para mim uma grande lição de filosofia de vida, pois no Brasil muitas vezes há um famoso jeitinho de não se enfrentar a situação e os problemas vão se

acumulando e deixam de ser resolvidos.

Portanto, pelos conhecimentos científicos adquiridos, pela oportunidade de conhecer a maneira de vida do Japão e pelos lugares magníficos que visitei...

*Domo Arigato, JICA!*

Augusto Tulmann, segundo da direita para a esquerda, de terno branco e gravata vermelha



## JOSÉ SHIN-ICHIRO TANIGUCHI

**CURSO TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE ESGOTO**

**PERÍODO SETEMBRO A DEZEMBRO DE 1984**

Vou contar a história desde o começo, desde antes de chegar ao Japão como bolsista.

Em 1983 eu lecionava na Fatec (Faculdade de Tecnologia de São Paulo) e trabalhava como engenheiro na Sabesp. O coordenador do curso na Fatec era o Prof. Kokei Uehara, que, numa das reuniões do Departamento de Hidráulica, falou para nós:

“Vocês precisam buscar expandir seus conhecimentos não só através dos livros no Brasil. Estamos atrasados. Vocês têm que visitar o Primeiro Mundo e ver o que fazem lá. Precisam ver a modernidade, a tecnologia. É preciso conhecer um outro mundo mais desenvolvido, pois como vocês vão ensinar só lendo livros? Isso é insuficiente.”

Me toquei que precisava mesmo disso que ele estava falando. Mas como conseguir um curso no exterior?

O Prof. Kokei disse que havia um curso no Japão, e que era para eu ir ao Consulado do Japão e dizer que queria fazer o curso. Então, sem saber nada e sem nunca ter estado no Consulado, inexperiente, fui sem agendar uma visita. Me falaram para eu falar com uma pessoa chamada Hiro Lia, mas naquele momento ela não estava, tinha saído. Fiquei aguardando.

Quando Hiro Lia chegou, assustou-se. E me perguntou:

“O que faz aqui?”

“Queria saber como conseguir a bolsa para estudar no Japão”, respondi.

“Fez agendamento?”

“Não. Só vim perguntar como é.”

“Tinha que ter agendado. Mas já que está aqui, vamos conversar. Não sei se vai gostar do curso, porque não é para professores de faculdade. É para engenheiros. E pode ser que já exista esse tipo de curso aqui no Brasil.”

Mas eu me lembrei do que falou o Prof. Kokei e contei a ela. E ela disse:

“Então você pode se candidatar. Mas não podemos enviar a proposta pessoalmente a você. Tem que ser através da Sabesp, e a instituição te indica para o curso. É o que fazemos todos os anos: enviamos a proposta do curso à Sabesp.”

Nem isso eu sabia. A Sabesp tinha mais ou menos mil engenheiros e algum era escolhido a cada ano.

Chegou o convite à Sabesp. Me avisaram. Eu já tinha avisado que estava interessado e contado ao Paulo Soichi Nogami, que era superintendente de planejamento e que cuidava das bolsas, sobre a minha conversa com a Hiro Lia. O Paulo me disse que eu seria um dos pretendentes. Assim, continuei a trabalhar na fiscalização de obras de esgoto.

Com o convite, me disseram para preparar meu currículo e encaminhá-lo para

análise da diretoria. Havia quatro candidatos. Era a época em que o Franco Montoro assumiu o governo de São Paulo. Toda a diretoria da Sabesp tinha sido mudada. Eram outras as pessoas.

Um dia, um diretor novo de engenharia me disse:

“Examinamos o seu currículo. Está ótimo, mas tem um outro com o currículo melhor. Provavelmente o outro irá.”

Conversei com o Prof. Uehara. Disse a ele: “Acho que vai um outro para o curso no Japão.”

O professor me disse: “Não se preocupe. Quem decide é Deus. Se Ele achar que você tem mais merecimento, você vai.”

Fiquei sem saber o que responder. Praticamente estava descartada a minha chance.

Mas no final do mês de julho, a Hiro Lia ligou diretamente a mim e me disse que meu currículo tinha sido aprovado, e que eu tinha que me preparar para viajar no começo de setembro.

“Precisamos de seus documentos, passaporte, atestado de proficiência em inglês.”

Eu fazia um curso particular de inglês e achei que só aquilo não ia resolver. Então me inscrevi na Alumni. Pedi licença do trabalho e estudei inglês por um mês para melhorar minha proficiência. Estudei feito maluco para não fazer papelão.

Soube também que fui aprovado porque o outro candidato desistiu. Como eu era o segundo colocado, fui chamado.

Me preparei e preparei também os documentos em um mês.

Foi minha primeira viagem ao exterior. Foi fantástico!

Uma vez no Japão, minha emoção foi muito grande. Chegando lá, fui vendo coisas que para mim eram familiares, pois fui criado

com costumes japoneses. Não senti nenhum choque nem nada estranho. Pelo contrário, me familiarizei rapidamente com a comida e a língua.

O curso foi maravilhoso. Fiquei entusiasmado com o curso e a cultura japonesa, a forma de os japoneses viverem, a obediência aos horários, a educação. Tudo o que vi ajudou a modificar a minha personalidade, pois eu era acostumado ao Brasil, com tudo “mais ou menos”. Lá, vi que tudo funcionava por causa do povo que cumpre o que fala, e me impressionei muito.

Fiz um treinamento na área de Técnicas de Tratamento de Esgoto, em Tóquio, por 3 meses, de setembro ao início de dezembro de 1984. Durante o treinamento, também fazia viagens. Assim, encontrei um tio que morava em Osaka e uma tia que morava em Kyoto.

Quase no final do curso, houve uma festa de confraternização com todos os bolsistas. Encontrei uma pessoa com quem conversei por quase 1 hora em inglês, pois não sabia qual era a sua língua de origem. Até que ele falou uma palavra em português e vi que era brasileiro, *nikkey*, e do IPT. Ri muito.

Tive colegas da China, Coreia do Sul, Cingapura. Pareciam todos brasileiros. Pitoresco! Fiquei maravilhado com o carinho que recebi.

E depois de terminar o curso, fiquei por conta própria no Japão por mais um mês para passear e visitar meus parentes maternos e paternos em Wakayama. Meus pais se correspondiam com eles. Então os conhecia por fotos e cartas.

Mas naquele mês final, encontrei primos e outros parentes com os quais nunca tinha conversado. Era pela primeira vez, tudo era novidade e foi emocionante. Senti que foi importante ter aprendido japonês, apesar de pouco, para poder conversar. E consegui

conversar e conviver com eles.

Quando voltei ao Brasil, vim com outra cabeça. No início as pessoas estranhavam minha atitude pois eu queria ser como os japoneses. Procurava cumprir o que falava. Até com relação aos trajés eu mudei. Antes eu andava meio desmazelado. Depois, paletó e gravata. A influência foi também na minha maneira de ser.

Mas com o tempo, vi que muitas coisas não eram necessárias. O paletó e gravata não eram sempre necessários, por exemplo, numa obra.

O curso no Japão também serviu para ver pela primeira vez que a tecnologia de tratamento de esgoto realmente funciona. A água preta passa pelo tratamento e sai uma água cristalina. Toda a sujeira, ou um lodo de poluentes, forma um tipo de massa prensada que com o tempo se mineraliza.

Só que é necessário ter estação de tratamento. Em São Paulo o esgoto flui pelo Rio Tietê e Pinheiros porque o governo, ou a Sabesp, ainda não foi capaz de separar o esgoto da água do rio. Isso acontece no Brasil em geral. Se conseguisse separar, tudo o que vi no Japão seria possível ser realizado aqui também. O único problema que vejo é a dificuldade de separar a água do rio e dos córregos do esgoto. E não se pode separar porque as casas estão construídas na beira do rio e muitas delas lançam diretamente dejetos do fundo do quintal para os rios.

É preciso fazer um coletor de esgoto nas casas, mas isso é muito difícil porque o espaço entre as casas e o rio é pequeno. Ou ainda, o terreno é caro e não há condições de desapropriar a faixa. São milhares de casas. Sem dinheiro, continua até hoje havendo descarga de esgoto nos rios. Temos estações de tratamento em São Paulo, só que o esgoto que chega nelas não é nem a metade do

existente. Isso também acontece em outras grandes capitais.

Enquanto não se separar totalmente o esgoto da água do rio, que é um processo caro, o problema continua. Minha frustração é ter convivido com esse problema sem ter podido contribuir para a solução, apesar do meu conhecimento adquirido no treinamento no Japão. O curso me deu uma boa ideia da questão. Eu aprendi muito, mas sua aplicação foi bastante restrita.

Mas voltando ao Brasil, agradei à diretoria da Sabesp e fui agradecer à Hiro Lia e contar tudo sobre a viagem, falar que valeu a pena. Ela disse:

“Tenho certeza que essa bolsa estava reservada para você. Agora você tem que se manter ligado aos ex-bolsistas. Tem um moço chamado Tachibana que é entusiasmado e está tentando montar uma associação. Você tem que conhecê-lo e fazer amizade com ele, e ajudar de alguma forma.”

Fui atrás do Tachibana no IPT. Conversamos e ele me convidou para fazer parte desse grupo. Encontrei o Alberto Tomita, o Tiaki Kawashima, o Sussumu Niyama, o Capitão Marino do Corpo de Bombeiros, o Marcondes da antiga Telesp. Eram cerca de 10 pessoas. A Norma Shibazaki também estava nesse grupo. Eu já a conhecia antes da viagem e ela já havia me dado dicas de o que levar ao Japão.

Ficamos um ano nos reunindo para bolar a estrutura da associação. Pensamos no logotipo e talvez o Tachibana foi quem propôs o que foi adotado, assim como o nome “ABJICA”.

A primeira gestão teve o Alberto Tomita como presidente e eu como tesoureiro. O secretário acho que era o Kawashima, e ficamos, creio que de 1984 a 1992. Então houve renovação, e depois o Tachibana se

tornou presidente. Eu me afastei porque me aposentei em 1994 e o *Kodomo-no-Sono* (Associação Pró-Excepcionais) me convidou para ajudar na sua diretoria, onde permaneço até hoje, e sou o diretor-presidente.

Na ABJICA tem muita gente nova que não conheço mais. Mas quando eu estava na diretoria, ficava sabendo de todos os engenheiros da Sabesp contemplados com a bolsa e ia atrás deles, um por um, até intimando-os para participarem do *Bonenkai*. Assim, muita gente participava. Pela primeira vez, havia quase 10 pessoas só da Sabesp no *Bonenkai*. Hoje a Sabesp tem mais de 50 ex-bolsistas, mas não sei dos mais recentes.

Como a nossa era a primeira diretoria, o esforço era para juntar pessoas. Também houve um Seminário muito bem concorrido e muito bem organizado, com dois tradutores simultâneos, em 1987 ou 1988, na Cetesb, sobre Meio Ambiente, com técnicos do Japão como palestrantes e com a presença do Secretário do Meio Ambiente.

Além disso, fazíamos encontros uma vez por ano, no meio do ano, e era muito agradável, permitindo fazermos amizade com muitos colegas ex-bolsistas.

Logo fiquei com saudades do Japão. Mas tinha dificuldade de escrever cartas em japonês. Então comecei a fazer um curso de japonês e hoje já tenho até o *ihkyu* de proficiência e me comunico com as pessoas do Japão.

Minha mãe, depois do meu retorno, me contou que todos os seus filhos foram registrados como japoneses em Bauru, onde havia um vice-consulado. Depois que eu voltei, ela foi a Wakayama, e foi ao cartório, e encontrou meu registro, tirou cópia e trouxe. Achei que essa era mais uma razão para eu estudar japonês. Agora tenho também um passaporte japonês, onde se diz que Taniguti Shin-ichiro é o mesmo José Taniguti.

O curso no Japão foi uma abertura dos portos para mim. Me mostrou um outro mundo que eu não conhecia. A amizade e o relacionamento com pessoas do Japão me fez interessar em me aprofundar no japonês. Hoje leio mais livros em japonês do que em português.

Em 2012 fui ao Japão como diretor-presidente do *Kodomo-no-Sono* para convidar associações de lá a virem à comemoração de seus 55 anos. E vieram!

Também sou vice-presidente do *Wakayama Kenjinkai* e minha proficiência em japonês tem sido muito útil para me relacionar com o governo daquela província.

Com a bolsa de estudos da JICA, o ganho não foi só profissional, mas um ganho para a vida.

*Jose Shin-Ichiro Taniguchi e o Kodomo-no-Sono*



## MAURO AKERMAN

**CURSO GLASS TECHNOLOGY**

**PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 1988**

**G**ostaria de partilhar minha experiência com a JICA nesta expressiva comemoração.

Particpei em 1988, de janeiro a março, do treinamento “*Glass Technology*” em Osaka.

Na época eu já trabalhava com vidro e este treinamento me ampliou a visão sobre o assunto, assim como me tornou definitivamente apaixonado por ele. A convivência no Japão com seu povo e sua cultura também definitivamente colaborou para o meu crescimento pessoal.

Não menos importante foi a convivência com pessoas de realidades tão diversas da minha. Éramos nove, e eu, o único das Américas. Havia representantes da China, Bangladesh, Indonésia, China, Camarões, Maláui e Iraque.

Há cinco anos, após trinta anos de trabalho naquele que foi o meu primeiro emprego numa das maiores vidrarias brasileiras, deixei-o para me tornar um consultor independente na área, podendo atender mais empresas e também realizando um antigo sonho: oferecer treinamentos abertos em vidro. Criei a “Escola do Vidro” em parceria com a Associação Brasileira de Cerâmica (ABCeram) e a Associação Técnica Brasileira das Indústrias de Vidro (Abividro).

Quando retornei do estágio no Japão, entusiasmado, comentei sobre ele com um

amigo, então jovem professor da Escola Politécnica da USP, que, no ano seguinte, se candidatou e foi aprovado para o mesmo treinamento. Muitos anos depois este mesmo professor me orientou em minha tese de doutorado naquela escola, sempre focando o vidro, e hoje é meu parceiro na Escola do Vidro, onde procuramos aproximar academia e indústria.

Gostaria de também parabenizar os colegas da ABJICA pela magnífica iniciativa.

**Mauro Akerman, na casa do professor responsável pelo curso com suas filhas vestidas a caráter**



## NOZOMU MAKISHIMA

**CURSO CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA**

**PERÍODO 1989**

**S**ou engenheiro agrônomo e trabalhava como pesquisador no CNPH – Centro Nacional de Pesquisas em Hortaliças – da Embrapa.

Em 1989, participei de uma viagem ao Japão, fruto do convênio de cooperação técnica entre os governos brasileiro, através da Embrapa, e japonês, através da JICA.

O convênio possibilitou a aproximação de pesquisadores de ambos os países e a troca de informações relevantes sobre metodologia de trabalho, planejamento de pesquisas e difusão das tecnologias geradas.

Foi minha segunda viagem ao Japão, e em 20 dias passei por diversas cidades. Visitei vários centros e institutos de pesquisa, a sede do Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca e uma empresa produtora de sementes. Estabeleci contatos importantes que me ajudaram a organizar novos projetos de pesquisa aqui no Brasil.

A experiência foi altamente enriquecedora, tanto do ponto de vista profissional quanto do ponto de vista pessoal.

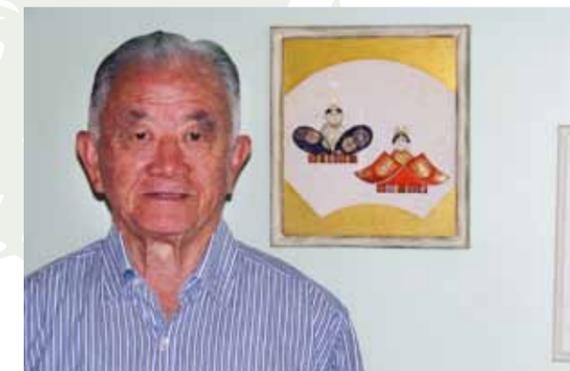
Como descendente de japoneses, foi uma grande satisfação poder voltar à terra de meus antepassados e conhecer um pouco mais da cultura deles.

Meus pais imigraram para o Brasil em 1928 e como agricultores construíram uma vida próspera longe de suas origens.

Foi com grande orgulho que, ainda que por poucos dias, pude fazer o caminho de volta como profissional e honrar a memória deles.

Agradeço à JICA por ter me proporcionado esta grande oportunidade.

**Nozomu Makishima, no Brasil**



## GENESSI FRANZONI

### CURSO MEASURES FOR SMALLER INDUSTRIES

#### PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 1990

Diferentemente da maioria dos técnicos que participaram de treinamento no Japão via JICA, o meu caso foi para obter conhecimentos em organização de cursos da JICA, visando a implementação de cursos no âmbito do TCTP (*Third Country Training Program*) no Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Como eram os primeiros dos TCTP's no Brasil, não havia experiência anterior.

O convite para participar da organização destes cursos e possível viagem ao Japão me remeteu imediatamente à minha infância em Tupã – SP, onde morava vizinho da Igreja Budista da cidade, que também funcionava como o *Kaikan* local.

A cidade é conhecida por ser uma grande colônia *nikkey* até hoje. Muitas festas tradicionais me chamavam a atenção, pela música, dança, culinária... Tudo muito diferente e fascinante.

Meu interesse pela cultura japonesa vem desta época, e então uma viagem ao Japão seria a concretização de um sonho, que poucos brasileiros conseguem realizar. Para um *gaijin* terceiro-mundista e subdesenvolvido no Japão, tudo era maravilhoso, desde a impecável programação e organização dos cursos até as maravilhas tecnológicas da época e a segurança de poder andar nas ruas a qualquer horário, sem medo de ser assaltado.

Uma médica brasileira que estava

fazendo um curso de um ano em Osaka, e que nos dava dicas sensacionais, sugeria viagens de final de semana à Kyoto, pela proximidade e pela possibilidade de visitar mais de dois mil templos budistas e shintoístas. Nas palavras dela, “em um ano, se você visitar cinco templos por dia, não será suficiente para conhecer todos; o Japão antigo, tradicional, é lá”.

Conhecemos muitas cidades, de Tóquio a Nagasaki, em viagens de estudos e passeios de finais de semana. E Kyoto foi certamente a mais visitada e mais apreciada.

Já um colega de curso, *nikkey* peruano, afirmava que, após três meses no Japão, antes de regressar aos nossos países, deveríamos ter um período de adaptação, ou quarentena, ficando alguns dias em Los Angeles ou Nova York, para readaptação e volta ao nosso subdesenvolvido mundo.

Uma história corrente entre os brasileiros no Japão era de um conterrâneo que ficava impressionado com os japoneses, tão educados, acolhedores, trabalhadores, que dormiam muito nos trens de metrô, mas que acordavam exatamente na estação onde queriam descer. Então foi perguntar à sua mestre coordenadora do curso como aquilo era possível. Como os japoneses têm esta capacidade de autocontrole? A *sensei* sorriu e disse que os japoneses trabalham muito, então aproveitam o tempo no transporte

para dormir. Quando acordam, e se já passou a estação que queriam desembarcar, tranquilamente descem na próxima estação e pegam um trem de volta ao lugar desejado.

Voltando ao nosso Brasil, participei da ABJICA como diretor do Departamento Editorial, e minha principal atribuição era a edição trimestral do boletim “São Paulo Kenshu-in”, atividade que, até o 2º trimestre de 1996, foi desenvolvida brilhantemente pelo Dr. Luis Massuo Maruta, na gestão do

presidente Seigo Tsuzuki. A partir do terceiro trimestre de 1996, foram então 51 edições do boletim.

A edição de número 77 do boletim, de 5 de dezembro de 2009, foi a última impressa, celebrando os 25 da ABJICA e 50 anos da JICA no Brasil. Por sugestão da JICA, a partir de então, passamos a divulgar as notícias da associação em meios eletrônicos, para economia de papel.

Participantes do curso em visita ao mercado de Osaka



## MARCO PALERMO

### CURSO CONTROLE DE RIOS TORRENCIAIS

#### PERÍODO 1990

**E**m 1990 tive a oportunidade de ser contemplado com uma bolsa da JICA para desenvolver um curso individual sobre Controle de Rios Torrenciais.

Este tema, muito conhecido no Japão, por ser um país de relevo íngreme, carecia de desenvolvimento no Brasil. Apesar de poucos se darem conta deste fato, o Brasil possui muitos rios em regime torrencial, particularmente na Serra do Mar.

Por conta do Programa de Restauração da Serra do Mar em Cubatão, desenvolvido em cooperação pelos governos do Brasil e do Japão entre 1985 e meados dos anos 1990, recebemos uma missão de especialistas do Japão para preparar um Plano Diretor para Controle de Deslizamentos e Inundações nas encostas da Serra do Mar, em Cubatão.

Na ocasião, eu era Engenheiro do DAEE, Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, lotado na Diretoria da Bacia do Alto Tietê. Trabalhava desde 1985 no referido Programa.

Como contraparte técnico da missão japonesa, após termos recebido o apoio da consultoria proporcionada pela JICA, fui convidado para realizar o mencionado curso, que foi muito proveitoso, tendo possibilitado inclusive a conclusão de minha dissertação de mestrado na Escola Politécnica da USP, no tema de controle de rios torrenciais.

A ida ao Japão, país que acabei por visitar a trabalho mais duas vezes, nos anos de 1992 e 1993, foi importantíssima para o meu aprimoramento profissional e cultural.

A dimensão de civilidade, a educação e o respeito ao ser humano são marcas que me impressionaram no Japão, distinguindo-o de todos os países que havia visitado até então.

De toda a minha estadia como bolsista da JICA, não tenho uma lembrança do Japão que não seja de sincera cordialidade e respeito recebido do seu povo.

Tive o privilégio de receber uma orientação que, além da notável qualidade técnica, incorporava aspectos da cultura japonesa. Possuía um orientador exclusivo em tempo integral, que me acompanhava diariamente em todas as atividades. Visitei obras de controle de rios torrenciais em diversas províncias, e, ao final, recebi com orgulho importante certificado emitido pela JICA e pelo Ministério da Construção do Japão.

Considero essa experiência como a mais importante de minha vida de mais de 30 anos de formação profissional. As lembranças daqueles dias são as melhores. Espero um dia poder retornar a esse grande país, irmão do Brasil no Extremo Oriente.



## DORCAS DOMINGUES

**CURSO RIVER AND DAM ENGINEERING**

**PERÍODO JULHO A NOVEMBRO DE 1990**

Como engenheira da Diretoria da Bacia do Alto Tietê, do Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), participei do Estudo de Prevenção dos Desastres Naturais, da Restauração da Serra do Mar e do Projeto Serra do Mar na Região de Cubatão - SP, em conjunto com a Equipe Técnica da JICA, SMA, Secretaria da Agricultura, IPT e IBT, de 1987 a 1990.

Após a finalização deste projeto, candidatei-me e fui selecionada a uma bolsa no Japão patrocinada pela JICA na área de Hidráulica Fluvial - *River and Dam Engineering*, em Tsukuba, no ano de 1990.

Neste período, tive muitas experiências tanto na área técnica como também na cultural. Conheci muitas cidades do Japão. No norte, visitei as cidades de Hokkaido, que jamais esquecerei, pois mostrou-me um lado dos japoneses que eu desconhecia. Encontrei pessoas alegres, sentadas em praças, sorridentes e simpáticas, com uma pecuária ativa. Cheguei a ver vacas em pastos. Visitei outros locais, como as cidades localizadas ao redor do Monte Fuji.

O meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi sobre o controle de deslizamentos "*Flood Control*", onde pude observar as medidas preventivas para a "corrida de lama", com obras estruturais sem prejudicar a vegetação existente.

Visitei prefeituras no interior do Japão para verificar quais os tipos de obras são utilizados para controle de inundações e também para conhecer muitas barragens.

Em Yokohama, participei do Seminário Internacional de Desastres Naturais (INDRR) e também da Cerimônia do Chá. Foi uma experiência ímpar, pois a minha participação desde o início até o final contou com todos os protocolos da cerimônia.

Fiz amizade com os coordenadores, participantes e também bolsistas de outros cursos. Por muitos anos mantive contato com pessoas do curso. E após 20 anos, ainda mantenho contato com 3 pessoas: Gul Esiyok, da Turquia, Yuruary Escobar, da Venezuela, e Gerardo Noé Cisneros, do Peru.

Estas experiências foram muito gratificantes, principalmente pelo contato com bolsistas de vários países como Tailândia, Filipinas, Egito, Bolívia, Peru, Irã, Índia, Nepal, Venezuela, México e outros, quando pude vivenciar a diversidade de culturas.

Em Tóquio tive a oportunidade de encontrar-me com os técnicos da JICA que trabalharam comigo no projeto da Serra do Mar, o Nobe-san e o Kato-san, e lembro-me que passamos um dia muito agradável, quando me levaram para conhecer alguns locais turísticos, pela visão dos japoneses.

Voltei do Japão muito agradecida pela oportunidade que recebi, também fascinada com a cultura japonesa e admirada pela forma com que os japoneses conciliam a modernidade com a sua tradição milenar.

Dorcas Domingues



## MARIA LUIZA COSTA PASCALE

**CURSO ELECTRONIC DATA PROCESSING FOR GOVERNMENT INFORMATION ACTIVITIES**

**PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 1990**

**T**ecnologia da Informação e Comunicação, Informática ou apenas Processamento de Dados? Nos anos 1990 não se falava em Governo Eletrônico. O curso oferecido pela JICA era sobre *Electronic Data Processing for Government Information Activities*. Mas não importa o nome. Já se fazia muito com a tecnologia disponível.

Como que num sonho, recebi a notícia informando que eu havia sido selecionada para o curso. E quando desliguei não tinha mais certeza do que havia sido dito pela funcionária da JICA. Tive que ligar de volta para confirmar se era mesmo verdade.

Depois disso, entrevistas com o nosso estimado Sasaki-san na JICA e a saudosa Hiro Lia no Consulado do Japão, que cuidavam para que tudo fosse impecável na participação dos bolsistas brasileiros.

O Japão, além de ser um ideal quase impossível para nós, brasileiros, já que fica literalmente “do outro lado do mundo”, representava também o sonho de viver a ficção científica na prática.

Para os participantes do curso, vindos de países em desenvolvimento, o que foi mostrado superava em muito a nossa capacidade de compreensão. O país, sempre à frente em termos de tecnologia, nos acolheu de forma amorosa, apresentando, com humildade e total paciência para com nosso desconhecimento

e assombro, os avanços obtidos – telefones com vídeo, reconhecimento de imagem e voz, tradução automática de frases inteiras do japonês para o inglês, alemão e espanhol, robôs capazes de manter uma conversa coerente com os visitantes do *Tsukuba Center* ou ainda de segurar um ovo sem quebrar, TVs com telas planas e toda uma parafernália tecnológica miniaturizada para resolver o problema de espaço das casas japonesas.

Hoje isso parece trivial, mas estávamos então em 1990, praticamente 25 anos atrás, e essas coisas já faziam parte da realidade japonesa.

Ao lado das maravilhas tecnológicas e futuristas e da modernidade dos bairros de Akihabara, Harajuku, Shinjuku e Ginza, vivemos também a cultura milenar do respeito, silêncio e sobriedade dos japoneses, e a sofisticada simplicidade de sua arquitetura, dos seus templos, das cerimônias de chá, da cultura dos samurais e do zen-budismo, da arte tradicional dos ikebanas, dos *origamis* e do *sumiê*, do teatro Nô e Kabuki, entre outras tradições.

Uma lição para toda a vida!



## SUNAO SATO

**CURSO BIOQUÍMICA; BIOTECNOLOGIA INDUSTRIAL MOLECULAR; DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS**

**PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 1990; DEZEMBRO DE 1995 A FEVEREIRO DE 1996; MARÇO DE 2005**

Meu primeiro contato com a JICA foi em 1977, quando era bolsista em Osaka, do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão (*Monbukagakusho*), e ensinei português para trabalhadores técnicos japoneses que viriam trabalhar no Brasil.

Em 1990 fui ao Japão a convite da JICA com um grupo de professores e pesquisadores brasileiros, e assim começou a relação entre os pesquisadores *nikkeis* e o Japão. Após as nossas visitas, a JICA ofereceu uma recepção em Tóquio, à qual compareceram os convidados brasileiros, os pesquisadores japoneses e os dirigentes da JICA.

No dia 14 de agosto de 1992, no campus da USP-Butantã, foi criada a SBPN, então Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis, e hoje, Associação Brasil-Japão de Pesquisadores. A SBPN foi criada por pesquisadores *nikkeis* que, na ocasião, apresentavam uma produção científica bastante significativa. Neste contexto, a participação e o apoio da JICA-Brasil foram decisivos. Constituiu-se a primeira diretoria da SBPN, tendo como seu presidente o Prof. Shiguo Watanabe.

No período de 15 de janeiro a 30 de março de 1990 participei do Programa Individual de Treinamento na área de “Bioquímica” na Faculdade de Ciências da

Universidade de Hiroshima, com o Prof. Shiro Nagai, desenvolvendo o projeto de microrganismos fotossintetizantes (*Chlorella vulgaris*). O Prof. Nagai se entusiasmou com o projeto e colaborou intensamente, acompanhando-me nas visitas às diversas instituições e empresas privadas do Japão. Mais tarde, seu orientado concluiu sua dissertação de mestrado nesta área.

No período de 7 de dezembro de 1995 a 26 de fevereiro de 1996, como bolsista da JICA, participei do Curso de Treinamento de Pesquisadores em “*Biotechnology Industrial Molecular*”, na Universidade de Osaka, onde, na década de 1970, tinha sido estagiário do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão (*Monbukagakusho*), na Faculdade de Engenharia, nos laboratórios de Bioengenharia do Prof. Shuichi Aiba. Esse contato resultou na vinda dos professores Tadayuki Imanaka (Universidade de Osaka) e Massaru Iizuka (Universidade Cidade de Osaka) ao Brasil, estagiando em nossos laboratórios da USP.

No período de 9 de março a 18 de março de 2005 participei do Programa de Treinamento Técnico para Perito *Nikkey* no campo de “Desenvolvimento de Recursos Humanos” na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Kitasato e no Hospital Universitário – “*Tokyo Medical*

*and Dental*”, da Faculdade de Medicina. O programa objetivava discutir a relação e a comunicação entre a sociedade japonesa e as comunidades *nikkeis*.

Participei da Comissão de Avaliação de Projetos da JICA-Brasil e visitei, como assessor na área de saúde, países como Paraguai, Bolívia, Peru e Equador, para avaliação de projetos dos países latino-americanos. Também pude participar de comissões de avaliação de candidatos às bolsas de treinamento da JICA para pesquisadores *nikkeis* nas instituições japonesas.

No intercâmbio com a JICA, recebemos o apoio em diversos projetos da SBPN, como

no caso do envio de peritos *nikkeis* para países latino-americanos e para países africanos de língua portuguesa. Também recebemos apoio na organização e realização de Encontros Anuais da SBPN e nos Simpósios Internacionais Brasil-Japão de Pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento. Sempre houve uma participação intensa dos dirigentes da JICA de São Paulo e de Brasília nestes eventos.

Assim, gostaria de deixar registrado os meus mais sinceros agradecimentos pelas oportunidades que tive e que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional, acadêmico-científico e pessoal.

Sunao Sato ao lado de artista com instrumento Koto, típico da cultura japonesa



## ALVARO BOTTINI DOS SANTOS

### CURSO ENGENHARIA DE RIOS E BARRAGENS

#### PERÍODO AGOSTO A DEZEMBRO DE 1991

Como esquecer uma experiência tão forte como foi minha participação no curso! Vinte e dois anos se passaram e muitas experiências vividas jamais se apagaram de minha mente.

Conhecer pessoas de várias partes do mundo foi extremamente enriquecedor, sendo que algumas delas me marcaram para sempre.

Na viagem entre Nova York e Narita, me sentei numa poltrona e, ao conversar com a pessoa ao lado, descobri que era um engenheiro de Brasília e fez um curso no instituto ao lado do meu.

No dia da chegada ao TBIC (Tsukuba International Center), eu, como qualquer latino, comecei a conversar com todos em volta. De repente um japonês alto e forte perguntou se eu era o Santosu-san (Sr. Santos), e quando confirmei que era eu mesmo, ele me pegou pelo braço e atravessei todo o salão até ele me informar: “fique aqui”.

Uma palestra fantástica foi sobre a diversidade do planeta, seus idiomas e dialetos, seus costumes e características - 3000 línguas diferentes. Foi incrível. E descobri que o Japão tem uma orla marítima (contornando todas as ilhas) aproximadamente igual à orla marítima do Brasil, de cerca de 7000 km.

Na apresentação durante a IDNDR (Década Internacional de Redução de Desastres Naturais), o colega de Bangladesh

informou que uns dias antes tinha ocorrido uma catástrofe em seu país que matou mais de 135.000 pessoas.

Nesta reunião, eu quis enfatizar que o Brasil é um país abençoado por Deus em termos de não ter desastres naturais importantes, mesmo com toda esta superfície de 8,5 milhões de km<sup>2</sup>, que as inundações urbanas eram causadas por total falta de investimentos e os recursos públicos e privados eram corroídos pela inflação galopante.

Conheci pessoas maravilhosas com quem compartilhei experiências e emoções, conhecimentos e costumes, sendo que eu posso dizer que minha vida teve um divisor de águas, antes e depois do Japão, esta nação que me acolheu como um embaixador do Brasil, dedicando cada minuto ao meu aprendizado, garantindo minha segurança e estadia de maneira impecável. Agradeço sempre com todo o respeito que este povo merece.

A primeira vez que toquei numa maçã envolta em uma proteção de isopor, recebi uma reprimenda de uma senhora japonesa, que informou que, se estava vendendo uma fruta, é porque ela estava perfeita e ninguém precisava ficar escolhendo e apertando cada uma delas. Foi embaraçoso, porém elucidador.

Voltando ao Brasil, senti a necessidade de tentar retribuir um pouco do tanto que recebi no Japão. Então participei por muitas

gestões da diretoria da ABJICA, da qual tenho excelentes recordações. Sinto não poder fazer mais pela associação, uma vez que, vivi e trabalhei por vários anos na República Dominicana, como atualmente estou vivendo e trabalhando no Panamá.

Muito obrigado JAPÃO (*Domo arigatô gozaimasu NIHON*).

Álvaro Bottini dos Santos



## MARISE MOURA DABUL

**CURSO FOREST MANAGEMENT AND PLANNING**

**PERÍODO AGOSTO A NOVEMBRO DE 1994**

Quando meus três filhos me perguntam sobre o Japão, imediatamente minha memória traz inúmeras vivências de um período de muito aprendizado e de muita alegria. E elas vem com um gosto de saudade e de um profundo respeito pelo povo japonês.

Meus filhos adoram escutar sobre esta linda experiência vivida no Japão em 1994 e eu ainda me recordo com incrível nitidez daqueles grandes momentos durante os 3 meses e meio em Hachioji, perto de Tóquio.

Na época em que eu trabalhava no Instituto de Botânica do Estado de São Paulo, tive a felicidade de ser escolhida para um curso de “Planejamento e Manejo Florestal no Japão” com uma bolsa da JICA. Recordo que fiquei felicíssima com o convite e não fazia ideia do que ocorreria durante minha estadia lá do outro lado do mundo. Sabia, é claro, de todo amparo e planejamento do curso que seria proporcionado pela JICA, e por isso não tive receio.

E todas as minhas expectativas foram superadas!

O voo pela JAL, o curso na escola de formação profissional em ciências florestais em Takao, as hospedagens, aulas de japonês, visitas de estudo e passeios turísticos não só por Tóquio, mas também por cidades tão distantes como Sapporo, Nagoya, Hiroshima, Kyoto...

Também pudemos conhecer diferentes

organizações governamentais japonesas e internacionais que trabalhavam com florestas e seus produtos.

Ah, não posso poupar elogios à JICA que nos proporcionou sempre o melhor do começo ao fim! Tudo foi planejado e executado de forma impecável, como é de se esperar desse povo tão especial! Éramos sempre bem-vindos, respeitados, mimados e atendidos em todos os nossos anseios de conhecimento da área florestal daquele país.

Uma passagem interessante que vivi foi em um dia de excursão de estudo em uma área florestal nativa. Estávamos avaliando como aproveitar áreas florestais para uso em recreação e educação ambiental. Na hora do almoço todos os bolsistas e professores pararam para comer numa área destinada a piquenique. Depois de lanchar, fiquei observando um grupo de estudantes de uns 10 anos de idade que também foram ali para comer. Fiquei abismada com a educação e a maneira tão diferente como faziam a refeição. Todos estavam divididos em pequenos grupos de crianças e cada grupo esticou uma toalha grande no chão. Então, eles tiraram seus sapatinhos e os colocaram cuidadosamente fora da toalha. E todos comiam seus lanches – que vinham em maletinhas – que eram bolinhos de arroz e outros alimentos preparados com carinho pelas mães.

Depois do almoço, eles foram chegando devagarinho, acenando com as mãos para nós e dali a pouco estávamos todos brincando e conversando. Eles estavam super curiosos com nosso bando de estrangeiros!

Outra alegria era ver os velhinhos muito simpáticos com seus chapéus e bengalinas andando pelos caminhos do parque! Pensei: como este povo curte estar em contato com a natureza, desde as crianças até os mais velhos! E que respeito têm, porque não via nenhuma sujeira no chão!

A volta para o Brasil foi difícil, o coração ficou apertado... Mas já em São Paulo, fui procurar a ABJICA, pois queria manter contato com os colegas bolsistas e ajudar esta

associação, como agradecimento por tudo o que recebi. Tive o grande prazer de trabalhar na ABJICA durante alguns anos e de compartilhar muitos bons momentos ao lado de sua diretoria, amigos que jamais esquecerei, mesmo vivendo agora no exterior.

Muito obrigada à JICA e ao governo japonês por esta grande experiência em minha vida! E à ABJICA, reunindo amigos há 30 anos! Seu trabalho sempre foi muito importante para o entrosamento dos bolsistas, para a valorização dos trabalhos desenvolvidos por eles, e também por ser um braço de apoio à JICA no Brasil.

Vida longa à ABJICA!

Marise Moura Dabul, no local onde reside em Ciboure, França



## SILENE CRISTINA BAPTISTELLI

**CURSO GESTÃO DE QUALIDADE DA ÁGUA – POLÍTICAS, PLANEJAMENTO E  
TECNOLOGIA PARA CONTROLE DA POLUIÇÃO.  
PERÍODO AGOSTO A OUTUBRO DE 2001**

Os assuntos mais interessantes e que mais me impressionaram no curso realizado no Japão foram com relação ao tratamento avançado dos esgotos em todas as indústrias visitadas, o sistema de reúso no centro de Tóquio (*Shinjuku*), o sistema de reúso em prédio comercial, o monitoramento do Lago Biwa, o centro de tratamento de lodo, a preservação dos rios Tama e Arakawa e a aplicação da legislação vigente.

Um dos aspectos mais impressionantes que vi é a consciência de preservação do meio ambiente da população. Isso é visível nas ruas, no metrô, nos parques. E durante o curso, fica claro que isso é também por parte dos governantes. O envolvimento da comunidade nos programas de recuperação ou preservação ambiental é fator fundamental para o seu sucesso.

O curso teve uma organização impecável! Desde os preparativos aqui no Brasil para a chegada ao Japão, as aulas, as visitas, os horários, tudo é minuciosamente organizado para um bom aproveitamento da estadia do aluno no Japão.

As acomodações no TIC (*Tokyo International Center*) são excelentes, com quarto individual com banheiro, televisão, armários e cama limpa. A comida é bem variada, e, embora se estranhe um pouco os temperos, percebe-se que eles tentam agradar

os participantes de todos os países. Cabe lembrar que, no TIC, estão pessoas de todas as partes do mundo, com costumes e gostos bem diferentes uns dos outros.

Quanto aos colegas de curso, foi muito enriquecedora a convivência diária com pessoas de outros países. Pude perceber que embora tivéssemos costumes, princípios, religiões e modos de vida diferentes, no dia a dia éramos simplesmente estudantes em outro país, e em nenhum momento houve qualquer problema de relacionamento. Pude conhecer um pouco dos costumes, princípios, religião e modo de vida destes colegas.

O povo japonês é extremamente educado, hospitaleiro e muito trabalhador. São pessoas ótimas! Principalmente em Tóquio, onde a maioria das pessoas entende o idioma inglês, o estrangeiro é muito bem recebido. Sempre que procurei por qualquer informação, os japoneses estiveram prontos para me ajudar.

No dia 11 de setembro, quando aconteceu o atentado em Nova York, fiquei muito assustada. O meu maior medo era se ocorresse uma Guerra Mundial e eu não pudesse voltar para casa. Mas logo o medo foi passando. Os japoneses são muito sutis e não demonstravam grande preocupação. No TIC o companheirismo entre os residentes e os amigos brasileiros fez com que as coisas

fossem voltando ao normal e pude terminar o curso com tranquilidade.

Estar sozinha, do outro lado do mundo e com medo do início de uma 3ª Guerra Mundial foi uma experiência muito marcante.

Enfim, os dias no Japão foram maravilhosos, e o aprendizado, tanto técnico quanto pessoal, foi inesquecível.

Silene Cristina Baptistelli, compras em Harajuku



## FELIPE FRANCISCO DE SOUZA

**CURSO URBAN DEVELOPMENT (FOCUSED ON LAND READJUSTMENT MEASURE)**

**PERÍODO MAIO A JULHO DE 2005**

Era um sonho. Viajar ao Japão era um sonho de criança desde que caminhar pelo bairro da Liberdade, em São Paulo, com meus pais nos finais de semana, tornou-se rotina. Quando surgiu a oportunidade de concorrer ao programa financiado pela JICA – eu ainda trabalhava na Secretaria de Planejamento de São Paulo –, tive que fazer “malabarismo” para conseguir as assinaturas necessárias para a entrega dos formulários. E eram muitos formulários que necessitavam de assinaturas.

Receber a notícia da aprovação foi um momento de grande euforia. O tema abordado seria o *Land Readjustment* – ou o reajuste fundiário, em português, um método muito particular do Japão realizar seu desenvolvimento urbano, e muito pouco difundido em diversos países do mundo, inclusive no Brasil.

Por incluir a população local, ao invés de excluí-la do processo de desenvolvimento – uma constante da realidade brasileira, onde o mercado imobiliário ainda dita nossas políticas públicas –, o Japão, por intermédio do *land readjustment*, consegue alterar estruturalmente bairros inteiros com problemas de transporte e áreas públicas, com participação popular e inclusão social. Por lá, aplica-se (ou realiza-se muitos esforços no sentido de se aplicar) os princípios de equidade e a distribuição justa dos custos e benefícios do planejamento urbano.

O curso no Japão influenciou, e muito,

a minha carreira. Durante ele, houve diversos choques culturais e, enquanto primeira experiência profissional internacional, essa estranheza trouxe-me importantes lições. O Japão não tem petróleo, nem ferro, cobre ou alumínio, e nem outros minerais não ferrosos essenciais à atividade industrial; também não tem solo arável suficiente para alimentar toda sua população. “Como uma nação extremamente carente de riquezas naturais e minerais, incompleta e ineficiente em sua infraestrutura básica, alvo de desastres naturais e devastada pela Segunda Guerra Mundial conseguiu alcançar o título de uma das maiores potências do mundo?”

A pergunta do professor Benedito Barros em seu livro “Japão, a Harmonia dos Contrários”, de 1988, ecoava a todo momento em minha cabeça. Respondendo a esta pergunta, o “Japão não possui nada economicamente a seu favor a não ser 127 milhões de japoneses”. Apesar de ter sido uma nação vencida e esgotada há menos de 70 anos, e embora há pouco mais de 120 anos ainda estivesse fechada, à beira do mundo, numa estrutura feudal, as últimas gerações transformaram-na em uma das maiores potências mundiais.

O “como-fazer” os japoneses ensinaram no curso da JICA. O “como-aplicar” a tecnologia aprendida no Japão, no seu país de origem, não.

Em 2005, ao regressar ao Brasil, eu

mal sabia por onde começar para exteriorizar toda aquela carga de conhecimento adquirido. Inúmeras palestras, inúmeras apresentações, os contratemplos políticos, muitas dificuldades. A primeira publicação sobre o assunto do *land readjustment*, em português, veio em 2007: “Land Readjustment e Operações Urbanas Consorciadas”, em coautoria com o arquiteto Daniel Todtmann Montandon.

A segunda publicação, com os primeiros projetos pilotos para aplicação em São Paulo e inúmeros estudos de caso internacionais, veio em 2009: “Métodos de Planejamento Urbano: Projetos de Land Readjustment e Redesenvolvimento Urbano”. Infelizmente, durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab, os esforços iniciados em 2005 foram paralisados e, posteriormente, interrompidos. A gestão não tinha interesse em projetos consorciados,

sobretudo com participação popular. Mas o ensinamento e o conteúdo das publicações sobre o método japonês foram além, ganhando leitores, admiradores e adeptos.

Em 2011 estive em Curitiba para celebrar novo acordo com a JICA no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc), com intuito de nova tentativa de se aplicar a técnica japonesa em território brasileiro, logicamente, com todas as modificações, alterações e adaptações necessárias a nossa realidade.

Portanto, vida longa à cooperação técnica, e ainda aguardo os resultados efetivos desse processo, que iniciou-se em 2005, mas ainda não tem previsão para acabar, sobretudo, em um país como o Brasil, onde temos ainda um enorme território a construir. E ainda muito o que aprender...

Vista do Bairro Hongo 6-Chome, a partir da Universidade de Tokyo, Urban Engineering Department



## WILSON JORGE DOS SANTOS ALVES

**CURSO POLÍCIA COMUNITÁRIA NO JAPÃO**

**PERÍODO AGOSTO DE 2006**

Tudo começou assim: ano de 2005, Centro de Formação de Sargentos da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), com destino inseguro, pois não sabia pra onde eu poderia me classificar - centro, norte, sul, leste ou oeste. E foi ali nas fileiras acadêmicas que fiquei sabendo da vinda de um perito de Polícia Japonesa, que permaneceria por 18 meses no Estado de São Paulo para a implantação da filosofia de polícia comunitária nos moldes japoneses.

Saber do futuro não é algo de que temos privilégio, e após minha classificação, fui designado para trabalhar em uma das bases comunitárias inseridas no projeto de cooperação entre a PMESP e a NPA (*National Police Agency*) do Japão.

Em agosto de 2006 uma comitiva composta por cinco Oficiais e cinco Sargentos voou com destino a Tóquio, e ao desembarcar no aeroporto de Narita, se iniciou um novo ciclo em minha vida, com o aprendizado que teria duração de 15 dias.

Em Asakusa tive a oportunidade de ver o carnaval local, com samba. Buscamos saber como era feito a segurança do evento. Recebi a informação de que o público previsto seria de 500 mil participantes e que para esse evento seriam disponibilizados 260 Policiais, 40 Policiais de Choque e 300 seguranças particulares pagos pelo próprio evento.

Já na estação de metrô pude observar que na escada rolante as pessoas permanecem à esquerda para que os demais usuários, com mais pressa, à direita, se locomovam com facilidade. Assim, vejo que após muitas tentativas, o metrô de São Paulo vem buscando implantar esse sistema e conseguiu alguns progressos.

27 de agosto - voei para a Província de Ishikawa, Aeroporto de Komatsu. Lá fui recepcionado pelo Superintendente de Polícia de Ishikawa, Sr. Hideki Tokuda. Tive direito a um cartão de identificação, como um seguro de saúde. Se caso precisasse, seria atendido em qualquer hospital local.

Durante a estadia na província, pude visitar o primeiro Castelo de Kanazawa, e fui conduzido ao centro de comunicações da polícia, onde fui informado que há dez anos as chamadas para o 110 vem diminuindo, e que das 00:00 hs às 13:51 hs daquele dia, os policiais tiveram somente 73 chamadas. Já no Centro de Controle de Trânsito, vi materializados aqueles personagens *tokusatsu* com seus uniformes característicos.

A partir do dia 29 de agosto, uma terça-feira nublada, estive na Delegacia de Kanagawa. Também visitei o Templo de Kenchoji. Na região de Higashi, em uma cidade em que nunca aconteceu um crime com arma de fogo, o Chefe da Delegacia,

Yonoki, esclarece que a grande razão de a cidade ser tão segura é pelo fato de ter muitos colaboradores civis, assim auxiliando a manter a segurança.

Muito ansioso para mostrar a sua comunidade composta por 12 *Kobans* (base policial típica do Japão) e 3 *Chuzaishos* (base e residência policial gerida por um único policial, que mora no local), Yonoki comenta sobre os vários projetos que definem a comunidade de Higashi, como a identificação da casa dos colaboradores que auxiliam os demais moradores, a patrulha de habitantes para evitar acidentes de trânsito e as orientações para evitar crimes. Realmente tive a comprovação viva daquilo que fui procurar para desenvolver as atividades de polícia comunitária no Estado de São Paulo. Outro fato que também me chamou a atenção foi a disponibilidade de 198 policiais e 50 viaturas. Dessas 50 viaturas, 17 são para patrulhamento e 12 para os *Kobans*. Impressionante!

Além de me impressionarem, ainda tem mais: os policiais saem para fazer as rondas e deixam o *Koban* aberto com um recado informando onde se encontram. Assim os moradores podem utilizar as dependências para ligações para a polícia. Isso mesmo! A Base da polícia fica aberta e sem nenhum policial para ficar de TOCAIA (vigilância).

E apesar de mostrar toda aquela grandeza de efetivo, equipamentos e colaboradores, o delegado Yonoki tinha ainda uma grande vontade de tentar nos convencer sobre seu trabalho de prevenção na comunidade de Higashi. Mas ele mal sabia que já havia me convencido.

A partir deste ponto, conheci os trabalhos do *Koban* Musashi Tsuji, *Chuzaisho* Hatta, *Koban* de Kanazawa, e, de retorno a Tóquio, na Delegacia de Mitaka, fui conhecer o *Koban* de *Kitsonkubo* e o

*Chuzaisho Tenmondaishita*.

Algumas características são muito fortes no Japão. Desde o momento em que se entra no país já se nota a organização (*SEITON*) das coisas e a disciplina (*SHITSUKE*) das pessoas em manter as coisas organizadas para que se possa utilizá-las com exatidão (*SEIRI*), limpeza (*SEISO*) e higiene (*SEIKETSU*).

Tive um grande ensinamento. Aqui no Brasil eu me preocupava com o criminoso, mas aprendi, no pouco tempo que permaneci no Japão, que devo priorizar minhas ações nas pessoas, com o objetivo nessa nova parceria entre polícia e comunidade. Experiência única que fica marcada para sempre, hoje resta-me apenas lembranças e vontade de retornar.

Wilson Jorge e Sr. Hideki Tokuda  
(da Polícia do Japão), em 2006



## LENI MEIRE PEREIRA RIBEIRO LIMA

**CURSO THEORY AND PRACTICE ON PUBLIC ENLIGHTENMENT USING MULTIMEDIA**

**PERÍODO MAIO A AGOSTO DE 2007**

Assim que retornei do Japão, quando me solicitavam para relatar sobre a experiência de ter estado lá, sentia uma grande euforia e emoção. Interessante é que, neste momento, após todo o tempo que se passou, os sentimentos voltam à tona e é muito agradável e gratificante poder falar novamente e contar para vocês sobre isto.

O objetivo do treinamento foi promover conhecimentos e habilidades nas técnicas de produção de material multimídia. O MTEC - *Media Technology for Education and Communication* -, grupo de especialistas em comunicação com conhecimento e experiência em técnicas de produção, métodos e estratégias para produção de diversas mídias, vem realizando treinamentos em grupos na área de multimídia no Centro Internacional de Okinawa (OIC) desde 1985. Este programa de treinamento é uma das técnicas fundamentais para auxílio aos países em desenvolvimento, e agora, especificamente, possibilitou ao Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, instituição em que trabalho, aprimorar a qualidade de apresentação dos diversos produtos científicos, técnicos e educativos com melhor aproveitamento dos recursos multimídia.

O treinamento em grupo foi muito interessante e muito apropriado às exigências de minhas responsabilidades no Instituto

Florestal. Ampliou certamente meus conhecimentos e habilidades na produção dos materiais de divulgação multimídias e, especialmente, no uso de *softwares* e equipamentos mais atualizados.

Desde então venho aplicando e aprimorando os conhecimentos recebidos, o que pode ser observado nas diversas atividades que venho executando. Sinto que este treinamento foi um marco no meu processo de aprendizado e no aperfeiçoamento profissional e pessoal. Permitiu-me uma visão ampla do planejamento de materiais na área de comunicação, especificamente com recursos multimídia, desde o planejamento até a execução dos trabalhos. Estas contribuições foram fundamentais para minha atuação como *designer* gráfico, na medida em que temos preocupação com a qualidade, eficiência e eficácia que garantam sucesso na divulgação de diferentes tipos de materiais.

Posso afirmar que a educação, respeito, disciplina e atenção aos visitantes são notórios no Japão. Tive oportunidade de envolver-me em diferentes aspectos culturais: participei da cerimônia do chá; apresentação da dança chamada Eisa, no Tedako Festival de Okinawa; pude degustar e apreciar sua deliciosa culinária; visitei lojas de alta costura de kimonos; aprendi sobre arranjos de flores ikebanas; apreciei a fascinante arte milenar

japonesa visitando templos e castelos.

Enfim, além do prazer de experimentar a diversidade cultural japonesa, essa vivência enriqueceu muito a minha percepção do ponto de vista de comunicação e organização visual.

*Domo arigatô gozaimashita!*

Leni Meire Pereira Ribeiro Lima, na praça em frente ao Museu da Paz, Hiroshima



## NANCI VENANCIO

**CURSO SOLID WASTE MANAGEMENT**

**PERÍODO JUNHO A JULHO DE 2007**

Era o ano de 2007. Participando de um Seminário de Educação Ambiental, conheci o Projeto “Menos lixo, mais Vida”, um projeto da Prefeitura da Cidade de São Paulo - Secretaria de Serviços, com cooperação técnica da JICA.

Sempre, no cargo de Diretora de Escola da Rede Municipal de Ensino, pretendia implantar Projetos de Educação Ambiental na Escola, especialmente aqueles ligados à gestão de resíduos. No intervalo do seminário fui conhecer os palestrantes e fiz algumas perguntas sobre o que foi apresentado. Ao final dos trabalhos, vieram me chamar, pois os peritos da JICA queriam conhecer alguns diretores e as escolas sob sua gestão. Com muita satisfação, alguns dias depois, recebemos os peritos da JICA, juntamente com servidores da Limpurb da Secretaria de Serviços. Nesse dia convidamos os coordenadores pedagógicos e diretores de escolas daquela região da cidade para participar de um seminário mais compacto, porém que trazia conteúdos importantes a respeito do projeto.

Os peritos gostaram muito do que viram e julgaram haver ali potencial para a implantação e multiplicação dessas ações. Surgiu dessa visita o convite pela Secretaria de Serviços para que eu fizesse parte da comitiva que iria ao Japão para treinamento na Secretaria do Verde da Cidade de Osaka,

além de visitas a empresas, parques e indústrias que tinham a ver com o programa de cooperação técnica.

O curso intitulado “*Solid Waste Management*”, vinha atender a tudo o que eu esperava para atuar nessa área na Educação Básica. Tudo que aprendi no curso posso dizer que são ações factíveis e possíveis de ser implantadas. Eu era a única educadora de escola pública representando a Cidade de São Paulo no grupo que esteve no treinamento. Percebi que poderia trazer todos os meus conhecimentos que adquiri para as escolas da minha região, e assim atender à necessidade de educar as crianças e suas famílias a produzir menos lixo, reaproveitar as embalagens e iniciar a coleta seletiva tão premente em função dos problemas gravíssimos que temos com o lixo gerado.

Um mês após o meu retorno, apresentei um seminário em que houve a participação da Secretaria de Serviços e da JICA, tendo como público alvo os educadores. Houve apresentações dos alunos com música, teatro e desenhos em murais sobre o tema.

Mas minha aprendizagem ultrapassou e muito o curso proposto. Aprendi, com a cultura japonesa, a simplicidade, a gratidão, a resiliência, o respeito, a disciplina, e passei a admirar este país e seu povo. Um país que respeita seus cidadãos com políticas públicas

sérias, com projetos que entram em execução rapidamente, e o desperdício em tudo é zero!

Quando retornei ao Brasil, fiz duas matérias para mídias de circulação regional, onde registrei o que vi e o que senti. Sabia que ali estava minha grande oportunidade de agradecer pelo que havia recebido. Fiz um roteiro de palestras pelas escolas, montei um projeto piloto que poderia ser visto, mensurado, acompanhado por todos que quisessem.

Geograficamente, minha escola tinha uma posição central na região, estava ao lado da Diretoria Regional de Ensino, e assim fui sendo convidada para expor o trabalho e meus conhecimentos. Sempre citei a JICA nas minhas exposições e inserções nas mídias, pois sem ela, nada disso teria sido possível.

Após 3 anos de trabalho, fui chamada para uma avaliação do trabalho por membros da Secretaria de Serviços – Limpurb. Com

tudo documentado, o material foi entregue aos peritos. Para minha surpresa, fui chamada em janeiro de 2010 por dois integrantes da JICA vindos do Japão. Eles queriam me conhecer e saber do trabalho. E com eles havia um texto escrito por mim, traduzido em japonês.

Nossa, que orgulho! Fui então convidada para fazer um *follow-up* em continuidade ao trabalho. Desse encontro surgiu um projeto *follow-up* que atendeu a 1500 jovens de escola técnica com o foco na Educação Ambiental.

Só tenho a agradecer à JICA por tudo que aprendi. E tenho um carinho especial pela ABJICA, na figura de seu presidente atual, que me ajudou muito na hora em que eu precisei entender os procedimentos do *follow-up*, e que me permitiu concluir meu trabalho com mais tranquilidade e segurança. Um trabalho que só começou. Temos muito ainda por fazer.

Com carinho e gratidão.

Nanci Venâncio



## RENATO GUIMARÃES PEREIRA

**CURSO URBAN DEVELOPMENT (FOCUSED ON LAND READJUSTMENT MEASURES);  
COMPREHENSIVE CITY PLANNING  
PERÍODO JUNHO A AGOSTO DE 2007; SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2011**

Viajar para o Japão era um sonho. Durante muitos anos cultivei essa ideia, porém mesmo quando planejamos, por vezes a vida toma rumos diferentes daqueles que imaginamos na juventude. Então, a viagem adormecida ficou sempre como uma possibilidade remota de difícil realização.

O tempo foi passando e eu, já mais maduro, retomei meu sonho. Após o contato com a JICA, a viagem não somente tornou-se uma realidade, mas também ocorreu em grande estilo, abrindo as portas para um Japão mais rico e profundo do que eu podia imaginar.

Tive a honra de ser um bolsista da JICA por duas vezes, visitando o Japão não somente pela porta da frente, mas por todos os ângulos, inclusive pelo subsolo.

Usei o tempo para estudar, ler, escrever, desenhar, fotografar, passear, compor música, projetar, colher dados em campo e muito mais, aproveitando ao máximo a oportunidade única, sempre com a vontade de dividir com os amigos a minha preciosa experiência. Nem dormia, porque já estava sonhando...

O mais importante de tudo não foi apenas o caráter profissional das viagens, do ponto de vista pessoal, mas, de maneira mais abrangente, pelos aspectos sociais que sua realização possibilitou.

O primeiro aspecto foi a troca de conhecimento com os outros participantes

dos programas, além da carga de informações recebida dos professores e demais profissionais envolvidos.

Depois, no retorno, o conhecimento adquirido foi e está sendo repassado aos colegas e a todos os que estão em nosso caminho, incorporando o verdadeiro espírito da JICA. Esse conhecimento é maturado e aplicado no dia a dia, mesmo que não percebamos, pelo resto de nossas vidas. Não há mais retorno.

E por último, e não menos importante, a experiência possibilitou a associação e a participação voluntária na ABJICA, como uma reverência e agradecimento pela oportunidade alcançada.

Parabéns à ABJICA por seus 30 anos!

Renato Guimarães Pereira



## ISIS AKEMI MORIMOTO

**CURSO DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS EM MUDANÇAS CLIMÁTICAS  
PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 2008**

O aquecimento global, o efeito estufa, o derretimento das camadas polares, a desertificação, etc., são temas que estão na pauta do dia de diversos jornais, revistas e programas televisivos, e vêm tirando o sono de muita gente preocupada com o futuro da humanidade.

Também alguns políticos e artistas demonstram preocupação com estes assuntos em seus discursos, e, apesar de alguns questionamentos sobre o que é real e o que é exagerado pela mídia e, ainda, sobre o que pode ser realmente atribuído às interferências humanas e o que ocorreria como um fenômeno natural de qualquer maneira, a grande maioria das pessoas concorda que algo deve ser feito para evitar maiores prejuízos e problemas causados por estes fenômenos.

Assim, como ecóloga e educadora, há algum tempo me perguntava de que forma poderia trazer contribuições da área de Educação Ambiental para este contexto, e em busca de mais informações e aprofundamento, me inscrevi no curso “Desenvolvimento de Estratégias em Mudanças Climáticas”, oferecido pela JICA.

Participando do curso no Japão, tive contato com alunos e professores de diversos países e instituições, inclusive com o Sr. Taka Hiraishi do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima), que recebeu o

Prêmio Nobel, ao lado do ex-vice-presidente norte-americano Al Gore. No curso foram abordados diversos temas relacionados a Mudanças Climáticas, com enfoque em Negociações Internacionais, Protocolo de Kyoto, Convenção – Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, Programas desenvolvidos com o intuito de reduzir emissões de gases causadores do efeito estufa, Compreensão de aspectos técnicos como cálculo de emissões de diversas atividades antrópicas (Inventários), Funcionamento dos Mecanismos de Desenvolvimento Limpo, Estratégias para a conscientização de pessoas e instituições sobre impactos das Mudanças Climáticas – Educação/Informação – Artigo 6 da Convenção Quadro, dentre outros. Todos estes temas podem ser aprofundados em consulta ao site do Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT ([www.mct.gov.br/clima](http://www.mct.gov.br/clima)).

Gostaria de destacar agora, alguns destes tópicos estudados no Japão:

### 1) HISTÓRICO E CONTEÚDO DE ACORDOS INTERNACIONAIS

Em 1990, a Assembleia Geral das Nações Unidas criou o Comitê Intergovernamental de Negociação para a Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima,

que elaborou o texto da Convenção Quadro firmado por 155 países na “Cúpula da Terra”, durante a ECO 92, ocorrida no Rio de Janeiro.

O Brasil foi o primeiro país que assinou a Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudança do Clima, em 4 de junho de 1992, sendo que a mesma entrou em vigor em 21 de março de 1994, 90 dias após a quinquagésima ratificação. A principal proposta da Convenção é que seja atingida a estabilização da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera em um nível que impeça a interferência humana perigosa no sistema climático, em um período de tempo que permita aos ecossistemas se adaptar naturalmente à mudança do clima, garantindo ainda, que a produção de alimentos não seja ameaçada e que o desenvolvimento econômico prossiga de forma sustentável.

O Protocolo de Kyoto, criado em 1997, veio complementar a Convenção-Quadro das Nações Unidas, pois, mesmo se tratando de um acordo independente, definiu obrigações quantificadas de redução de emissões (metas) para os países desenvolvidos (também chamados de Partes do Anexo I), fazendo com que os mesmos se comprometessem a reduzir suas emissões totais de dióxido de carbono a no mínimo 5% abaixo dos níveis de 1990, no período compreendido entre 2008 e 2012.

O Protocolo entrou em vigor no dia 16 de fevereiro de 2005, logo após a ratificação por 55% do total de países membros da Convenção-Quadro. Dos países desenvolvidos signatários da Convenção, somente os Estados Unidos não ratificaram o Protocolo de Kyoto. Dentre os mecanismos apresentados pelo Protocolo para auxiliar as Partes do Anexo I a cumprir suas metas de redução de emissões, podemos destacar o MDL – Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, que interessa bastante ao Brasil pois

permite a participação das Partes Não-Anexo I (países em desenvolvimento), por meio da venda de reduções certificadas de emissões. Ou seja, para que os países desenvolvidos consigam cumprir seu compromisso de reduzir emissões, assumido ao ratificarem o Protocolo de Kyoto, é possível que eles incentivem (financeiramente) países não desenvolvidos a implementarem projetos voltados à diminuição de emissões em suas atividades produtivas que, por sua vez, podem vender estas “reduções certificadas” no mercado de Carbono.

A implantação deste mecanismo não é tão simples assim, pois deve seguir uma metodologia previamente aprovada pelo Comitê Executivo do MDL ou submeter nova metodologia para análise, que, depois de aprovada, torna-se de domínio público. Também deve seguir várias etapas, tais como: Elaboração do documento de concepção do projeto; Validação e aprovação pela Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima; Registro pelo Conselho Executivo; Monitoramento e verificação; Obtenção das Reduções Certificadas de Emissões para Comercialização.

## 2) PROGRAMAS E PROJETOS DO JAPÃO

Outro importante destaque que gostaria de fazer sobre o curso do qual participei no Japão, diz respeito aos programas desenvolvidos no país com o objetivo de cumprir as metas estabelecidas no Protocolo de Kyoto, bem como para servir como exemplo para outros países. Segue uma breve descrição destas iniciativas:

*Low-Carbon Society* – programa implantado no Japão em 2005 com a finalidade de mobilizar diversos setores da sociedade (empresas, transporte, indústria, residências, etc.) para a redução de emissões de Carbono

a partir de mudanças no estilo de vida dos japoneses, principalmente no que tange à redução do consumo de energia, bem como promover o desenvolvimento e a adoção de tecnologias ambientalmente sustentáveis;

*Hokubo Clean Center* – centro de processamento de resíduos sólidos, produção de energia e Educação Ambiental. Neste centro os resíduos sólidos gerados na cidade de Kyoto são separados e processados para serem utilizados pelo setor industrial. O material que não pode ser reciclado é direcionado para a produção de energia. No centro existe também um programa de visitação e um teatro especialmente preparado para ações educativas, onde estudantes e visitantes podem conhecer mais sobre a proposta dos três Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), abordada de forma semelhante em nosso país (na verdade, o Brasil já adota um conceito mais avançado, o dos cinco Rs: Repensar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Recusar determinado produto, se for o caso);

*Bio Diesel Fuel* – sistema de aproveitamento de óleo de cozinha para produção de Biodiesel. Esta proposta prevê o envolvimento de restaurantes e residências em geral, que devem separar o óleo proveniente de frituras, para ser entregue a um coletor que passa semanalmente em todos os bairros de Kyoto. O produto é processado e transformado em Biodiesel, utilizado em diversos veículos do transporte público municipal;

*Stop Ondankan* – Centro de Educação Ambiental criado para abordar exclusivamente o tema “Mudanças Climáticas”, no qual estão disponíveis materiais educativos para empréstimo a educadores (*kits* com jogos, livros, imagens, etc.), e onde também são promovidos eventos, debates e reflexões sobre ações necessárias para se conter o aquecimento global;

*Logistics Services/Sagawa Express* – os japoneses possuem o hábito de usar o

serviço de entregas particulares com grande frequência. Assim, algumas empresas do setor começaram a adotar um sistema logístico, com centrais de distribuição estrategicamente localizadas, para realizar a distribuição de correspondências e encomendas com maior economia de tempo, energia e combustíveis;

Desenvolvimento de tecnologias diversas: grandes investimentos têm sido feitos em pesquisas tecnológicas visando propiciar o desenvolvimento e o aprimoramento de veículos de baixo consumo de combustível ou movidos a eletricidade, biodigestores para tratamento de esgoto residencial, eletrodomésticos de baixo consumo de energia, captadores solares adaptáveis a diversos equipamentos, etc.;

## 3) EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Muitos temas abordados no Japão foram enriquecedores, mas, para mim, nenhum deles é mais importante do que o Artigo 6 da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que dispõe sobre Educação, Treinamento e Conscientização Pública. Diz o seu texto:

“Ao cumprirem suas obrigações (...), as Partes devem:

- a) Promover e facilitar, em níveis nacionais e, conforme o caso, sub-regional e regional, em conformidade com sua legislação (...) e conforme suas respectivas capacidades:
  - I) a elaboração e a execução de programas educacionais e de conscientização pública sobre a mudança do clima e seus efeitos;
  - II) o acesso público a informações sobre a mudança do clima e seus efeitos;
  - III) a participação pública no tratamento da mudança do clima e de seus efeitos e na concepção de medidas de resposta adequadas; e
  - IV) o treinamento de pessoal científico,

técnico e de direção.

b) Cooperar, em nível internacional e, conforme o caso, por meio de organismos existentes, nas seguintes atividades, e promovê-las:

I) a elaboração e o intercâmbio de materiais educacionais e de conscientização pública sobre a mudança do clima e seus efeitos; e

II) a elaboração e a execução de programas educacionais e de treinamento, inclusive o fortalecimento de instituições nacionais e o intercâmbio ou recrutamento de pessoal para treinar especialistas nessa área, em particular para os países em desenvolvimento.”

Diante destas determinações, diversas iniciativas surgiram em âmbito nacional e internacional, tais como: Intercâmbios e Cursos de capacitação como o oferecido pela JICA no Japão; Criação de um *link* no *site* da Convenção – Quadro das Nações Unidas para divulgar projetos e eventos educacionais: [http://unfccc.int/cc\\_inet/](http://unfccc.int/cc_inet/). Formação de Grupos de países voltados a promover troca de informações e tecnologias. Ex.: *Asia-Pacific Integrated Model* – AIM;

No Brasil, houve abertura de fóruns e debates sobre a elaboração da Política Nacional sobre Mudança do Clima (por meio da Comissão Mista Especial das Mudanças Climáticas) e do Plano Nacional sobre Mudança do Clima, além da realização da Terceira Conferência Nacional do Meio Ambiente, em maio de 2008, cujo tema foi Mudanças Climáticas.

Neste contexto, e conforme proposto na III Conferência Nacional do Meio Ambiente, a Educação Ambiental apresenta-se por meio de uma proposta de mobilização, organização e educação da sociedade brasileira para que ocorram as mudanças culturais necessárias ao

enfrentamento qualificado das causas e efeitos das Mudanças Climáticas.

“Os efeitos do aquecimento global alertam para a necessidade de alterações profundas no modo hegemônico de produção e consumo. E o envolvimento profundo, crítico e atuante, de cada cidadão e grupo social, é condição essencial para realizar esta dramática transformação”. (Caderno de Debate/ CNMA/2008 p. 84.) Para isto, o texto da Conferência Nacional sugere um conjunto de ações que promovam e incentivem: Formação; Treinamento; Comunicação e Disseminação de Informação (criação e fortalecimento de mecanismos ágeis, interativos e democráticos de acesso a informações qualificadas); Criação e fortalecimento de grupos, coletivos e estruturas formadoras para o enfrentamento das Mudanças Climáticas; Mobilização e engajamento de instituições e sujeitos sociais (inclusive gestores); Exercício da Cidadania Ativa (reivindicando políticas públicas sintonizadas com as demandas socioambientais); Participação coletiva nos processos decisórios; Planejamento estratégico para o uso racional dos recursos naturais e adoção de compromisso ético com as futuras gerações; Busca constante por melhorias na qualidade de vida e recuperação de sistemas naturais; Implantação de ações preventivas e transformadoras.

Concluímos assim que, frente a todos os instrumentos presentes nos acordos internacionais, bem como as participações voluntárias e a grande preocupação popular com relação ao tema, podemos encarar este panorama relacionado com as Mudanças do Clima como uma grande oportunidade para que a humanidade repense sua forma de organização e relação com a Natureza. É uma oportunidade de discutirmos o pertencimento do ser humano na Natureza, não como

dominador e mero utilizador de recursos naturais, mas como parte dela e de seu equilíbrio natural. Também é uma possibilidade de discutirmos padrões de consumo, necessidades essenciais, responsabilidade por todas as etapas de produção do que compramos (forma de extração do recurso natural, transporte, energia na fabricação, condições de trabalho, embalagens, destinação dos resíduos gerados, etc.).

Este tipo de abordagem possibilitaria a participação de cada cidadão, contribuindo com ações simples, como andar de bicicleta ao invés de carro ou usar transporte público, plantar árvores, fazer escolhas conscientes, destinar resíduos para reciclagem, comprar aparelhos com maior eficiência energética, bem como, por meio da participação política e do exercício da cidadania ativa, cobrando providências por parte dos governantes e setores industriais.

No entanto, devemos ficar atentos, pois, por envolver acordos comerciais e recursos financeiros, alguns dos mecanismos do Protocolo de Kyoto, por mais bem intencionados que sejam, podem ocasionar adesões que visem apenas o lucro de empreendedores, não gerando efetiva redução de emissões, e sim uma simples troca do local da ocorrência dessas emissões.

Esse comércio de créditos sem observação de critérios mais rígidos poderia vir a ser encarado como verdadeiro mercado de “licenças para poluir”. Além disto, preocupações reais, como a emissão de gases causadores do efeito estufa em processos convencionais de geração de energia, poderiam ser utilizadas para justificar a instalação de usinas nucleares, que de fato reduziriam as emissões do setor energético, porém, ocasionariam outros problemas bem mais graves, como a dificuldade de destinar resíduos nucleares de forma adequada e os

riscos de acidentes como o de Chernobil. Neste contexto, formas alternativas de produção de energia, como as energias solares e eólicas, continuariam não sendo priorizadas.

Deste modo, ações educativas que apresentem informações reais e bem fundamentadas tornam-se ainda mais importantes para impedir manipulações da opinião pública em sentido oposto ao que desejamos numa sociedade ambientalmente sustentável.

Conforme Al Gore aconselha no filme *Uma Verdade Inconveniente*: “Aprendam o máximo que puderem sobre a Crise do Clima e então transforme este conhecimento em ação”. Educação!

Isis Akemi Morimoto



## MAURÍCIO KANNO

**CURSO WEBSITES DEVELOPMENT**

**PERÍODO JULHO A OUTUBRO DE 2008**

**A**JICA me proporcionou, sem dúvida, uma das oportunidades mais privilegiadas e incríveis da minha vida. Pude aprender algo de produção de *websites* e animação? Sim. Tanto que produzi no Japão minha primeira animação em *Flash!* Um programa que sempre queria aprender a utilizar! E foi meu projeto artístico de maior fôlego até então já realizado, talvez com a única exceção de meu trabalho de conclusão de curso, se é que este possa ser considerado “arte” também: um documentário em vídeo sobre estrangeiros na Europa.

Mas, para bem além da parte estritamente técnica, a convivência diária com estrangeiros dos países mais inusitados foi viver um sonho. Não era como se simplesmente – o que já era demais de bacana! – eu morasse no Japão... Era como se eu passeasse todo dia pelo mapa-múndi lembrando a cada momento de notícias internacionais, de História, de Geografia. Tudo isso bem vivo e real diante de nossos olhos, com emoção, carne e osso.

Fiz amizade com vietnamitas. Um deles até me ajudou muito a resolver problemas que apareceram no meu computador. Com um afegão, de quem ganhei uma túnica típica do país, gravei entrevista em que ele se queixa sobre como a mídia internacional apenas falava das tragédias e da guerra em seu país. Conte

a ucranianas que eu não sabia dançar lambada, apesar de ser brasileiro.

Ganhei um grande amigo da Tunísia, Mondher-san, como ele gosta de ser chamado, com quem aprendi uns rudimentos de árabe e comecei a estudar francês. Fiz amizade com uma argentina, Mónica Miura, com quem guardo boas lembranças de passeios no parque em Mito – capital da província de Ibaraki, onde eu estudava. Além dela, treinei bastante espanhol com colegas de Equador, México, Honduras, entre outros países da América Latina.

Aprendi o jeito certo de comer diretamente com a mão, ao me enturmar com africanos e indianas. Pratiquei *kenjutsu*, técnica de luta com espada, com alunos da Universidade de Tsukuba. Fui a uma cerimônia do chá com uma amiga japonesa que havia conhecido no Brasil, Yumiko Murakami. E ensinei ao pessoal da cerimônia, inclusive em vestes tradicionais japonesas, um pouco de capoeira e seu ritmo!

Imerso em grupos assim multinacionais, visitei o Monte Fuji, uma das experiências mais alucinantes e aventurecas que já tive. Umás 11 horas caminhando até o topo, com a cratera vulcânica do monte; e outras 6 horas descendo. Depois fiz reportagem para a *Folha de S.Paulo*, a partir de minha experiência nessa escalada, entrevistando outros andarilhos

enquanto me esforçava para não desistir e ficar lá no alto para sempre. Foi minha primeira reportagem produzida do exterior! Deu umas oito páginas, praticamente um caderno inteiro de Turismo do jornal.

Ainda antes disso, fui convidado por colegas do departamento em que eu estudava, professores, pesquisadores, para pedalar. Mas não foi uma pedalada comum. Andar de *bike* era o maior prazer no Japão, com aquelas ruas planas, ciclovias ou áreas na calçada de todo modo bem preparadas para ciclistas, além de belas áreas arborizadas. Mas não. Foi para pedalar dando a volta no segundo maior lago do Japão, o Kasumigaura! Foi o dia inteiro pedalando, desde a manhã até o fim da tarde. Outro belo desafio físico em menos de quatro meses.

Fiquei também feliz por vivenciar o lado vegetariano do Japão! Para mim, como vegano, vegetariano estrito, isso era muito importante. Tanto é que fiquei feliz em, logo de cara, em minha estadia no país, ter conhecido, como colega bolsista no alojamento, Sandra Rodriguez, colombiana vegetariana! Ainda por cima, descobri que, na pequena cidade de Tsukuba, onde eu morava, havia um bonito restaurante vegano, aonde a levei e me abastecia de leite de soja às vezes.

Acabei também produzindo uma reportagem de seis páginas para a *Revista dos Vegetarianos* sobre o Japão. Incluí nessa pesquisa visita a outros restaurantes *vegs* pelo país, com a ajuda do *Guia Vegano* do Japão produzido pelo holandês Herwin Walravens, que entrevistei no Festival Vegetariano de Tóquio! Foi neste festival que também conheci uma brasileira, Daniela Yjichi, com quem mantenho contato até hoje.

As “viagens de estudos” que faziam parte do treinamento no Japão também foram valiosas. Por exemplo, fomos a um museu

de arte contemporânea *high-tech* japonesa em Tóquio, outro de fotografia na mesma cidade, além de visitar o museu do “deus do mangá” Osamu Tezuka – na pequena cidade de Takarazuka, em Hyogo – e de seu colega de profissão Hayao Miyazaki, novamente em Tóquio. Tudo isso porque meu estudo era focado em produção de animação e arte. Então fazia sentido: pudemos unir o útil ao agradável! Realizei sonhos de conhecer os museus dessas personalidades do anime e mangá!

Se consegui trabalhar como animador no Brasil depois? Não. Eu precisaria prosseguir minha formação na área para isso. Mas essa experiência que tive graças à JICA foi um gigantesco marco na minha vida do ponto de vista artístico e internacional! Tanto que criei e estive coordenando projetos artísticos internacionais. Tanto em 2012 como em 2013, organizei edições do Concurso Internacional de Artes pelos Direitos Animais, pelo qual obtive cerca de 100 artes enviadas de 23 países! Além disso, me animei para escrever um romance e estudar Roteiro Audiovisual em 2010. E em 2011 e 2012, estudei e pratiquei bastante desenho e pintura.

Acredito que, mais do que conhecimento técnico, a JICA tem o poder de nutrir seus bolsistas com motivação, um novo brilho nos olhos. Assim, parabeno também a ABJICA por seus 30 anos, completados apenas dois anos depois dos meus. ;) E agradeço carinhosamente ao amigo e professor Alexandre Kawano, que conheci na Escola Politécnica da USP e mantive amizade tanto ainda depois. Não fosse ele, eu nem mesmo teria conhecido essas bolsas que o Japão oferece, e das quais cada um no Brasil e no mundo que puder deve fazer o melhor proveito!

Mauricio Kanno, à direita, na sala de estudos de internet e animação em Tsukuba



## ALEXANDRE JUN ZERBINI UEDA

**CURSO ODONTOLOGIA**

**PERÍODO SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2008 E JUNHO A AGOSTO DE 2013**

Sou *sansei* por parte de pai. Meu “*Oditian*” Gohei Ueda e minha “*Obatian*” Yayoko Ueda são oriundos da Província de Gifu. Minha mãe é descendente de italianos. Formei-me dentista em 1993 pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo – FOU SP, Campus Butantã. Tenho pós-graduação em Endodontia pela Escola Brasileira de Medicina Militar do Exército Brasileiro e em Fisiologia do Exercício pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Estou em fase de mestrado com foco em biomarcadores salivares no desempenho esportivo, no Departamento de Biomateriais e Biologia oral da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

Começo colocando algo meio óbvio, mas por muitos esquecidos, tal é o afã por especificar tratamentos em saúde. A boca chega junto com o corpo ao consultório, e também ambos vão juntos ao trabalho, festas, diversões e práticas esportivas. Alterações inflamatórias de causa infecciosa, como uma simples gengivite, ou alterações inflamatórias controladas, como cirurgias e movimentações ortodônticas, podem levar a alterações hematológicas, e essas, por sua vez, percorrem todos os vasos do corpo, carregando substâncias (metabolitos ou mesmo células bacterianas) e alterando o sangue em sua função normal, e podem até provocar

endocardite e lesões músculo-articulares em pernas e braços durante a atividade física, causados por biofilme bacteriano dental (placa bacteriana).

Faço toda essa explanação para dizer que encontrei um problema quando fui buscar soluções para esses questionamentos. As respostas não eram científicas na odontologia clássica. Havia apenas relatos. Quando os dentes eram tratados e as lesões musculares e articulares sumiam, ficou a assertiva de que quando os dentes são bem tratados, as lesões músculo-articulares se reduziriam. Mas por quê? Como eram esses mecanismos? Que ferramenta os “pesquisadores” utilizaram para estudar as relações de lesões odontológicas e lesões músculo-esqueléticas? A resposta era simples. Interação de sistemas de órgãos do corpo humano e seu equilíbrio – a Homeostase. E a ciência no Brasil que mais se aproxima para esses estudos é a Fisiologia do Exercício, ciência que estuda as modificações ocorridas no organismo durante a prática da atividade física.

Em 1998, iniciei minhas pesquisas de modo independente, sem qualquer auxílio, pois ninguém no Brasil acreditava nessa interação. Junto com minha esposa Patrícia Ueda, fisioterapeuta, somávamos o conhecimento odontológico às práticas de recuperação fisioterapêutica. Estudando um pouco mais

e com o avançar das tecnologias, a saliva e outras substâncias corpóreas de coleta não invasiva se tornaram o foco de pesquisa, por se tratar de menos traumática e bio segura para manipulação em relação ao sangue. Em 2006 tive o prazer de conhecer o Professor Hiroshi Suzuki da *Nihon University School Of Dentistry*, Matsudo, que se interessou pela minha visão e estudo. O departamento dele é de Fisiologia Oral, disciplina totalmente dedicada ao estudo funcional das várias alterações que os processos odontológicos (patológicos ou não) modificam a homeostase sistêmica. Exemplos de pesquisa conduzida pelo departamento: O posicionamento mandibular e lingual na apnéia obstrutiva do sono, dores cervicais e de ombros com limitação dos movimentos de braços causados por alterações de mordida, volume de ar inspirado e expirado para pacientes com alterações nos arcos dentais, entre outros exemplos. Mas o que mais me atentou foram os trabalhos de Odontologia do Esporte, que somava todos esses estudos e mais alguns direcionados ao desportista e atleta de alto rendimento.

Cheguei até a JICA por contatos de ex-bolsistas, como o Professor Doutor Tomomi Harashima e o Professor MS Hilton Sadayuki Tiba, dentistas que já haviam participado dos programas da JICA. Minha primeira vez como bolsista foi em 2008, quando por três meses fiquei imerso no universo da Fisiologia Oral, a soma dos conhecimentos teóricos e práticos de estudos sobre como as condições orais alteram os resultados de atletas - respiração, postura, equilíbrio, entre outras variáveis que fazem a diferença entre atletas de alto rendimento. Para se ter uma ideia de quão importante é esse estudo, vale salientar a medalha de ouro que a seleção japonesa de *softball* ganhou em Pequim em 2008. E essa modalidade tinha um tabu a ser quebrado: nas quatro olimpíadas

anteriores, as japonesas foram derrotadas pela seleção americana. E como a fisiologia oral as auxiliou? A *pitcher* (arremessadora) e estrela do time na ocasião, Yukiko Ueno, apresentava uma crônica lesão de ombro que a limitava a executar perfeitamente um movimento. Depois de testes eletromiográficos, o departamento chegou à conclusão de que um determinado movimento mandibular em lateralidade estirava de modo parafuncional toda cadeia muscular.

Foi a Odontologia do Esporte, depois de trinta anos de atuação em um universo de especialidades como engenharia, medicina, nutrição, psicologia, entre outras, que auxiliam o atleta, a única especialidade diferencial naquele momento. A equipe do Professor Hiroshi Suzuki participou desse trabalho.

Trabalhamos arduamente e em 2010 conseguimos montar nosso primeiro protocolo em Odontologia do Esporte no Brasil. Foi um trabalho inédito junto ao Ministério do Esporte, cujo objetivo era a avaliação da saúde bucal do atleta de alto rendimento, visando detectar qualquer tipo de alteração que possa influenciar diretamente no desempenho do atleta, e objetivos específicos de avaliação clínica odontológica, análise salivar, análise genética, capacitação de dentistas e produção científica. Tivemos um público alvo de 1300 atletas de alto rendimento com período de execução de janeiro de 2011 a maio de 2013.

Passado esse período, recorri novamente à JICA para uma atualização dos estudos do Professor Suzuki e para levar a ele os meus resultados. Novamente a JICA me aprovou para mais um programa de estudos em solo japonês.

Participando da esfera de Fisiologia Oral no quesito Odontologia do Esporte, vi a perseverante luta dos colegas japoneses durante o 24º Encontro de Odontologia do Esporte, que se realizou nos dias 29 e 30 de

junho de 2013 em Tóquio. Eram inúmeros trabalhos. E tive o prazer de apresentar um painel sobre propriedades biomecânicas de materiais para dispositivos intraorais.

É uma experiência sempre inovadora. Nunca nos acostumamos com tamanha organização, que para muitos pode parecer um pouco exagerado. Mas se você é candidato e tem problemas com disciplina e organização, não tema. É interessante o fato de que um trem, metrô ou ônibus está marcado para passar em um ponto às 7h11min da manhã e realmente você confia na pontualidade.

Estive em dois dormitórios da JICA, em Yokohama e em Tóquio. Não tenho qualquer tipo de crítica. Pelo contrário, ambos são muito bem localizados, servidos por estações de metrô e trem, fato esse muito importante, visto que os deslocamentos são feitos preferencialmente por esses meios. E quanto aos pontos turísticos, sejamos francos, o Japão todo é um enorme cartão postal. Um alerta para os meses de verão, para as altas temperaturas e umidade: o segredo é muita água e uma toalha sempre na mão. E o fundamental: um guarda-chuva. A JICA disponibiliza, mas sempre é bom ter um na mochila!

Para destacar alguns pontos: a discrição do povo japonês é tão grande que os livros lidos nos trens ou metrôs tem as capas discretamente cobertas com papel pardo, com desenhos de gravuras delicadas, e sem qualquer mensagem alusiva à literatura do portador. Não preciso lembrar que o Japão tem 99,9% de sua população realmente alfabetizada, o que demonstra ser a leitura o passatempo dos japoneses nos deslocamentos, no eficiente meio de transporte público do qual eles têm tanto orgulho. O silêncio, por incrível que pareça, é respeitado visceralmente. Os celulares ficam no modo vibrador e

as conversas são mínimas – exceção são os turistas e bolsistas como eu, que ficam admirados com os transeuntes lendo, jogando em seus tablets e celulares interativos ou não, ouvindo música com seu dispositivo auditivo. Ou seja, existe o respeito do coletivo sobre o individual, onde se faz literalmente uso daquele ditadinho que a bisavó de minha avó aprendeu com alguém mais antigo que ela: “a liberdade de um acaba quando começa a de outro”. Somos todos “um”, respeitando a individualidade de todos de modo coletivo.

Muito obrigado pela oportunidade. A Odontologia do Esporte também agradece.

Alexandre Jun Zerbini Ueda, segundo da esquerda sentado, junto com a equipe do Departamento



## BRUNO IEIRI ITO

**CURSO CÉLULAS SOLARES PARA CONVERSÃO DE ENERGIA SOLAR EM ELÉTRICA**

**PERÍODO MARÇO DE 2009 A SETEMBRO DE 2011**

Atualmente, o dia a dia das pessoas está cada vez mais dependente de aparelhos elétricos. Mesmo para atividades triviais, como consultar e-mails, tomar banho ou assistir televisão, se depende da energia elétrica. E em um futuro próximo, acredita-se que os carros também serão movidos à eletricidade. No Brasil, a energia é gerada principalmente pela força das águas (hidrelétricas), que provê uma quantidade suficiente para abastecer as casas de forma eficiente. Entretanto, existe uma questão que deve ser considerada. Como será gerada essa energia para se utilizar todos esses aparelhos usados diariamente, considerando que a população mundial está aumentando a cada ano?

Formado em química pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tive a magnífica oportunidade de realizar meu mestrado com a bolsa da JICA de mestrado (2 anos) na renomada Universidade de Tóquio, na área de células solares para conversão de energia solar em elétrica.

Conhecido pelo seu desenvolvimento tecnológico e organização, o Japão vinha adquirindo destaque no setor das células solares, pois estas consistiam em uma opção interessante para a dominante e pouco interessante energia nuclear para geração de energia. Isso me motivou a buscar

laboratórios de pesquisa para desenvolver um projeto inovador que pudesse trazer benefícios para a evolução das células solares e também trazer um conhecimento adicional para a pesquisa brasileira.

Pelo meu lado pessoal, sempre tive a vontade de ter uma experiência no exterior. E além disso, tinha interesse em conhecer o país de minha ascendência, o Japão. Combinando esses dois fatores juntamente com a parte profissional, a proposta de ficar no Japão por dois anos surgiu como uma excelente oportunidade para poder vivenciar o cotidiano, aprender muito sobre a cultura e desenvolver um trabalho de qualidade em um dos países mais desenvolvido do mundo.

Não tenho palavras para agradecer à JICA por essa oportunidade ímpar. Em dois anos, consegui desenvolver uma pesquisa de altíssima qualidade, que me permitiu adquirir grande conhecimento. Os detalhes teóricos e experimentais são complexos para serem mencionados. Mas amostras dos frutos resultantes do que se passou nesse período são a publicação de uma patente, a participação em congressos internacionais, a continuidade do trabalho em um laboratório em Cingapura e o desenvolvimento de um trabalho adicional na Universidade de São Paulo (USP).

Uma experiência importante para se adicionar foi o evento ocorrido no dia 11 de

março de 2011. Vivenciei o grande terremoto que aconteceu na região de Tohoku, norte do Japão. Foi uma lição de vida. A organização dos japoneses me surpreendeu muito.

Apesar da dificuldade, apesar da situação, todos trabalhavam para o bem de todos. Mantimentos e roupas eram acumulados por todo o Japão, enviados à região e distribuídos para as famílias que recebiam tudo em fila, esperando sua parte. Muitos grupos de voluntários se

disponibilizavam em diversas regiões do país para remover escombros, ajudar em mutirões e distribuir alimentos.

Nada de desespero, nada de depredação, todos trabalhando em conjunto, dividindo com o próximo e pensando no bem do todo.

Naquele momento, pude ver claramente a educação e a organização do povo japonês. Aquilo foi uma tragédia, mas também uma lição de vida para mim e para o mundo.

Bruno Ieiri Ito



## NADIR TOMI KIDOGUCHI

### CURSO FASHION DESIGN

PERÍODO ABRIL DE 2009 A FEVEREIRO DE 2010

Sou formada em Bacharelado em Têxtil e Moda pela USP. Como bolsista de treinamento de longa duração da JICA, estudei no *Bunka Fashion College*, quando fiz um curso de *Fashion Design*. As aulas eram todas ministradas em língua japonesa, os professores eram todos japoneses e também os colegas de sala.

Essa foi uma experiência incrível, pois pude vivenciar como é uma sala de aula japonesa tradicional, desde o cumprimento formal ao professor no início e ao término da aula até fazer a limpeza da sala de aula no final do dia.

No *Bunka Fashion College*, uma conceituada Faculdade de Moda fundada em 1919, aprendi técnicas em alta costura, modelagem, *moulage*, entre outros. Ajudei nos preparativos do *Bunka Festival*, um mega evento cultural ocorrido no início de novembro.

Foi o máximo fazer parte da organização do evento e ver como os japoneses planejam minuciosamente cada detalhe a ponto de não surgir nenhum imprevisto de última hora!

A equipe de coordenadores, os *tantoushas*, eram prestativos e sempre visavam o meu bem-estar físico e mental para eu ter bons rendimentos acadêmicos. O alojamento da JICA em Tóquio também contava com excelente infraestrutura e ainda proporcionava

inúmeras atividades com a finalidade de divulgar a cultura japonesa e com finalidades turísticas. No alojamento, pude fazer amizades com pessoas de outras nacionalidades.

Neste treinamento, pude não só aperfeiçoar meus conhecimentos técnicos na área de moda. Foi muito além disso. O treinamento aprimorou minha experiência profissional, cultural e pessoal. E tudo isso foi conquistado através da JICA.

Obrigada a todas as pessoas envolvidas para que o meu treinamento fosse possível de ser realizado.

## LILIAN MIHO SAKUNO

### CURSO FISIOTERAPIA

PERÍODO AGOSTO DE 2009 A FEVEREIRO DE 2012

Sou fisioterapeuta formada pela Unesp – Universidade Estadual Paulista.

Na fisioterapia, para tratarmos nossos pacientes, precisamos muito entender como funciona nossa estrutura física, como os músculos e articulações, e também, nosso Sistema Nervoso Central. Assim, o tema do meu mestrado foi a avaliação da marcha com eletroencefalografia, usando eletrodos superficiais.

Fiz o mestrado na Universidade de Kanazawa, no Departamento de Reabilitação, que engloba tanto a fisioterapia como a terapia ocupacional. Meu professor é terapeuta ocupacional, o que me proporcionou uma melhora muito grande na área de AVDs - atividades de vida diária em idosos. Além das aulas de mestrado e da pesquisa no laboratório, estagiei com meu professor por 2 anos num grupo voluntário de ginástica para idosos chamado *Yorozu Hoken Kyoushitsu*. Neste grupo, tive a oportunidade de melhorar meu japonês e conhecer as diferenças entre os nossos idosos brasileiros e os japoneses. Foi uma experiência muito enriquecedora.

Sobre a parte cultural e língua japonesa, fui muito feliz em morar em Kanazawa, pois a cidade é muito cultural e linda, com as caixas de folhas de ouro e cerâmica e o Parque Kenrokuen. A Universidade de Kanazawa também oferece

um curso de japonês para estrangeiros ótimo, e, assim, pude melhorar muito na parte de escrita, que era o meu ponto mais fraco. Além disso, cai muita neve no inverno.

Quando ocorreu o tsunami na região noroeste do Japão, eu estava ainda em Kanazawa. Fiquei muito admirada com a união dos japoneses. Kanazawa não foi afetada. Nem tremor eu senti. Mas a JICA Yokohama ligou para todos os bolsistas e também mandou informações sobre a irradiação da usina, o que me deu um conforto muito grande, mesmo eu não estando em uma região de perigo de terremoto.

Retornei ao Brasil e atualmente trabalho no Hospital Igesp, onde a grande maioria dos pacientes é idosa, e também na Clínica Keikos. Estou muito feliz com meu trabalho e ansiosa para validar meu mestrado aqui no Brasil.

Assim, serei eternamente grata à JICA por esta grande experiência de vida. Muito obrigada pela oportunidade.

## HENRY YUZO ARIMURA

CURSO SEMINÁRIO PARA APERFEIÇOAMENTO DE HABILIDADES ADMINISTRATIVAS

PERÍODO MAIO A JUNHO DE 2010

Tive o privilégio de fazer parte da primeira turma do curso de empreendedorismo da JICA que ocorreu em 2010.

Apesar de o grupo ser formado por *nikkeis*, a experiência foi muito rica, pois participaram pessoas de diversas culturas e nacionalidades, como do Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, México e República Dominicana.

Durante o estágio, tivemos oportunidade de passar por experiência de valor inestimável devido ao alto nível de capital humano e organização impecável, além do convívio com latino-americanos que se traduziu em uma amizade forte e perene, pois compartilhamos momentos ímpares de nossas vidas.

Viver a experiência no Japão fez mais que refletir sobre a vida; fez enxergar um Brasil que não conhecia.

Dizem que uma das formas de conhecer seu país é viajar para outros lugares, criando referência para comparar e enxergar os pontos positivos e negativos da sua terra.

Graças à JICA e toda sua estrutura, pudemos desfrutar deste privilégio com muito conforto e todo suporte que possam imaginar. As lembranças são tantas que é impossível relatá-las em poucas linhas.

A você que pretende se candidatar ou está tentando uma bolsa pela JICA, deixo um recado: caso não consiga passar na primeira

vez, não desanime. Quem sabe não é o momento. Acredito que, mais que o resultado, é a atitude que você toma perante os fatos que faz diferença. Se for seu objetivo, não desista. Reavalie seus erros e tente outra vez.

Para você que teve a felicidade de ser aprovado, abra sua mente e seu coração e vá disposto a crescer e aprender.

Por fim, uma última mensagem: curta intensamente os momentos da vida e viva o presente, pois ontem é história, amanhã, uma incógnita, e hoje, uma dádiva. Por isso o hoje se chama presente.

Momentos vividos e experiências compartilhadas: isto ninguém tira de vocês.

Mais uma vez o meu muito obrigado a todos os envolvidos neste fantástico programa.

Henry Yuzo Arimura



## MAURÍCIO MASSAO SOARES MATSUMOTO

CURSO BIKE SHARING SYSTEMS

PERÍODO MAIO A AGOSTO DE 2010

O alarme toca, é cedo ainda. Ligo a televisão, o tempo de acordar de verdade. Não que aquilo que está sendo dito me ajude a voltar à realidade. Por mais que eu esteja ficando mais familiarizado com os sons, conseguindo separar as palavras umas das outras e identificando formas gramaticais, ainda não conheço o suficiente de *nihongo* para entender alguma coisa.

Da minha janela, tenho uma vista belíssima da Baía de Tóquio. A JICA Yokohama fica em uma das muitas ilhas artificiais. Tomo um café da manhã reforçado, pego minhas coisas e vou a pé para a estação de metrô. Já conheço de cor os horários dos trens. Vou pegar o expresso. “*Minatomiraisen chokutsuu Shibuya yuki ga mairimasu...*” diz a voz feminina nos auto-falantes. Já tinha escutado tantas vezes aquilo que balbuciava junto, como se fosse uma música.

Durante os noventa minutos de viagem de trem até a Universidade de Tóquio, aproveito para estudar japonês. Estava fascinado pela língua, em particular pelos *kanjis*. Eu sabia que aprender a ler era uma tarefa impossível no pouco tempo que eu tinha no Japão, mas eu via graça em tentar, sentia que estava decifrando um código incrível, um *flashcard* por vez.

Na Universidade, passo o dia entre o seminário do laboratório, a aula do

departamento de arquitetura e o curso de japonês para estrangeiros. Aprendo muito todos os dias. Gostaria de não ter que voltar ao Brasil tão depressa. Meus colegas estrangeiros são ótimos, tenho discussões fascinantes no almoço. Com os japoneses do laboratório, a relação é mais distante, mas as coisas estão mudando. Se eu tivesse mais tempo...

No início da noite, voltando, aproveito para caminhar um pouco por Shibuya. Acho que nunca vou cansar de assistir aquele mar de gente andando em todas as direções. Hoje um grupo político está protestando comportadamente em frente à estação. Acho que tem a ver com o novo primeiro-ministro – Yukio Hatoyama caiu um mês depois que cheguei ao Japão.

Na JICA, vou me encontrar com meus colegas brasileiros para compartilhar o dia. Cada um de nós veio para aprender sobre uma profissão diferente: veterinário, engenheiro, oftalmologista, neurologista, hoteleira, biotecnóloga. Em comum, temos o fato de ter crescido entre duas culturas antípodas – japonesa e brasileira. Mestiço, e no Japão pela primeira vez, eu talvez fosse dos que mais estava descobrindo novidades.

...

Já faz mais de três anos que fui para o Japão com a bolsa da JICA. Foram apenas três meses, mas a experiência pessoal foi muito intensa. Lembro com facilidade dos detalhes do cotidiano, bem além dos que couberam nestas linhas.

A viagem foi para mim uma oportunidade ímpar: ao mesmo tempo em que aprendia sobre aquilo com que trabalhava no Brasil, podia conhecer um país que hoje é fascinante, e mais de cinquenta anos atrás era a realidade da minha família.

Naquela época, eu trabalhava com sistemas de bicicletas públicas. Sob a tutela do *Sensei* Ohmori, da Universidade de Tóquio, tive a chance de conhecer diversas experiências japonesas nessa área, aprender como os sistemas tinham sido planejados, financiados, construídos, e como era feita a operação – todas questões muito importantes para mim. Este período na Universidade também me permitiu explorar outros temas em transporte e planejamento urbano, aprendizado que me foi muito útil na volta ao Brasil.

Do ponto de vista pessoal, o evento mais marcante foi a viagem que fiz a Okinawa, terra natal de meus avós. Fui pego de surpresa pela forma como Ikuo-san – primo de meu pai – e toda a sua família me receberam. Em apenas três dias, Ikuo me levou para visitar todos os grandes pontos turísticos da ilha, assim como os locais relacionados à história de meus avós. Uma grande recepção foi organizada; quase toda a família compareceu.

Fiquei lisonjeado, e aos poucos fui entendendo o significado daquilo tudo. A família era muito grata a meu avô, que durante a guerra lhe enviou ajuda do Brasil. Receber-me bem era uma forma de retribuir indiretamente, tantos anos depois. Isso me deu uma nova dimensão dos laços entre nossas famílias e nossos povos, e do significado da

gratidão para os japoneses.

Estes são apenas alguns fragmentos do que foi essa viagem para mim. Sou muito grato ao apoio indispensável da JICA. Espero que muitos outros jovens tenham essa oportunidade de adquirir conhecimentos profissionais úteis, ao mesmo tempo em que aprendem sobre o cotidiano e a cultura do Japão de hoje, e sobre as origens de suas famílias.

Mauricio Massao Soares Matsumono  
em Miyajima, Hiroshima



## THAÍS BRIANEZI

**CURSO EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS NA NATUREZA FOCADO EM AMBIENTES AQUÁTICOS**  
**PERÍODO JANEIRO A MARÇO DE 2011**

Nunca tive uma visão estereotipada dos japoneses, talvez porque no Brasil, especialmente em São Paulo, haja muitos descendentes das famílias que migraram quando o Japão enfrentava grave crise econômica. Pontualidade, trabalho, inteligência, hierarquia, hospitalidade. Isso eu já sabia que são características fortes na cultura nipônica – mas que, por outro lado, não estão necessariamente presentes em todos seus representantes. Também sabia, pelos muitos amigos *nikkeis* que tenho, que o japonês pode, sim, ser espontâneo, extrovertido e até rebelde.

Do Japão em si, porém, eu só conhecia relatos. E os que me chegavam pela imprensa, em geral, falavam sobre o contraste entre o tradicional e o moderno. De fato, aqui eu pude conhecer bastante da filosofia *Nihonjinron*, materializada nos lindos templos de Kyoto e Nara, no envolvimento ritual da cerimônia do chá ou no modo discreto como muitas japonesas levam a mão aos lábios, quando vão sorrir. Também tive a oportunidade de ver a exuberância dos arranha-céus de Tóquio e a modernidade da noite iluminada de Kobe. Para mim, um objeto que ilustra bem a existência desses dois mundos é o vaso sanitário: de um lado, há o de estilo oriental, simples, ainda bastante utilizado; de outro, a privada ocidental, já bem difundida,

multifuncional e automatizada.

O Japão me parece um exemplo positivo de superação. Após cerca de duzentos anos de fechamento ao estrangeiro, na Era Meiji os japoneses souberam transformar em oportunidade a imposição norte-americana de abertura. Assim, aprenderam os conhecimentos e tecnologias que vinham do Ocidente e os aprimoraram. Enfrentaram o trauma de duas bombas atômicas e extraíram dele uma consequência positiva: a resolução constitucional de desmilitarização. Não é possível visitar o museu de Hiroshima e sair com os olhos secos, sem estar convicto de que o desarmamento mundial, especialmente de armas nucleares, deve ser uma das prioridades de quem trabalha por um mundo mais sustentável.

O Japão se globalizou, sim, mas soube manter o valor de suas tradições. Saio do Japão com a impressão de que a palavra que melhor descreve a coexistência do tradicional e do moderno não seria contraste, mas convivência. Você anda por Tóquio e, por um momento, sente-se quase sufocar na multidão. Poucos segundos ou metros depois, encontra um parque e se maravilha com a delicadeza das flores de cerejeira e entende o espírito *sakura*, de aproveitar os instantes belos e breves da vida. Já em Kyoto, você se deslumbra com a paz e a beleza dos inúmeros templos e seus

jardins. Mas é só cruzar um *torii* e chegar à rua para ver o movimento intenso e apressado de veículos e pessoas.

*Sushi* e *sashimi* sempre fizeram parte do meu cardápio de comidas favoritas. Apenas perto de minha casa, em São Paulo, há mais de dez restaurantes de comida japonesa aos quais consigo ir caminhando. Continuarei a aproveitar bem essa boa vizinhança, de forma ainda mais especial. A partir de agora, sempre que comer um *niguirí*, recordarei emocionada a maravilhosa experiência que a JICA me propiciou.

Ter participado do Curso de Educação através de Experiências na Natureza Focado em Ambientes Aquáticos foi uma oportunidade que contribuirá para ampliar e melhorar a atuação da OCA – Laboratório de Educação e Política Ambiental, onde trabalho. Os 50 dias que passei no Japão representaram um período de muito aprendizado e crescimento também no campo pessoal. Por isso, sou extremamente grata ao povo japonês e espero, sinceramente, retribuir um pouco tanto carinho, dedicando-me com afinco à execução do Plano de Trabalho que elaborei aqui.

Thais Brianezi



## SÉRGIO HIROAKI ISHIKAWA

**CURSO TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO COM PREOCUPAÇÃO VOLTADA PARA A PREVENÇÃO DE ACIDENTES E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE**

**PERÍODO JULHO A OUTUBRO DE 2011**

Desde jovem tive minha preocupação voltada para as questões públicas, e na universidade não foi diferente. Frequentei o curso de arquitetura e urbanismo e minha tese de formatura abordava a questão dos cortiços na Baixada do Glicério, na cidade de São Paulo.

Logo que me formei, fui estudar na Universidade de Hiroshima, onde pesquisei durante um ano a recuperação urbana daquela cidade no pós-guerra. Em seguida, estagiei num escritório de planejamento urbano e planejamento de parques de áreas verdes por mais dois anos, participando de projetos de elaboração de centros culturais, parques e áreas verdes, de vilas de abrigo aos refugiados do Camboja, de plano diretor da cidade de Takasaki e tantos outros projetos.

Ao retornar ao Brasil, desenvolvi trabalhos na área de arquitetura e de planejamento urbano por alguns anos, até chegar onde atualmente estou: a FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação.

Surgia-me novamente a oportunidade de desenvolver trabalhos com preocupações voltadas para as questões públicas, mais precisamente para a educação das crianças.

Nesta fundação desenvolvi trabalhos na área da manutenção escolar e de projetos de edificações escolares. Depois de alguns anos, minha atuação na empresa tomou outro rumo

e participei como coordenador do programa da qualidade da construção escolar “TEC ESCOLA”. Posteriormente atuei como chefe do Departamento de Monitoração e Gestão e, neste momento, sou chefe do Departamento da Qualidade. Em todas as áreas por onde passei, o foco principal era: como agregar valor, com o meu desempenho, na qualidade do ensino às crianças.

Nos últimos anos, uma questão maior se evidencia: a preocupação pela preservação do meio ambiente, a sustentabilidade, a sobrevivência do planeta. Não fugi à regra. Procurei aumentar o meu conhecimento nestes temas e direcionei todas as minhas ações com mais esta preocupação.

No segundo semestre de 2010, tomei conhecimento, através da Associação da Província de Shimane, terra natal de meus ascendentes, que a JICA oferecia uma bolsa para estágio com duração de três meses, e que para obtê-la, deveria, inicialmente, elaborar um plano de trabalho. Era uma grande chance para aumentar os meus conhecimentos na área da sustentabilidade.

Elaborei o plano que seria, posteriormente, apreciado por membros da Província de Shimane, que analisariam a possibilidade de atendimento a minha solicitação. Algumas semanas depois, recebi informação de Shimane confirmando a

possibilidade de realização do estágio e que poderia, então, prestar o exame da JICA de proficiência em língua japonesa e inglesa e passar pela entrevista que avaliaria a minha capacitação para participar do estágio no Japão.

Os exames e a entrevista aconteceram em novembro e só fui ter a confirmação da bolsa no final do mês de maio do ano seguinte. Faltavam uns 40 dias para o embarque, fato que me causou certa correria, pois tinha que providenciar a licença do meu trabalho por três meses. Apesar do apuro, tudo deu certo e embarquei conforme planejado, em julho daquele ano.

Desde a chegada ao aeroporto de Narita, a JICA mostrou-se extremamente organizada, a começar pela recepção. Acolheram a mim e outros três brasileiros que também eram bolsistas e que conheci somente no aeroporto. Nos alojamos no *Yokohama Kenshu Center*, onde tivemos três dias de orientações e palestras sobre cultura, economia e história do Japão.

No quarto dia, dirigi-me à Hiroshima, onde fica a *JICA CHUGOKU*. O responsável pelo meu estágio, Sr. Ishigami, me aguardava.

Na semana seguinte, juntamente com meu responsável, fomos para a cidade de Matsue, capital da Província de Shimane, onde efetivamente eu estagiaria.

Os responsáveis diretos pelo meu estágio, altos funcionários do Departamento de Obras e Manutenção, do Departamento de Cultura e Assuntos Internacionais e do Centro Internacional de Shimane, elaboraram um programa minucioso de visitas técnicas e palestras que tornaram o meu período de estudos bastante proveitoso.

Tive conhecimento de todas as ações de governo que disciplinam leis e normas relativas à construção civil, à segurança a aos abalos sísmicos, à destinação dos resíduos,

à preservação da paisagem urbana e à preservação do meio ambiente.

As visitas técnicas a escolas públicas, construídas considerando todos os conceitos de sustentabilidade, foram fantásticas. Existe uma grande preocupação com a economia de energia elétrica, com a geração de energia limpa, o aproveitamento das águas pluviais, a economia da água, o controle racional da temperatura interna da edificação, a disposição do lixo e tantas outras coisas... E para cada uma das preocupações, observei soluções inteligentes de alta tecnologia, tais como: painéis solares fotovoltaicas, cisternas subterrâneas para reserva de águas pluviais monitoradas por computador, utilização de vidros duplos com camada de ar para proteção acústica e ambiental, unidades de tratamento de esgotos, etc.

Sem dúvida, o Japão coloca as melhores tecnologias e técnicas em benefício da sustentabilidade. Mas o fator mais importante que observei nestes três meses de estágio não foram as tecnologias e técnicas avançadas, que, de uma forma ou outra, poderia tomar conhecimento, através de publicações e *sites* especializados. Afinal de contas, o dinheiro tudo compra. Porém, há um fator que dinheiro nenhum compra, e é o fator principal do sucesso do Japão, faz parte do âmago da personalidade do povo japonês: a EDUCAÇÃO. Educação esta que nos leva à civilidade, cidadania, respeito, disciplina e valores.

Nenhuma tecnologia, por mais eficiente que possa ser, não tem a menor eficácia se as pessoas não tiverem conceitos firmes de valores, de obediência às regras e respeito ao próximo.

A JICA me proporcionou, nestes meses de estágio, um novo despertar, um outro olhar a um fato que já me era claro. E vejo com esperança uma possibilidade de vencermos as

barreiras resultantes das mazelas da educação que temos no Brasil.

Trocando ideias com o diretor do Centro Internacional de Shimane, concluímos que, diante destes fatos, tínhamos uma missão. E desta forma, elaboramos um programa de cooperação entre escolas-irmãs, ou seja, um tratado entre três escolas primárias de Shimane e outras três escolas de São Paulo para ações conjuntas, tendo como tema principal o meio ambiente e a sustentabilidade.

Num primeiro momento, organizaríamos uma exposição de desenhos com as crianças das duas escolas, sendo que os desenhos das crianças japonesas seriam expostos no Brasil, e vice-versa.

Espera-se despertar nas crianças brasileiras, através destes desenhos, o interesse pela natureza e também mostrar a elas que, para assegurarmos a sobrevivência do planeta, são necessários a obediência às regras, o respeito ao próximo, cidadania, disciplina e valores.

Já estou comprometido com este programa e estou, efetivamente, participando de ações juntamente com a Secretaria da Educação de São Paulo para efetivação desta cooperação entre escolas do Japão e do Brasil.

Agradeço à JICA por me proporcionar esta experiência ímpar e por despertar uma nova esperança para o futuro do meu país.

Sérgio Hiroaki Ishikawa fixando cascas de troncos de ciprestes "hinoki", das florestas de Shimane, na cobertura de templo shintoísta Izumo Taisha



## GENI SATIKO SATO

**CURSO ENOTURISMO EM YAMANASHI E TURISMO RURAL NO JAPÃO**

**PERÍODO SETEMBRO DE 2011**

A oportunidade de ir ao Japão pela JICA surgiu quando conheci o Professor Yasuo Ohe, de *Chiba University*, em um evento internacional em Parma, Itália.

O professor Yasuo tem trabalhado durante sua vida acadêmica com turismo rural no Japão, em Matsudo, no Departamento de Recursos Econômicos e Naturais da Faculdade de Horticultura.

Através de uma colega pesquisadora do Instituto de Pesca, fiquei sabendo do programa de treinamento e que havia uma linha específica para pesquisadores.

Com uma programação muito bem elaborada, o professor Yasuo, com a ajuda da Sra. Tomoko Noguchi, da Associação de *Nikkeis* em Yokohama, me auxiliou a conhecer este pequeno universo do espaço rural no Japão.

Minha experiência nos últimos dez anos como pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola, da Agência de Pesquisa dos Agronegócios, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, tem sido acompanhar a produção de uvas de mesa e mercado de vinhos no Estado de São Paulo e no Brasil.

Os locais visitados no Japão foram Kofu e Katsunuma, na Província de Yamanashi, que é uma das três principais áreas produtoras de uvas e vinhos no Japão, sendo as outras, Hokkaido e Nagano.

Na primeira semana do programa, o grupo de brasileiros *nikkeis* recebeu um treinamento sobre a cultura japonesa, hábitos, economia e história do Japão, no centro da JICA em Yokohama, uma cidade belíssima. A JICA fica ao lado do porto e do Museu da Imigração. Neste período tive a oportunidade de visitar o grande Buda de Kamakura.

Após o treinamento em Yokohama, fui para a JICA Tóquio, de onde me deslocava diariamente para o *campus* de Matsudo.

A primeira viagem realizada durante o treinamento foi para a região de Yamanashi. E fui muito bem recebida por representantes do governo daquela província, dos departamentos de turismo, agricultura e indústria. Muito organizados, tinham preparado todo o material com dados quantitativos e informações sobre a produção de uvas e vinhos locais, assim como tinham preparado visitas a produtores de uvas e vinhos.

Na província é realizado um trabalho integrado entre governo, comunidade e produtores rurais, para promover a qualidade e o consumo do vinho da região. O turismo tem sido uma via de realização destas políticas públicas, de valorização do produto local através de investimentos na qualificação do vinho e divulgação do vinho no mercado doméstico e internacional.

Em Katsunuma e Kofu, visitamos dois

produtores de vinho. Um deles era um produtor menor, Sr. Mitsumori, que produz uvas de mesa e uvas *Koshu* para vinhos. Em parceria com uma vinícola Asaya, ele produz seu próprio vinho. Este produtor vende seus produtos à beira da estrada, na sua área de 5 hectares, onde os turistas podem também experimentar colher sua própria uva. A outra visita foi à Sakaory Winery, uma vinícola de porte médio que produz vinhos com suas próprias uvas e também com uvas compradas de uma cooperativa. Esta vinícola já tem uma estrutura de vários tanques de inox e presença de uma enóloga para acompanhamento da produção. A vinícola tem uma loja onde os turistas podem degustar vinhos e comprar produtos.

A uva *Koshu* é o principal patrimônio cultural e histórico da região de Kofu, no que diz respeito a vinho. Ela é produzida na área há milhares de anos e somente no ano 2000 descobriu-se que a uva é uma *Vitis vinífera*, sendo própria para bons vinhos. Em 2002, a uva *Koshu* foi registrada como V.v. na Organização Internacional da Vinha e do Vinho, OIV. Desde então, existe uma associação, a KOJ - *Koshu of Japan*, que promove o vinho de uvas *Koshu* no exterior.

Foram realizadas várias degustações com jornalistas londrinos, especialistas em vinho, com a presença de *sommeliers* renomados, como o Jancy Robinson.

Outra experiência com turismo rural muito interessante foi realizada em Saitama, onde uma senhora, com ajuda de dois filhos e o esposo, conduzia grupos de jovens oriundos de centros urbanos para uma experiência de colheita do arroz. Também em sua propriedade rural é oferecido um turismo pedagógico para alunos de escolas do município, que vão à área rural plantar e colher os produtos plantados por eles.

Além deste turismo rural, visitamos uma

outra área onde é realizada uma experiência muito interessante de turismo rural centrado em agroindústrias processadoras de uma única fruta, a *Birwa*, ou nêspera. Este projeto é denominado *Birwa Club* e está localizado em Tomiura, onde os turistas podem apreciar mais de 40 produtos derivados da fruta, desde geléias, sucos, sabonetes, sorvetes e outros. Nos fins de semana, vários ônibus chegam à localidade para visitação.

Todas estas atividades desenvolvidas na área rural fazem parte das novas funcionalidades da agricultura que, academicamente, denominamos de Multifuncionalidade, ou seja, são serviços e tarefas adicionais oferecidos na área rural (além daqueles produtos agrícolas) que geram adicionais de renda ao agricultor.

Estas atividades buscam manter os produtores e as novas gerações nas áreas rurais e resgatar culturas, histórias e conhecimentos da produção local.

Geni Sato



## ROSA YUKA SATO CHUBACI

**CURSO FORMAÇÃO DE ESPECIALISTA EM BEM-ESTAR DO IDOSO**

**PERÍODO OUTUBRO DE 2011**

**O**lá, sou enfermeira e professora doutora do Curso de Bacharelado em Gerontologia da Universidade de São Paulo.

Tivemos a grata satisfação de fazer parte do grupo de seis profissionais (enfermeiras, psicóloga, fisioterapeuta e bacharel em Gerontologia) de diversas regiões do Brasil, que participaram do curso de Formação de Especialista em Bem-Estar do Idoso, promovido pela JICA em parceria com o governo da Província de Miyagi.

Fomos calorosamente recebidas no Alojamento da JICA na magnífica cidade de Yokohama.

Na primeira semana tivemos orientações gerais por parte da equipe da JICA Yokohama e equipe do *Kaigai Nikkey-jin Kyokai*.

Além disso, tivemos aulas teóricas sobre a contextualização dos acontecimentos ocorridos em março de 2011: terremoto, tsunami e problemas relacionados com a usina nuclear de Fukushima. Também tivemos aulas sobre a política e economia do Japão, sobre educação e imigração no Japão e sobre a história e cultura japonesas. Tivemos, ainda, a visita ao Museu da Imigração, onde pudemos conhecer a história dos imigrantes japoneses ao redor do mundo.

Tivemos também informações sobre estratégias de proteção frente a diversos fenômenos, como terremoto, tsunami, falta de

energia elétrica e incêndios, ao visitarmos o Centro de Prevenção de Desastres do Corpo de Bombeiros de Yokohama.

Além dessas atividades, participamos das aulas de japonês, onde aprendemos expressões básicas de apresentação pessoal, expressões de *keigo*, utilização de tempos verbais, conversação do cotidiano, entre outros.

Após este elaborado e intensivo curso preparatório, fomos para Sendai, na Província de Miyagi. Nessa cidade, ficamos instalados em um hotel próximo à estação de Sendai, onde fomos recebidos pela equipe da *JICA TOHOKU* e do Governo da Província de Miyagi (inclusive pelo vice-governador). Tivemos a satisfação de termos um coordenador do curso que nos auxiliou também como intérprete.

Iniciamos, desta forma, o curso na segunda semana, quando pudemos compreender o Sistema de Assistência e Bem-Estar do Idoso, por meio das aulas teóricas no Centro de Pesquisa da *Tohoku Fukushi University*, e conhecemos os serviços de atenção ao idoso que a própria universidade, pela Fundação de Serviços de Bem-Estar ao Idoso, mantém, como campo teórico e prático. São serviços semelhantes aos desenvolvidos em todo território do Japão, como pelo Hospital Geriátrico, Instituição de Longa Permanência (ILPI), Instituição de Reabilitação do

Idoso, *Group Home* para Idosos, Centro de Convivência, Centro Comunitário para Idosos, Centro de Bem-Estar do Idoso, Serviços de *Home Care e Helpers*.

Além das visitas a todos esses serviços de atenção ao idoso, tivemos ainda aulas teóricas como: introdução do papel e função da Fundação da *Tohoku Fukushi University* nos serviços de atenção ao idoso e na comunidade, sobre a realidade da situação do idoso no Japão, suporte familiar e demência, prevenção da violência contra o idoso, o serviço do centro de convivência dos idosos que retornam aos domicílios após internação, o serviço de suporte "*Community Center*", gestão de risco no desastre natural do terremoto em Sendai, a importância da prevenção no uso de serviços de atenção ao idoso, necessidade do envelhecimento ativo e saudável. Ao final houve uma discussão sobre a atenção ao idoso no Japão.

Além destas atividades teórico-práticas, tiveram a preocupação de organizarem visitas culturais, como ao Museu de Serigrafia "*Serizawa*" e aos principais pontos turísticos de Sendai. Visistamos, ainda, Ishi-no-Maki, cidade atingida pelo tsunami ocorrido em março daquele ano, visita essa cheia de emoção e que nos mostrou, além do sofrimento das pessoas atingidas, a garra, a coragem e a capacidade de reorganização do povo japonês.

Este curso mostrou que o Japão possui um sistema de serviços de atenção ao idoso eficiente, acessível e igualitário para todo o território japonês. Pudemos conhecer e perceber que ainda existe um *deficit* de serviços. Por este motivo, o país está investindo na promoção do envelhecimento ativo e saudável. Os japoneses enfrentam problemas na qualidade do serviço oferecido. Portanto, estão investindo na humanização, cada vez mais, do cuidado ao idoso.

O curso ainda mostrou que a

universidade pode empenhar um papel fundamental na implementação de serviços, aprimorando os que já existem e criando outros serviços de atenção ao idoso, e participando ativamente na política pública do país.

Mostrou-nos que não só pelo aumento populacional devemos buscar um envelhecimento saudável e ativo, na tentativa de obter, sempre, uma velhice com o máximo possível de qualidade de vida.

Finalizando, gostaria de lhes dizer que este curso proporcionou-nos, além da experiência profissional, o conhecimento cultural, o resgate e valorização das nossas origens e, acima de tudo, a construção de novos vínculos: a amizade com os japoneses e a amizade dentro do próprio grupo de estagiários. E tudo isso foi conquistado graças ao programa da JICA.

Agradecemos, de coração, a todas as pessoas envolvidas para que essa participação e realização do curso se tornassem realidade.

Rosa Yuka Sato Chubaci durante oficina *Nordic Walking*, no Centro de apoio ao idoso saudável



## OSVALDO NATALE VIEIRA

### CURSO COMPREHENSIVE DISASTER RISK MANAGEMENT

#### PERÍODO JANEIRO A FEVEREIRO E JULHO DE 2012

Caro (a)s companheiro (a)s da Associação dos Bolsistas da Agência de Cooperação Internacional do Japão – ABJICA

Gostaria de congratular esta conceituada Instituição perante a sociedade pelo seu 30º Aniversário de Fundação e por produzir esta edição especial.

A ABJICA na sua rotina institucional sempre difundiu, ao decorrer destes anos, o humanismo perante a sociedade brasileira através de sua missão que é a “representação, divulgação, conscientização e orientação”, e através de sua diretoria e seus membros, que é composta por uma diversidade de profissionais especialistas de várias áreas, que se congregam e visam estimular a conscientização dos poderes públicos sobre a importância da renovação tecnológica no processo de desenvolvimento nacional.

Dentro desta missão da ABJICA perante a sociedade, e fazendo jus ao meu cargo de diretor de relações institucionais, é com imensa satisfação que venho compartilhar com Vossas Senhorias as vivências profissionais: no Japão e nas ações estratégicas no Brasil para difundir a redução de riscos de desastres através da *expertise* do governo do Japão em *BOSAI* (prevenção de desastres naturais).

Em meados do mês de dezembro de 2011, fiquei muito lisonjeado em ser aprovado

no processo seletivo da JICA para participar do treinamento em “CDRM (*Comprehensive Disaster Risk Management*)” - Gestão de Riscos de Desastres -, ministrado pela ADRC (*Asian Disaster Reduction Center*) e JICA, em Kobe, Província de Hyogo, Japão.

Este treinamento no Japão, desde que foi iniciado pela JICA e suas parcerias em meados de 2008, sempre foi almejado por diversos profissionais dos países em desenvolvimento com histórico de desastres naturais. Tornou-se um dos treinamentos muito concorridos por candidatos, e dentro do dimensionamento das vagas pelo escritório da JICA de Tóquio, foram destinadas 2 vagas para o Brasil e as outras para os seguintes países, da seguinte forma: Ilhas de Tonga (1), Ilhas de Salomão (1), Ilhas de Fiji (1), Indonésia (1), Filipinas (1), Haiti (1), Jamaica (1), Myamar (1), China (2). Os candidatos selecionados do Brasil eram de São Paulo e Minas Gerais. Desde o início do treinamento em *Bosai* no Japão até o ano de 2013, o Brasil enviou cerca de 8 profissionais.

Se formou e se integrou a equipe técnica multicultural de 12 profissionais diversificados em 2012, todos com o mesmo intuito de representar diplomaticamente seus países em prol do bem comum e desempenhar suas atribuições perante o treinamento. Durante o estágio técnico tivemos instruções técnicas e práticas (*in situ*) relacionadas a desastres

naturais e tecnológicos.

Estas oficinas técnicas foram ministradas em diversas cidades e regiões estratégicas do Japão, como em Kobe (Kansai), Osaka (Kansai), Kyoto (Kansai), Niigata (Chubu), Nagasaki (Kyushu), Shimabara (Kyushu), Tóquio (Kanto), Miyagi (Tohoku) e Sendai (Tohoku), escolhidas por causa de seus cenários de eventos adversos ou por terem centros de pesquisas técnicas do governo. Dentro das minhas atividades durante o estágio técnico e com a análise das vulnerabilidades no Brasil, através de boas práticas da produção intelectual, lavei como plano de ação estratégica de Redução de Riscos de Desastres no Brasil dois projetos devidamente protocolados e aprovados pelo governo do Japão:

1) Projeto “*Follow up*” com o *Workshop* Internacional “*Brazil Building Resilient Societies in Disaster Recovery Planning*” (Brasil Construindo Sociedades Resilientes em Planejamento de Recuperação de Desastres), nos Estados de São Paulo e Minas Gerais e no Distrito Federal, no período de 17 a 21 de setembro de 2012, no Comando do Corpo de Bombeiros, São Paulo, SP, Governo do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, e no Ministério das Cidades, Brasília, DF.

Este projeto esteve sob a minha coordenação e sob supervisão da JICA. Tem como objetivo capacitar profissionais do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil nos estados brasileiros com a importância do fator humano na prevenção de desastres. Dentro deste, foram ministradas oficinas pelo perito Sr. Sanjaya Bathia, da Unisdr – IRP (*Intl. Recovery Platform*), da cidade de Kobe, Província de Hyogo, sendo capacitados aproximadamente 300 profissionais. O evento foi realizado pela IRP e suas parcerias, Unisdr,

União Europeia, JICA e ABJICA, e com apoio do Ministério das Cidades, Governo Federal, Casa Militar, Cedec – SP, Bombeiros SP, Cedec – MG, Bombeiros MG.

2) Projeto Comunitário de Fortalecimento da Capacidade de Alerta na cidade de Mairinque, SP, no âmbito de projeto comunitário da JICA entre a Prefeitura Municipal de Mairinque, SP, Brasil, e Prefeitura de Mitsuke, Niigata, Japão.

Este projeto esteve sob a minha coordenação e sob supervisão da JICA. Tem como objetivo capacitar servidores públicos e membros da sociedade civil através do treinamento no Japão e em *workshops*, seminários e conferências no Brasil, visando destacar uma cidade resiliente com a redução de danos em desastres naturais. Dentro deste, foram ministradas oficinas pelos peritos da cidade de Mitsuke, Província de Niigata, capacitando 16 profissionais no Japão e aproximadamente 400 profissionais no Brasil. O evento foi realizado pela JICA e suas parceiras, e com apoio do Unisdr, ABJICA, Rotary Internacional, Cedec – SP, no período de junho de 2012 a junho 2013, em Mitsuke, Niigata, e Mairinque, SP.

Essas iniciativas e articulações da minha pessoa junto com a equipe da JICA & ABJICA, como embaixadores da boa vontade perante o governo do Japão, vêm facilitando ao Brasil a mobilização de recursos humanos e logísticos com diversidades de *expertises* para difundir a prevenção de desastres naturais na sociedade.

Ressalvo que o engajamento e comprometimento das equipes de profissionais das instituições organizadoras e o apoio e parceiras foram as chaves para o caminho do sucesso de todos os eventos realizados pela JICA e ABJICA.

## CITO ALGUNS EVENTOS:

Seminário Internacional de Amizade Brasil-Japão “Experiência de Combate aos Desastres Naturais”, de 8 a 9 de março de 2012, no Expo Center Norte, em São Paulo, SP; *Workshop* Internacional “Educação em Prevenção de Desastres Naturais”, em 14 de agosto de 2012, no Auditório do Cemec, Mairinque, SP; *Workshop* Internacional “Educação em Prevenção de Desastres Naturais”, em 16 agosto de 2012, no Auditório do CRQ, São Paulo, SP; RIO BOSAI 2013 - Seminário Internacional sobre “Prevenção de Desastres Naturais”, de 28 a 29 de agosto de 2013, no Hotel Windsor Guanabara, Rio de Janeiro, RJ; MAYRINK BOSAI 2013 - “Seminário Internacional sobre Prevenção de Desastres Naturais”, em 29 de outubro de 2013, no Auditório do Cemec, Mairinque, SP.

Esperamos que através destes frutos colhidos e através das boas vontades políticas entre instituições, mantenhamos essas atividades culturais e técnico-científicas diante da sociedade, visando fortalecer a resiliência em relação a desastres naturais, humanos e tecnológicos.

Agradeço pela estima dos Senhores, sendo representados pelo Sr. Chiaki Kobayashi, representante da JICA, e pelo Sr. Guenji Yamazoe, presidente da ABJICA, e por todas as oportunidades culturais e profissionais propiciadas em nossas carreiras profissionais.

E que possamos continuar contribuindo para um mundo melhor através da qualidade de servir ao próximo em nossas vidas, sempre visando a compreensão entre os povos e a paz mundial.

Desejo-lhes muita saúde, paz, harmonia e prosperidade.

Oswaldo Natale Vieira, primeiro da direita em pé



## FLÁVIO NAKAOKA

## CURSO CHIIKI KASSEIKA - REVITALIZAÇÃO REGIONAL

## PERÍODO SETEMBRO A OUTUBRO DE 2013

Com uma grande turma de jovens amigos iniciamos uma fase de renovação do corpo diretivo da Associação Nipo-Brasileira de São Caetano do Sul e em 2008, tive a oportunidade de assumir a direção do *Seinen bu* (departamento de jovens), e posteriormente, a presidência da associação em 2011, com um grande desafio pela frente: integrar gerações e manter o grupo unido com atividades que divulgassem nossa cultura e costumes.

Sempre buscamos conciliar a força e o imediatismo dos mais jovens com a experiência e paciência dos mais velhos. Acredito ser esta a receita da renovação. Todas as decisões importantes foram tomadas com muita conversa, compreensão e paciência. Nossa entidade tem como missão: preservar e divulgar a cultura japonesa em suas várias formas de expressão, contribuindo para o enriquecimento da cultura brasileira e o desenvolvimento de ambientes sadios para as futuras gerações.

Em 2012 apresentada pela amiga Isumi Higa, conheci a ABJICA onde comecei a participar de algumas reuniões. Logo tivemos a oportunidade de desenvolver alguns eventos. O Primeiro e o Segundo Encontro Nipo Brasileiro - Envelhecer no século XXI, onde apresentamos a importância e as diversas formas de se envelhecer com qualidade. Depois comecei a participar mais dos eventos

da JICA e após assistir às palestras dos então ex-bolsistas e presenciar o brilho nos olhos de quem voltava do Japão, resolvi me candidatar a umas das bolsas oferecidas: *Chiiki Kasseika* - Revitalização Regional, um curso em grupo com um mês de duração.

Nosso grupo era composto por seis integrantes, todos do Brasil: Diretor Financeiro da Assoc. Cultural de Tomé Açú/PA (Terra da Pimenta do Reino) Sr. Ernesto Katsunori Suzuki, Vice-Presidente da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental - Manaus/AM Sr. Hagime Takayama, Presidente da Associação Nipo-Catarinense de Florianópolis/SC Sra. Roxana Shinohara, Diretora Social da Assoc. Cult. Nipo-Brasileira de Porto Velho/RO Sra. Marisa Yuki Kawazu Narimato, pelo Diretor Cultural da Associação de Cuiabá/MT Sr. Jorge Massanobu Kuroyanagi e por mim que vos escreve, da Associação Nipo-Brasileira de São Caetano do Sul/SP.

Outras participantes que fariam cursos de especialização também embarcaram conosco: Silvia Arikita Umezaki, Miriam Keiko Takehara, Cintia Fumie Yamamoto e Hissae Fujiwara.

Desembarcamos no aeroporto de Narita e fomos muito bem recepcionados e encaminhados à JICA Yokohama, sob os cuidados do Sr. Makoto Uchida, onde

permanecemos por uma semana com um banho de cultura japonesa com os *senseis*: Alberto Matsumoto, Masateru Ito, Angelo Ishi e Yoko Shimada. Visitamos o Museu da Imigração Japonesa e muitos outros pontos turísticos. Na segunda semana, nosso grupo embarcou para a região de Kitakyushu em Fukuoka sob a supervisão do Sr. Shiro Kitazawa que nos recebeu no KIC (*Kitakyushi Internacional Center*), um alojamento hotel. Ficamos impressionados com a estrutura do local e com a simpatia do pessoal do *Front Desk* (recepção).

Todos os dias chegavam novas turmas de vários locais: Kosovo, Vietnã, Argentina, Bolívia, Senegal, Afeganistão, Arábia, Ilhas Fiji e outros lugares que eu não conseguia entender... Era tanta gente diferente que usávamos o inglês no primeiro contato: *Hello, where are you from?*

Um mês passou rápido e depois de absorver a essência do povo japonês, era chegada a hora de produzirmos, de elaborarmos um projeto para desenvolvermos no Brasil, um *Action Plan* (plano de ações). Com muita ajuda e paciência do nosso amigo Ernesto que ajudou a todos até altas horas na tradução de nossas apresentações. *Ano né... arigatou gozaimashitá!*

Cada integrante escolheu um tema de acordo com os problemas e desafios de sua região. A metodologia "*Breaking Tsuru*" que através de adjetivos nos leva a definir indicadores e ações, ensinada pelo *sensei* nos ajudou a "quebrar" o problema para se atingir o objetivo. Todo político brasileiro precisa fazer este curso.

Ficou evidente que nós brasileiros estamos engatinhando na coleta seletiva. O ato de separar o lixo é uma questão de conscientização, de educação do povo. Não pode ser visto como uma simples questão

financeira. É uma questão de sobrevivência do planeta. O mundo precisa reciclar.

Este curso ampliou nossas fronteiras, tirou a gente de nosso cotidiano e nos mostrou que podemos mais, que devemos fazer mais pelo nosso país. Meu projeto é relacionado ao meio ambiente, à coleta seletiva. Começaremos coletando PET e Alumínio em nossa associação, depois pretendemos ampliar para a cidade. Me esforçarei para que as lições do *sensei* Miki e os esforços da JICA possam ser revertidos para uma cidade, um país melhor para as futuras gerações.

"A diferença entre o lixo e a matéria-prima é a coleta seletiva" (Mr. Miki, Yoshio)

Planeje todos os detalhes com cuidado, com sentimento e em seguida execute cuidadosamente tudo o que foi pensado anteriormente. Tenha certeza que a somatória dos pequenos detalhes resultarão num produto final de qualidade.

Após apresentarmos nossos projetos e recebermos nossos certificados, ficou claro para todos nós que nossa missão no Japão não estava terminando. Nossa missão estava só começando.

Flavio Nakaoka



Palácio Imperial, Kyoto, Japão

## DIRETORIA DA ABJICA BIÊNIO 2012 -2014

*Presidente* – Guenji Yamazoe

*1º Vice Presidente* – Sérgio Hiroaki Ishikawa

*2º Vice Presidente* – Ricardo Beltrame

*1ª Secretária* – Érica Midori Tanji

*2ª Secretária* – Eliane Gushiken /

Thamiles Miyamoto

*1º Tesoureiro* – Luís Alberto Bucci

*2º Tesoureira* – Maria Nobuye Narimatsu

### CONSELHO FISCAL

#### *Titulares*

Líria Hiromi Okuda

Genessi Sebastião Franzoni

Maria Luiza Costa Pascale

#### *Suplentes*

Helena Yukari Adachi Muraya

Érica Miti Yasui

Marcelo Matsudo

### CONSELHO DELIBERATIVO

*Presidente* – Sunao Sato

*Último Presidente da Diretoria* –

Toshi-ichi Tachibana

*Presidente em exercício da Diretoria* –

Guenji Yamazoe

*Representante do Consulado Geral do Japão*

*em São Paulo* – Toshinobu Tsuboi

*Representante da Agência de Cooperação*

*Internacional do Japão (JICA)* –

Satoshi Murosawa

#### *Membros*

Kokei Uehara

José Ignácio Sequeira de Almeida

Harumi Arashiro Goya

Kenji Takemoto

Emiko Saito Arita

João Vicente de Assunção

Paulo Ferreira

Isidoro Yamanaka

Luiz de Castro Júnior

Hirokazu Sasaki

### DIRETORES DEPARTAMENTOS

*Agropecuária* – Kunio Nagai

*Banco de Dados* – Érica Midori Tanji

*Editorial* – Leni Meire Pereira Ribeiro Lima

*Energia* – Wilson Kimio Tagata

*Eventos* – Nanci Venâncio

*Habitação e Urbanismo* –

Renato Guimarães Pereira

*Informática* – Edwin Hasegawa

*Meio Ambiente* – Sandra Elisa Beu

*Planejamento* – Patricia de La Sala

*Relações Institucionais* – Osvaldo

Natale Vieira

*Recursos Hídricos* – Dorcas Florêncio

Domingues

*Saúde* – Isumi Higa

*Segurança* – Gilberto Tardochi da Silva



Kyoto, Japão

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Páginas & Letras – Editora e Gráfica Ltda





---

Realização



Patrocínio



Apoio Institucional



Apoio

